

AFONSO SCHMIDT

O TESOURO DE
CANANÉIA

Nota Explicativa de EVANGELISTA PRADO

Introdução de AFONSO SCHMIDT

CLUBE DO LIVRO
Rua Conselheiro Crispiniano, 404
SÃO PAULO-BRASIL

1964

CLUBE DO LIVRO

(Registrado, em 1944, no Departamento Nacional da Propriedade Industrial sob n.º. 83.655 e 95.962.)

DIRETORES

Mário Graciotti — Luiz L. Reid (1943-1962) — Waldemar Luiz Rocha (1943-1961)
— Rinaldo Possanzini

CONSELHO DE SELEÇÃO Afonso Schmidt — Nuto Sant'Ana — Raul de Polillo
— Silveira Bueno

REVISORES

Henrique J. Delfim — Jorge Doce — José O. Lisboa — Siqueira Bueno

1.º — A fim de favorecer o gosto pela leitura e a formação de bibliotecas econômicas, selecionadas e padronizadas, existe, em São Paulo, o CLUBE DO LIVRO.

2.º — Mensalmente, desde julho de 1943, o CLUBE DO LIVRO vem editando um livro de notório merecimento, a exemplo deste, devidamente selecionado, e o envia ao seu sócio, que, mediante o pagamento de cento e quarenta cruzeiros, se torna proprietário do mesmo livro.

3.º — Para tornar-se sócio do CLUBE DO LIVRO, com o fim especial de receber o livro mensal por cento e quarenta cruzeiros, é bastante o interessado, se residente na Capital de São Paulo, telefonar ou escrever para o CLUBE DO LIVRO, que mantém permanentemente aberta a inscrição de novas adesões.

4.º — Além do pagamento de cento e quarenta cruzeiros, correspondente à obtenção do livro mensal, as pessoas candidatas a sócio pagarão uma taxa única de inscrição, equivalente àquela quantia e destinada ao expediente, fichamento e transporte a cargo de nossos representantes e agenciadores, devidamente credenciados; as pessoas que assim procederem passam a ter o direito de receber, todos os meses, o nosso livro mensal pelo preço especial para sócio, em cuja categoria ficam inscritas.

5.º — O CLUBE DO LIVRO mantém Serviço de Assinatura Semestral ou Anual. Se o interessado enviar uma carta ao CLUBE DO LIVRO, acompanhada de um vale postal ou cheque, em nome da Editora Clube do Livro Ltda., São Paulo, na importância de 840 ou 1.680 cruzeiros, receberá, sem outras despesas, no endereço indicado, no município da Capital ou em qualquer cidade do Brasil, SEIS ou DOZE livros consecutivos, à razão de um por mês. Neste preço, estão incluídos, a despesa com o porte e o registro postal. As assinaturas começam em qualquer mês.

6.º — Se o associado transferir a sua residência para qualquer cidade do Brasil, o livro continuará a ser-lhe entregue pelo nosso representante, se na localidade existir, ou pelo serviço de assinatura semestral ou anual, na forma do item 5.º, ou por Reembolso Postal, pedindo-o a EDIBRA (Editora e Distribuidora Brasileira de Livros Ltda.), Caixa Postal, 38, São Paulo, Brasil.



EDITORA CLUBE DO LIVRO LTDA.

(Fundada a 1-7-1943) - (A Câmara Brasileira do Livro concedeu o «Prêmio Jabuti de 1960» a Mário Graciotti, considerando-o o «Editor do Ano»)

(Filiada ao Sindicato Nacional das Empresas Editoras de Livros e Publicações Culturais e à Câmara Brasileira do Livro)

A SIGNIFICAÇÃO HUMANA E ESTÉTICA DE UMA OBRA LITERÁRIA

Estamos no clima da lenda e da fantasia. Os sete mares do mundo movimentam-se sob os remos e as velas das embarcações fantasmas e dos navios domésticos, que singram, ininterruptamente, as áreas marítimas, demarcadas pelos paralelos e meridianos. Mil tesouros foram saqueados e escondidos, ao longo das gerações humanas. Embora, hoje, tenham desaparecido os piratas de bandeira negra, a história dos povos praianos está cheia de fábulas e de personagens. Reais ou imaginários? Há certos momentos que a história se nutre da lenda e esta haure e seu humo das narrativas populares, o supremo tabernáculo que encerra a inviolada poesia dos povos.

O grande escritor brasileiro, Afonso Schmidt, põe um desses atraentes episódios de pirataria nas limitações geográficas de Cananéia e na voz fascinante da lenda.

Até que ponto será verdadeiro o terrível acontecimento do Capitão Bow-Legged, o pirata que comandava a bandeira do "Havelock"? Os baús e as canastras, os sacos e os caixotes, fervilhantes de ouro e de jóias, estarão, realmente, escondidos nas terras de Cananéia?

Descrevendo as peripécias de sua fábula, calcada na lenda, realçam-se as suas excepcionais qualidades literárias, que o tornaram, no Brasil e no estrangeiro, um dos poucos autores nacionais mais lidos e mais aplaudidos.

A um leitor menos avisado, que não conheça a maior parte da admirável obra de nosso eminente escritor, do qual o "Clube do Livro", editando-lhe cerca de meio milhão de exemplares, se orgulha de tê-lo como autor mais editado em 21 anos de ininterrupta atividade editorial, poderá parecer, à primeira vista, um pouco desatualizado o título da segunda novela, humana e brilhante fabulação, que completa o presente volume.

"O Dragão e as Virgens", com as suas palpitantes páginas, constituem um símbolo na história dos personagens. É a lenda oriental, transplantada, pela força e pela beleza, de sua narrativa, para a grande metrópole, cheia de dragões da malícia e plena de corações inocentes.

O "Dragão" é o gênio do Mal, que o mito das fábulas antigas transformou em corcel veloz, o animal fantástico, corpo de serpente, cabeça de fera, asas de morcego... Ele devorava, no Oriente, uma vez por ano, as virgens imaculadas, nos sacrifícios rituais dos templos. Hoje, o "Dragão",

no esquema fantasista do autor, está nas cidades, perto de nós, e procura devorar as nossas mais caras quimeras, esmagando as mais belas flores, que os nossos corações conservam como intangidos tesouros.

Para completarmos o atraente volume deste lançamento mensal, incluímos "O encontro de Nimes", magnífica evocação literária de uma das mais comoventes efemérides de nossa história política, quando o Brasil, nos anseios da Independência, escrevia com o sangue de seus mártires e com o sonho de sua mocidade as páginas imortais de sua emancipação, que deve ser a bandeira de todos aqueles que amam este grande País, imenso e belo como um Continente, que tem dado, na medida de seu espantoso crescimento, um prêmio a toda iniciativa, uma recompensa a todo trabalho e uma esperança a todo ideal.

Jamais, a pena de Afonso Schmidt exaltou o lado malévolo, malicioso, indigno, de seus múltiplos personagens. Narrando as suas histórias, forjando na sua oficina o seu mundo quimérico, consegue o autor escrever as suas novelas, que já se incorporaram ao nosso patrimônio artístico e que, em outros idiomas, valorizam a expressão de nossa inteligência e comprovam a realidade de nossos méritos.

Considerado pela maioria da crítica como o nosso " cronista-mor", Afonso Schmidt adiciona às suas novelas urbanas mais esta interessante coleção de magníficas páginas, que confirmam, plenamente, a graça, o estilo, o vocabulário, e, sobretudo, o grande e nobre coração do autor, oculto na história deste ou daquele livro, a palpitar, silenciosamente, ao longo dos capítulos como a animá-los de um sopro que pouco tem de material e de contingente, parecendo provir de regiões ignotas e siderais, onde moram as supremas perfeições do espírito humano.

EVANGELISTA PRADO

São Paulo, 1.º de janeiro de 1964.

CLUBE DO LIVRO

INTRODUÇÃO

A OFICINA EM QUE FORJO OS MEUS MUNDOS

Já não se manuseia livro novo, sem primeiro inquirir das tendências do autor. Por isso, operário deste rude mister, tendo exposto no mercado algumas dúzias de obras de minha fábrica e que, sem corneteante pregão, desapareceram logo dos armários dos livreiros e dos editores, cabe-me dizer um pouco desta oficina, de como componho e aprimoro escritos. Aproveito para tanto o mais minguado e desunido de meus trabalhos.

Não sou futurista, nem tampouco daqueles que hoje se picam de passadismos. É que estes e aqueles, inteligências de primeira água, me parecem extraviados do humano sentir, vitalizando criações cerebrais de pura feitiçaria, à custa de palavras dispostas, às vezes, com elegância e apuro, mas nunca emaciadas pela dolorida realidade cotidiana.

Por temperamento, não compreendo a arte pela arte, jogo de paciência para mandarins; palavras cruzadas. Suponho sempre que quem fala ou escreve tem um pensamento a comunicar, uma emoção a transmitir. A maneira como se desobriga da tarefa é questão de engenho; tanto melhor, se dá mostras de habilidoso e o faz por meio inesperado e atraente. Compreendo que o vendedor ambulante de quinquilharias exiba um lagarto para atrair transeuntes desatentos, que lhe não prestam ouvidos às arengas, mas tenho que o fim do escritor não é mostrar bicharocos, é desdobrar um arco-íris.

Eu, por exemplo, assentei que meu fado é espalhar um pensamento que me deslumbrou, falando a gentes a quem o trato duro da existência embotou a agudeza de percepção. Sei que se desse à minha prosa punhos engomados e os não-me-toques dos salta-pocinhas literários, jamais chegaria com esta oferta de ideal à manjedoura rústica, onde há um Cristo pequenino, adormecido entre ervas.

Devo engrossar as linhas do desenho, tornar os pensamentos palpáveis e apetitosos como frutos, criar um esqueleto de sonho para sobre ele plasmar a greda sanguinolenta da realidade, ou então, como faz o lavrador com terras em pousio, atirar mancheias de idéias ainda que não sejam as da futura safra, para enternecer corações esvaziados de todo pela vida.

Aceitaria jubiloso nova orientação artística desde que ela correspondesse ao instante, que é um alvorecer de almas anônimas. Basta

olhar em redor. Neste momento, a fé, a ciência, a filosofia, as artes e a política vencem um período de turvação correspondente à hora encarvoada que precede à manhã.

Depois do paganismo, anoiteceu para os homens. A teoria de certas elites, que fez um trajeto de ciclone e acabou na fogueira universal de 1914, cortou a terra pelo meio, como se fosse uma laranja. Por isso, resplandeceu um punhado de homens e com ele todas as altas e belas manifestações do espírito humano. A história só fala de reis, príncipes, generais e senhores de escravos. No entanto, o homem, que fez tudo o que vemos e o que pensamos, só aparece nos autos de fé iluminados pelo clarão das fogueiras. Quando sobre a escura humanidade desabrochava uma flor de beleza ou de inteligência, colhiam-na apressadamente para a estufa do seu mundo. Deuse, portanto, uma seleção cuidadosa e prolongada.

Foi assim que certa elite se apoderou da terra, mas perdeu contato com a humanidade, que é a fonte de vida do espírito. E a sua mentalidade, como água empoçada que não tem comunicação com as nascentes, estagnou, apodreceu, cobriu-se de monstros microscópicos. Seu coração mirrou. Seu cérebro perdeu e elasticidade, encoscorou, transformou-se em matriz de terra-cota, onde a matéria-prima do pensamento, arrefecendo, recebia sempre as mesmas formas. Os filósofos tinham o cérebro de certas máquinas de Nuremberg: recebiam o metal candente e expeliam, aos montes, às toneladas, soldadinhos de chumbo.

De outro lado, porém, a humanidade, que não cessa um só instante de criar, continuou nas suas atividades, durante o largo período de esquecimento em que viveu. Como as espigas mais altas eram logo colhidas pela seleção atenta, a obra fez-se ainda mais anônima do que a silenciosa obreira. Há séculos, todos os que mergulham na chusma voltam atônitos à superfície; encontram lá embaixo um mundo novo, esplendido e ameaçador... E até hoje todas as obras-de-arte que ficaram têm um cheiro ácido de suor humano.

Na escuridão e no mal-estar dos bairros pobres, inteligências sem nome, reunindo grãos de areia, construíram sistemas novos, cheios de lógica e beleza, mas incompreensíveis para os que se emparedaram por suas próprias mãos. Uma ossatura gigantesca, de aço, ergueu-se sobre a sociedade antiga, como um arco-íris. De cada lado que se olhe, emerge um botaréu luminoso.

O instante que vivemos é de desequilíbrio, é o ponto em que o fiel da balança pende de um lado para outro entre um universo artificial, que, não podendo transformar-se mais, cristalizou; é o arcabouço do mundo novo, que se delinea, que se condensa entre nebulosas. Ambos se confundem nas suas linhas gerais, mas para o âmage se tornam adversos e, à proporção

que se interpenetram, entram em conflito.

Já não pode haver homem assaz cordato para viver em paz com os outros e consigo mesmo. Todas as vezes que erguemos o pé para dar um passo, encontramos-nos diante de vários caminhos. Viver é julgar com rapidez, clareza e valentia; quem hesita mete um paralelepípedo no alforje, e sentirá para sempre o peso da hesitação.

Acho, portanto, ingênuo reformar uma arte nas suas exterioridades, deixando intato todo o seu sistema endurecido pela arteriosclerose. Não devemos preocupar-nos com os atavios mas com o pensamento que a anima. Uma concepção nova exigirá expressões novas e a transformação se fará por si mesma, como a fisionomia da cidade de ano para ano, de século para século, mercê da iluminação, dos veículos, de tudo quanto o homem faz para melhorar a vida.

Há momentos em que essa reforma, que por aí vai, se torna ridícula; é quando vemos os apóstolos da expressão moderna camparem de guardiões da vida artificial, que ainda levamos hoje, como cidadãos fossilizados, de um mundo que já não existe, que morreu em 1914. Quem quer ser domador de morcegos, ao contrário, trata de habituá-los ao esporte de encarar o sol.

Estamos numa época em que todos sabem o que é preciso dizer. Quem silencia, trai; desaparece. Já não há mais o inútil, há apenas o prejudicial; é tudo o que perverte, toma espaço e absorve energias indevidas.

Não me sobra tempo para o convívio agradável dos poetas. Além disso, são criaturas muito suscetíveis. Nunca consegui estar inteiramente às boas com esses moços, de todas as idades. Por isso, nos dias de festa, em que fico em casa, prefiro o trabalho dos manuais que ensinam, numa linguagem chã, as profissões humildes, porque nas suas folhas encontro, como em veio farto, estreme da ganga literária que cega o cume da palavra e tolda a transparência da expressão, aquele sedimento aurífero de milhares de anos de trabalho e miséria. Escrever assim é garimpar. É ir decantando águas ricas sobre o velo áspero da prosa comum. Quando a operação termina, a batéia resplandece.

Não há mister de inspiração. Para escrever, basta arregaçar as mangas. A observação seca e direta desce por si mesma ao bico da pena; a arte está em guardar-lhe a frescura, como a um ramo de rosas, em conservar-lhe a vibratibilidade de um feixe de músculos despídos da própria pele.

Deste desejo, fiz a minha arte. Se nada consegui, resta-me o consolo de o ter desejado. Daria tudo para atingir a última simplicidade, de modo a exprimir coisas pensadas em palavras vividas; enxaguar a prosa até poder falar ao tecelão com a fluência do fio mercerizado que escorre nos teares, ao ir e vir, azeitado, das lançadeiras; à maruja, subindo ao pensamento tal como os grumetes grimpam pelas enxárcias até o cesto de gávea; aos

pescadores, que são homens cor de ferro, lanceando idéias num picaré de dois calões, emalhando-as no rebojo como peixes prateados entre a chumbada que se arrasta na areia e as cortiças bem entalhadas, que bóiam na arrebentação.

Reivindico a ferraria de meus avoengos. A estrela mordida pela tenaz de mão, chispando no lombo da bigorna! À sombra dela, canta a oficina em que forjo os meus mundos. E sempre que a cinza do desânimo empana o vitral da fornalha, mergulho na chusma para renascer; que o povo é a chegadeira com que ajunto as brasas e o espeto com que sangro o lumaréu.

A. S.

O TESOURO DE CANANÉIA

Cananéia que parece significar, há mais de quatro séculos, terra de Canaã, regula a existência pelas marés(1). Os homens consultam a folhinha para plantar um cajueiro, cortar uma vareta de espingarda, ou colher as palmas de tucum com que fiam a linha e tecem a rede. Os pescadores, estejam onde estiverem, olham para o céu e dizem com segurança que horas são. Pelo rumo e intensidade do vento, pela cor da folhagem, ou ainda pelas nuvens e o vôo das aves, eles sabem com precisão que tempo vai fazer, se há cardume de peixe na costa e se as laranjas estão mais doces.

(1) Canaã (antigamente, escrevia-se "Chanaan") é a denominação que se dá à Terra ou ao País de Canaã, região da antiga Ásia Ocidental, limitada a oeste pelo Mar Mediterrâneo, ao norte por uma linha que corre pelas margens do Rio Jordão e ao Sul por uma linha que vai do Mar Morto ao Mar Mediterrâneo. Segundo as narrações bíblicas, este território teria sido prometido por Deus aos israelitas. Daí é que lhe vem o nome de Terra Prometida ou Terra da Promissão. (Nota do "Clube do Livro").

Seu Lolô é um velho canoeiro do Mar Pequeno. Ninguém atina com a sua idade, nem ele mesmo. Passa os dias sentado na muralha do Porto do Bacharel, chupando a ponta de um cigarro de palha, apagado há cerca de trinta anos. Às vezes puxa o chapelão de palha para a testa e dorme, mas com um olho só, que o outro fica alerta, para dar conta do que se passa ao redor de si. Pela manhã, desce à praia, inspeciona as pegadas na areia e, depois, retomando o posto nas pedras do embarcadouro, informa aos companheiros:

— Não veio gente de fora; só encontrei rastos conhecidos. Seu Lolô tem olho de bugre. Quando é preciso, vai ao trapiche das embarcações, espia o mar e conta os peixes debaixo d'água.

— Não dá mais que um lance; obra de quatrocentas cambucus...

Várias gerações já o admiraram pelo seu feitio, que não muda. O que nos diz sobre o tempo, a presença de cardumes de tainhas, ou as coisas que testemunhou no passado ninguém discute. Ele não mente. Cananéia dorme ali no silêncio e no marasmo; às vezes, o marasmo é tão profundo que aflige,

o silêncio tão pesado que dói. Nessas horas, o forasteiro põe-se a andar de um lado para outro, na ânsia de sentir que o tempo passa, mas o tempo se tornou paralisado. A cidade é velha, humilde e tem pitiú de maresia. Mas boa, como o pão nosso de cada dia! (2).

(2) Pitiú, nome amazônico sob o qual parece que se confundem várias espécies de tartarugas; nome coletivo para as espécies de mau cheiro. (Nota do "Clube do Livro").

Aquele povo, saturado de fósforo, vive para dentro. A , imaginação anda à solta. Todo morro tem Mãe de Ouro, toda cachoeira tem Mãe d'Água, toda noite escura tem lobisomem. Além dessas maravilhas, há uma árvore fenomenal no centro da cidade e um tesouro de piratas enterrado na Ilha do Bom Abrigo, à vista da costa. A árvore é uma figueira, soberbo vegetal que só se utiliza da terra para firmar a monstruosa garra das raízes; a copa, essa anda esgalhada pelas nuvens, pouso habitual dos bandos gritadores de tribas e maitacas. Nasceu entre as pedras de um resto de muralha, Cresceu e tais raízes deitou que um dia, por gratidão, levantou consigo o pano de muro que lhe serviu de berço. Segundo expressão que li algures — apertou no seio e levou nos braços, para o céu, o bendito torrão em que nasceu!

Essa figueira está no centro de um largo e só ela enche a praça. As poderosas raízes de tal modo se afastaram do tronco que, passando por baixo das casas próximas, emergiram nos quintais, nos caminhos, nas áreas próximas e, de novo, mergulharam na terra, sumiram-se no areião, na ânsia de procurar humo para a manutenção do colosso.

O curioso desse *ficus* está num eco atento e solícito que se compraz em arremedar vozes e ruídos, produzidos junto do anoso tronco. Deu origem a lendas de arrepiar o cabelo.

Ao crepúsculo, a molecada brinca debaixo da sua ramaria:

— Você me quer bem?

— Bem.

— Não gosta do anão?

— Não.

E a conversa dos meninos com a árvore se prolonga até que o sino da velha igreja toca longamente, talvez ainda o toque de recolher, como de uso em priscas eras.

O segundo atrativo de Cananéia é o tesouro que devia existir, mas não existe, na Ilha do Bom Abrigo, ali perto. A tal respeito, vou repetir alguns episódios meio históricos, meio lendários, com a singeleza e o cheiro de sargaço com que seu Lolô nos contou naquela tarde comprida, comprida como um caminho de cemitério...

Disse-nos o velho praiano, para começo de conversa, que os mares do Sul são verdes e traiçoeiros. Durante semanas, embalam suavemente os

barcos que por eles se aventuram. De repente, sobrevém a calmaria; os ventos dormem, as águas alisam-se, os horizontes são lambidos por clarões esbranquiçados. Então, as velas esvaziam-se, das vergas pendem à maneira de trapos ao longo dos mastros e o navio fica largado entre água e céu, como um bocado de madeira, perdido, inútil.

Foi isso, precisamente, que deixou furioso o capitão do "Havelock", uma galera de piratas, sem nacionalidade, das últimas, talvez, que por aqui apareceram. Nos primeiros anos do século passado, ainda havia piratas por nossos mares. Perseguidas no Mediterrâneo, essas aves de rapina de asas negras entravam pelo Atlântico, a fim de prosseguirem nas correrias. O centro de suas façanhas foi Argel, até 1830, quando a França hasteou ali o pavilhão. Desse porto, eles prolongavam as excursões até ao Prata, quando não até o Pacífico, com desembarques e abordagens onde quer que lhes sorrisse probabilidade de boa presa.

Esse "Havelock" era de tipo pouco usado em nossos mares; naturalmente, havia sido apresado lá pelo Pacífico e fazia a rota sob as ordens do capitão William Trent, mais conhecido por Bow-Legged, um capenga que tinha mais gilvazes na cara do que se vêem de lanhos no lombo de um cação de fumeiro. Bebia rum da Jamaica em tigela. Fumava cachimbo deste tamanho; cada baforada era uma gaivota que tonteava e caía. Quando estava bêbedo, fazia tanto barulho que alarmava os mais curtidos birbantes da maruja⁽³⁾.

(3) Birbante, biltre, patife, tratante. Em italiano, *birba* é fraude, malícia. (Nota do "Clube do Livro").

Seu barco, de dois mastros, media 140 pés (4) do cadaste à roda de proa, por cerca de 30 de largura. Como embarcação, podia navegar tanto a vela, como a remos. Contava a meia-nau, para o que desse e viesse, bancos para 20 remadores de bombordo e outros tantos de estibordo. Era otimamente artilhado. À proa, estendia-se uma plataforma, onde se alinhavam pesadas bocas de fogo.

(4) Valendo cada pé, como medida, 33 centímetros, o barco teria 46 metros de comprimento e 9,90 de largura; cadaste é a peça da popa, onde se prendem as ferragens do leme. (Nota do "Clube do Livro").

Procedente do Sul, talvez do Pacífico, o "Havelock", depois de aventureira viagem, perseguido de perto por veleiros mais ágeis, foi surpreendido pelas calmarias nas costas do Brasil. O capitão Bow-Legged, que desde a véspera andava de nariz para o ar, farejando o céu, quando percebeu que o tempo estava contra ele, quase estourou de cólera (5).

(5) Em inglês, *bow* é arco, *leg* é perna, *legged*, que tem pernas. A imagem adotada pelo autor seria "pernas arcadas". (Nota do "Clube do Livro").

Capengando de um lado para outro, parecia investir contra todos os demônios, que o atormentavam. Praguejava como um possesso. E, blasfemando sempre, deu ordem a seus homens que tomassem os remos, para que o barco roncoiro se safasse daquele buraco. Obedeceram-no, sem tugir, nem mugir, que a lei ali era atirar os recalcitrantes aos tubarões. E a noite inteira a embarcação se arrastou lentamente, ao impulso dos remos, que fendiam a água morta, dura como asfalto. Eram homens aprisionados nas últimas abordagens. A princípio, remavam cantando como era de uso: depois, cadenciavam o trabalho com os gemidos. Mas o capitão não distinguia uma coisa da outra.

Na sua cesta, lá em cima, o gageiro perscrutava o horizonte. O capitão, de quando em quando, gritava para ele:

— Que vês, milhafre?

— Nada!

Não havia nuvens, nem velas inimigas. E a embarcação continuava a singrar ao gemido, quase que ao choro dos exaustos remadores. Por trás deles, chicote em punho, homens do capitão andavam de um lado para outro, vergastando as costas nuas dos galés que afrouxavam as remadas.

No dia seguinte, o vento apareceu; estava furioso. Uivava como um cão danado. À primeira investida arrebatou um trapo que pendia do traquete. Foi preciso movimentar massame e poleame, arriar vergas, deitar mastros, fechar os conveses e entregar o barco ao demônio, inteiriço como casca de noz. A superfície do mar até então lisa e espelhante, enrugou-se, encarneirou-se de ondas brancas e unidas, empolou-se de banzeiros inchou de tempestade. No céu, estrondavam os trovões; no mar, as águas referviam, empinavam, lavavam o casco, despejando sobre a coberta trombas de espumas. O velhaco que ia na roda do leme, amarrado por cordas ao posto, ficou pendurado pela cintura, sem alento de vida, nem socorro, e o "Havelock" perdido na vastidão e nas dobras da noite.

Mas o dia amanheceu limpo, azul, ensolado. Passada a cólera, o mar apaziguou-se, com todas as alegrias da bonança. Ouviram-se, até, garganteios dos que, trepados pelas vergas, recompunham as velas.

Foi quando se deu aquele encontro com um barco mercante, cujo nome a história não registrou. Com certeza, nesse patacho o assustado gageiro, lá em cima do mastro, metido até o peito no cesto da gávea, pôs-se a soprar a buzina, a fim de alertar a tripulação. Quem seriam os desconhecidos que lá vinham, num tempo em que os patachos portugueses e espanhóis, abarrotados de riquezas, se arriscavam a compridas travessias e eram a presa cobiçada dos flibusteiros, saídos das abras de Argel para, no Atlântico, acometer contra tais navios mercantes?

O observador através do óculo-de-alcance com que especulava o

horizonte, já via as velas negras do "Havelock", que cresciam na sua direção. Alertado no camarim, o capitão do patacho subiu para a coberta e tratou da defesa, Destacou homens para as duas colubrinhas, ou de bacamarte aperrado junto à amurada de bombordo e os que restavam disponíveis espalhados pelos pontos estratégicos, com facas, chuços, machadinhas e espadões de tal modo pesados que, para erguê-los, eram precisas as duas mãos, mas quando caíam sobre o inimigo o rachavam em dois, de alto a baixo.

O "Havelock" ia-se aproximando, aproximando. Como fosse de baixo costado, seus homens lançavam mão dos remos para facilitar as manobras. Por seu lado, os do rico patacho, em seus postos de defesa, viram subir pelas adriças até ao tope do mastro de vante a bandeira sinistra do "Havelock", toda preta com uma caveira branca sobre o X de duas tíbias. Os piratas debruçavam-se na amurada e dos patifes já se viam as cores dos lenços, que traziam amarrados à cabeça e, segundo se dizia de posto para posto, até o brilho das pesadas argolas de metal, que lhes oscilavam, penduradas nas orelhas...

Iniciou-se a abordagem. Para produzir maior impressão nos mercadores e seus homens, os do barco de rapina rufavam tambores, rodavam matracas e martelavam em grandes tachos de cobre, gritando ao mesmo tempo como demônios. A umas vinte braças do cobiçado patacho, a gritaria tornou-se uma saraivada de pragas, blasfêmias e ameaças expressas em palavras capazes de fazerem corar a figura de proa, fosse ela cavalo marinho, sereia, ou santo da devoção dos primitivos armadores.

A embarcação dos bucaneiros foi emparelhar-se com a presa, bordo com bordo, pois aqueles patachos mercantes, de porões atulhados de carga, são lerdos às ordens de comando. A essa altura começaram de um lado e outro, os estrondos dos tiros, seguidos de novelos de fumaça. As balas ou abrem rombos nos costados e derrubam obras mortas ou passam de raspão pelas cordas e roldanas para caírem no mar, lá longe, levantando colunas d'água.

Quando os dois bordos já se encontravam a uma braça de distância, os do "Havelock" puseram-se a atirar robustos anzóis de ferro encastoados na extremidade de cabos de cânhamo, pescando o patacho e sujeitando-o como se faz com peixe grosso. Enquanto isso, de um lado e de outro, as bocas de fogo cuspiam balaços. Os bucaneiros descalços, quase nus mas bem armados, iniciaram a abordagem. Durante minutos, só se escutou o chocar dos ferros, os gritos de incitamento e os uivos espantosos dos que, apunhalados, levavam a mão ao peito e despencavam no mar, entre os dois barcos, para sempre.

A vitória começou a inclinar-se para o "Havelock", já ferido de morte por balaço na linha de flutuação. Um magote dos seus homens saltou a amurada e, furiosos, brandindo lâminas, que se iam tingindo de vermelho,

reuniram-se no convés do patacho e ali se fortificaram no sopé dos mastros, a cavaleiro do pau da bujarrona, ou atrás dos montes de calabres. A seguir, outros tantos valdevinos conseguiram juntar-se a eles, igualmente batalhantes; para melhor atacarem e se defenderem, juntam eles as costas, oferecendo duas frentes ao inimigo. Forma-se ali um bolo de assaltantes. Mas do castelo de proa, o cozinheiro entorna sobre as suas cabeças, de improviso, uma panela de azeite a ferver. Ouvem-se urros e imprecações e, na ânsia da fuga, uns cegos e outros a largarem a pele, todos enlouquecidos pela dor, atiram-se de peito descoberto contra os do patacho que os esperam na ponta das facas. Queimados e sangrentos, rolam na coberta. Os acoçados erguem-nos às costas, conduzem-nos à amurada e os atiram entre os dois cascos, onde a água começa a avermelhar. São logo abocanhados pelos tubarões que os arrebatam para os abismos aonde a luz do sol não chega.

A luta ainda mais se encarniça. Enquanto os artilheiros socam a pólvora nas colubrinhas e metem a bala pelo cano, os tiros do "Havelock", mais bem aparelhado, fazem estragos no patacho. Mastros decepados pela altura dos mastaréis ou dos joanetes, vergas partidas pelos punhos, roda do leme atirada no chão sobre as escotilhas, panos de velas soltos arriados pela refrega, anunciam a derrota irremediável.

O patacho começa a meter água por um rombo aberto no costado, a meia-nau, abaixo da linha de flutuação. E seu casco entra de adernar, lentamente para bombordo. Era o que os milhafres queriam. Tornando-se ainda mais baixa a amurada do barco perseguido, não tiveram mais do que saltar de um para outro, com a faca na mão e a praga na boca. Os lenços de cor que traziam enrolados na cabeça tinham escorrido para os ombros, exibindo crânios felpudos ou lisos, mas cobertos de cracas e de gilvazes. Os brincos dourados rasgavam os lóbulos e caíam no mar.

O cozinheiro tenta entornar nova caldeira de azeite fervente, mas desiste porque os piratas já se haviam assenhoreado de todo o navio, iniciando o saque. Sob as ordens de Bow-Legged, removem a roda do leme, descem pela escotilha em seu poder e, como formigas em correição, voltam, carregando caixas, pequenas canastras fechadas a cadeado, ancorotes de rum e garrafões empalhados cheios de melação de cana. Esses barbudos de torsos nus estão de tal maneira absorvidos na tarefa, que parecem surdos ao martelar das peças e à luta desesperada que os rodeia. Mas uma explosão abala o barco, pondo abaixo a última verga e o pano da derradeira vela. Ao mesmo tempo, pela escotilha aberta, sobem rolos de fumaça negra que se torcem no ar e se desmancham ao sol oblíquo do crepúsculo. Aves libertas à última hora, dando gritos estridentes, espalham-se pela tolda, pousam nos madeiramentos desmantelados.

Em ambos os barcos, ergue-se uma gritaria infernal. E o "Havelock"

move-se lentamente, procurando afastar-se do patacho, para não ser alcançado pelas labaredas. Foi aí que o capitão, com a calma dos belos dias em que vistoriava seu patacho, veio lá do comando e desceu ao porão avermelhado pelo incêndio, a averiguar o que restava da preciosa carga. Os vivos acompanham-no com a vista, pois sabem que o lobo-do-mar está jogando a vida. Que andaré ele a fazer lá embaixo? Pela boca da escotilha, já vermelha e cheia de roncões surdos, golfam novelos de fumaça lívida. O capitão demora, demora. A popa afunda, a proa levanta-se a escorrer água. E o navio aderna de bombordo, começa a afundar. As ondas já alcançam as lanternetas enfileiradas das colubrinhas que, uma a uma, vão silenciando. Mas que estará fazendo o diacho do capitão? Por que motivo ele não volta, para ser preso?

Bow-Legged contempla aquele quadro e, pela primeira vez, tira o cachimbo e sorri. Sorri ou faz uma careta sinistra, que é a mesma coisa.

Tomados de pânico, os sobreviventes do patacho, alguns feridos a escorrerem sangue, agarram-se nas pranchas soltas e atiram-se no mar, na última e enganosa esperança de salvamento. Os tubarões rondam à flor das águas, riscando a superfície escura com a serra membranosa do seu dorso. O mar já é de tinta preta com reflexos de labaredas. E, naquele ponto do litoral sul do Brasil, viu-se ainda por algum tempo um fogaréu a iluminar a noite.

O "Havelock" aproveitou o vento de feição, envergou os panos que restavam e tratou de afastar-se dali. Mas já ia ferido de morte. Numa hora qualquer, a equipagem ouviu um raspar de quilha sobre escolhos, depois foi sacudida por terrível choque, sendo homens e objetos atirados à distância. Os que estavam acordados ouviram um refferver de águas, um ir e vir de massas líquidas e, por fim, o caos.

No dia seguinte, o capitão Bow-Legged que estava vivo e são como um pêro, porque vaso ruim não quebra, pôde avaliar as proporções do desastre. Seu barco, na corrida louca em que ia na direção do litoral, encalhara nos baixios do Bom Abrigo, virando de lado. As ondas entravam e saíam do casco despedaçado. Da equipagem, só se haviam salvo o capitão, o grumete Sharp, de uma escuna inglesa saqueada à vista de Buenos Aires e meia-dúzia de marinheiros exaustos. Não restava sinal de mortos. Provavelmente, a maré os arrastara para longe, ou os tubarões se haviam banqueteados à sua custa.

Nesta altura, Seu Lolô intervém na narrativa para esclarecer alguns passos históricos:

— A embarcação naufragou ali na Ponta de Leste — explica-nos ele — onde antigamente havia uma "amarração", isto é, um entreposto destinado à extração de azeite de baleia. Vovô Pirupava ainda tinha encontrado restos do barco naufragado. Os pescadores até agora chamam esses lugar de Saco da

Galera. E a Ponta de Leste se tornou famosa no passado por servir de abrigo e refúgio aos piratas que infestavam estas paragens. Naturalmente, o capitão Bow-Legged, conseguindo regressar à sua terra, não esqueceu o fabuloso tesouro que aqui deixara contra a sua vontade...

Depois, escorva o cigarro, que há trinta anos está apagado, e retoma o fio da conversa:

— A manhã que se seguiu ao combate estava limpa, o mar bonançoso. Não dava, nem de longe, idéia da fúria da noite anterior. Estes mares são assim. Manquitolando de um lado para outro, diante do barco a meio afundado, Bow-Legged não perdeu a calma. Depois de amadurecer a intenção que o animava, arranjou jeito de enxugar uma botelha de rum (dessa vez pelo gargalo, pois não encontrara tigela) e acendeu o cachimbo que, mediante atos de heroísmo, conseguira salvar... Reuniu os poucos náufragos e, de pistola em punho, fê-los transportar para a praia os fardos preciosos que conseguira retirar do "Havelock".

Depois de refazer-lhes as forças com um almoço de bacalhau cru e vinho de um ancorote, entregou-se com seus homens a novo trabalho. Determinou que pusessem às costas as canastras, que se encontravam no paiol-dabolacha e fê-los caminhar para o morro, sob as suas vistas. Seguiu-os com uma pistola em cada mão e duas cartucheiras à cinta com a munição suficiente para um combate... Os náufragos entraram pela orla do mato, alcançaram os rochedos, meteram-se por trilhas de onça e chegaram ao pé de grande árvore que pendia das barrancas a pique.

Aí, fizeram alto. Obrigou-os a cavar um túnel de duas braças de extensão. Terminado esse trabalho, conduziram para o fundo as canastras de couro cru, acondicionando-as umas sobre outras. A seguir, fez repor a terra e as pedras até entupir a entrada do túnel, deixando-a lisa e rasa como se nada tivesse acontecido. Ainda mais, mandou atirar pedras pelas imediações, de modo que não parecesse obra humana e, por última preocupação, plantou na boca fechada do esconderijo aquelas trepadeiras praianas, que são sem-vergonha e florescem perenemente umas campainhas cor de rosa. Quem por ali passasse estaria longe de supor que, naquele local, jaziam enterradas e escondidas diversas arcas contendo rica presa de assaltos e abordagens. Sharp, o grumete do patacho incendiado, que o destino metera em tão maus lençóis, tinha-se mostrado dócil com o verdugo, porque o momento era de esperteza e não de valentias, mas não perdera de vista as mais secretas intenções do ferrabrás.

Terminada a tarefa, todos voltaram ao local, onde jaziam os destroços do "Havelock". Nos sobejos do almoço, ainda encontraram com que matar a fome. E já era hora porque, dentro de pouco, entrou de escurecer. O mar parecia calmo, as praias iluminadas de ardentias. Das matas da ilha, chega-

vam os gritos das aves, os miados das onças. Só lhes restava dormir. Alguém pensou acender gravetos mas o capitão sorriu sinistramente, assim como quem diz:

— Acenda um fogacho, se tiver coragem, que eu lhe meto uma carga de chumbo entre os olhos!

O desavisado alguém que havia lembrado aquilo deitou-se ali mesmo na areia morna e os outros o acompanharam. Sharp, no entanto fez um grande esforço para não dormir. Fez mais: cerrou os olhos e roncou como um porco, sem contudo perder de vista Bow-Legged. Lá pela meia-noite, o capitão soergueu-se e pôs-se a deslizar como um gato entre os que dormiam. Por duas vezes, Sharp viu brilhar, à luz das estrelas, a machadinha do capitão. Cada vez que brilhava, ouvia um baque abafado, um grunhido, um suspiro. Compreendeu. O celerado, para desvencilhar-se das testemunhas e sócios nos tesouros que havia enterrado, resolvera sangrar um a um aqueles a quem o mar havia poupado. Certo disso, o grumete safou-se pela sombra, alcançou a praia e por ela se adentrou, até que a água lhe bateu pelo peito; depois, com a roupa numa trouxa amarrada nas costas, nadou em direção do continente. Preferiu ser preso e, talvez, enforcado como pirata a morrer degolado pela machadinha de Bow-Legged.

Neste ponto, Seu Lolô abriu outro parêntese para ilustrar um novo pormenor. Quis dizer que, fugindo ao capitão, o grumete ia enfrentar um perigo talvez mais sério. Então, contou a história do Canteiro, um tipo popular de Cananéia, muitos anos depois. Hoje, no alto da Ilha do Bom Abrigo, há um posto iluminativo. Antigamente, até ali por 1880, havia um farol. Durante a sua construção, naufragou uma canoa que transportava trabalhadores; os tripulantes foram devorados pelos peixes... Só se salvou o felizardo Canteiro, que nadou toda noite, indo alcançar a ponta do Itacuraçá, onde foi recolhido por pescadores.

Mas voltemos ao ruivo Sharp. Ele foi feliz. Os peixes também não o abocanharam. Conseguiu alcançar, são e salvo, o continente. Vestiu a roupa encharcada, meteu-se por terra adentro, ganhou o caminho de São Vicente e dali, não se sabe como, rumou para o Sul. Em viagem, porém, com a memória ainda fresca, tomou de um papel e no mesmo fixou o roteiro das arcas, com indicações exatas sobre o local em que fora cavado o túnel. Esperava um dia apropriar-se do tesouro.

No ano seguinte, numa cidade do Rio Grande do Sul, o combalido Sharp sentiu-se morrer. Dirigiu-se a um médico, que o recebeu em casa e o tratou durante meses. Mas o mal era sem cura. Ao fechar os olhos, chamou o seu benfeitor ofereceu-lhe o roteiro, como paga da generosa hospitalidade. O médico, céptico, nenhum valor lhe atribuiu. Anos após, casou-se uma sua filha e levou consigo o documento. Meio século decorrido, ela, já viúva, não

tendo mais parentes, mudou-se para São Paulo, sendo recebida pela família do Professor Eduardo Pereira, um educador que deixou fama pelos compêndios que escreveu e pela pureza de sua existência. Falecendo essa senhora gaúcha, o documento voltou de novo à baila.

Em 1910, o Dr. Carlos Pereira, filho do Professor, fez uma excursão de que muito se falou à Ilha do Bom Abrigo. Acompanharam-no o Coronel Meireles, da Secretaria da Justiça e outras figuras de relevo na época, entre as quais juizes e um Ministro do Tribunal. Levaram consigo a cópia do roteiro de Sharp. Tiveram horas de intenso júbilo. Identificaram todos os indícios assinalados no papel. Na direção das setas inculpidas sobre a rocha, depararam com vasto buraco atulhado de carvão, já comido pela terra. Era, exatamente, naquele ponto que outrora devia ter sido enterrado o tesouro, constante de arcas e canastras atestadas de moedas de ouro, jóias de valor incalculável, tiradas de templos saqueados, lingões de prata e uma verdadeira chuva de pedras lavradas por artistas incas.

A expedição lá encontrou tudo quanto estava assinalado na cópia do velho documento. Ah! É verdade... Esquecíamos de dizer que só não descobriu uma coisa que, para o caso, tinha certa importância: o tesouro! Não achou coisa alguma, ao cabo de longas e dispendiosas pesquisas. Isso, porém, não impede que a Ilha do Bom Abrigo continue a ser, na opinião de muita gente, povoada de mistérios, riquezas e assombrações. É que — conta-se em voz cava — os marinheiros assassinados quando dormiam, lá permanecem enterrados. A desoras, são pressentidos fantasmas que arrastam grilhões e espantam as aves marinhas. Ouvem-se soluços profundos pelas brenhas escuras. Há cochichos, rezas, pragas, uivos e até gritos lancinantes, que põem de pé os cabelos do mais corajoso mortal que lá pernoite.

De uma feita, tripulantes de certo veleiro norueguês ancorado nas proximidades resolveram dormir na ilha, onde haviam passado a tarde em excursões. Mas ali pela meia-noite, tais coisas espantosas viram e ouviram que, amalucados de susto, tomaram depressa o escaler e regressaram a bordo.

Os antigos práticos da barra, nas vezes em que lá foram obrigados a pernoitar, tiveram, também, de fugir. No extinto farol, cujo torreão ainda se ergue no ponto mais alto da ilha, deslizam vultos escuros que ao luar sobem pelas escadarias talhadas na pedra e por onde, há muitos e muitos anos, ninguém se aventura. Mas isso deve ser fantasia daquele povo saturado de fósforo. E ali o fósforo resplandece em tudo. Em redor da misteriosa ilha, a ardentia é tão viva que os rochedos aprumados sobre a água parecem lambidos por chama de álcool. Os pescadores dão-lhe o nome de Mar de Fogo.

Mas há outra versão para o final desta história. Encontrei-a no livro

"Roteiros e Tesouros", de Fernando Bittencourt (edições G. R. D. Rio de Janeiro). Segundo referido autor, William Trent, ou Bow-Legged, depois das façanhas praticadas em nossa terra conseguiu alcançar os Estados Unidos, onde aguardou condições favoráveis para reaver o seu tesouro. Mas os anos foram-se passando; o capitão envelheceu, enferrujou e conseguiu decair ainda mais. Vagabundeava pelas ruelas do porto, onde viviam patuscos de toda marca, fossem frascários capitães de barco ou hirsutos moços de convés, hábeis no manejo da navalha e da faca sevilhana.

As tavernas, lôbregas e imundas, tresandando a gim e a mistério, eram o quartel-general de piratas, flibusteiros ou bucaneiros, assim como de toda sorte de gatunos e assassinos. Bow-Legged bebia cada vez mais, promovendo sangrentas rixas, até que de uma feita costurou de facadas um parceiro, sendo por isso recolhido à prisão, por muitos anos.

O pastor Emerson visitava os presos, falando-lhes de Deus. Assim conheceu o turbulento marinheiro que, já sem esperança de vir buscar os tesouros escondidos pelas praias da América do Sul, resolveu confiar-lhe roteiros e mapas que os localizavam.

Terminada a Guerra de Secessão, nos Estados Unidos, o general John Bell Hood, veio ao Brasil com o intuito de instalar colônias para alojar os sulistas intransigentes. O pastor Emerson aproveitou a sua companhia. Depois de procurar um dos tesouros no Uruguai, adoeceu e desistiu da empresa. Quando faleceu, o roteiro ficou com sua viúva; essa senhora, muitos anos depois, velha e doente, ofereceu-o a um brasileiro, naturalmente da sua igreja. Seu filho?, Carlos Pereira de Magalhães, associou-se com o Coronel Meireles, que trataram de fazer pesquisas na Ilha do Bom Abrigo.

Tal é a documentação, possivelmente histórica, do escritor paulista que se estende por dez páginas compactas sobre as andanças dos seus expedicionários. Quanto a mim, limito-me a indicar essa preciosa fonte à sede de aventuras de algum de meus leitores, amigo de enigmas, charadas e quejandos passatempos.

O estudo desse rébus poderá encher toda uma noite de insônia aos que, por acaso, não se tenham levado para o quarto um chazinho de *papaver somniferum*... (6).

FIM

(6) Rébus, logogrifo, acompanhado de figuras, cujos nomes têm semelhança com o que se pretende adivinhar; *papaver* é o nome científico da papoula, planta de que se extrai o ópio, que serve de narcótico. A papaverina é um dos alcalóides do ópio. (Nota do "Clube do Livro").

O DRAGÃO E AS VIRGENS

I

CHAPELEIRA DE VOLTA DO SERVIÇO

— Era uma vez...

E a mãezinha, cerzindo roupas velhas à luz do lampião de querosene, recomeçava a eterna história⁽⁷⁾. Suas palavras pobres tocavam-se de maravilhas. Era sempre no país encantado. Algo remoto e presente; no "tempo de dantes" e ali mesmo, talvez, atrás daquela porta enquadrada na sombra.

(7) Cerzir, refazer com linha pontos rasgados da roupa; coser, remendar. O mesmo que cergir. (Nota do "Clube do Livro").

Pureza voltava para casa, lembrando-se daquela história. O mistério da cidade azul ainda hoje a assustava. Era só pensar nela e a paisagem diluída reconcentrava-se como se mãos invisíveis urdissem tapeçarias do Oriente. E a moça, na imaginação, revia a planície onde o casario se amontoava; os palácios, que eram brancos como magnólias pousadas num crescente de praia, entre céu e mar; as mesquitas de torres lanceoladas, onde sacerdotes vestidos de linhos puríssimos abençoavam todo o vale juncado de fiéis, os braços atirados para a frente agitando a cabeça a ponto de a testa encostar na poeira do chão. As vielas estreitas formigavam de gente; príncipes de sangue, o olhar oblíquo, passavam seguidos por um séquito de escravos; princesas de cintura fina e cabelos caídos pelas têmporas bordavam atrás das adufas gradeadas; mercadores encarapitados na giba dos camelos, escravos conduzindo burricos pelo cabresto, mendigos cocando as mazelas com cacos de telha...

E o cenário dessas lindas coisas? — perguntava ela a caminhar para casa, já preocupada com a hora. Era tão bonito! Ao fundo, o monte encapuzado pela poeira luminosa das nuvens. Era lá no alto, quase no pico, que o Dragão vivia encafuado numa furna. Todos os anos, pela Páscoa, subiam as virgens a ele destinadas. Umas, iam à força, desmaiando a cada tropeço; outras, faziam a escalada, silenciosas e graves, como santas; muitas, no entanto, atiravam-se às doidas, montanha acima.

No sopé, cá embaixo, os homens obrigavam-nas a subir a encosta, para o

sacrifício, envenenando umas, deslumbrando outras, apressando as retardatárias a pontacos de lança, a chicotadas. Era bárbaro, mas representava a defesa da maioria. Se aquelas mulheres não fossem aplacar a fome do Dragão, ele, o monstro repelente, como se contava, desceria à cidade, arrebatando para si todas as mulheres, até mesmo as filhas dos reis.

Naquele tempo (continuou Pureza em suas lembranças) o céu era azul, as tardes úmidas, as cercas floridas. Pensou nisso, ao sentir a recordação olfativa dos jasmims que estrelavam um muro velho. Havia tantos anos!

Um estudantelho passou por ela, livros debaixo do braço, pincelada de luz nos cristais dos óculos redondos. Ia distraído, a assobiar a canção da Primavera. O meninote fê-la lembrar-se do Renato, um amiguinho daqueles tempos. Filho do agente do correio. Mais tarde, mudou-se. Agora, cursava a Escola de Medicina. E nunca mais fora visitá-la, com a mãezinha e o Neco.

Foi assim, a lembrar coisas idas, que Pureza entrou na avenida ampla, ladeada de eucaliptos. Recordava e sorria.

Sorria e recordava. No tempo em que o céu era mais azul, as tardes mais úmidas e as cercas mais floridas, sua família habitava perto do mar, numa casa velha cercada de árvores, talvez a casa mais graciosa do bairro pobre. O pai trabalhava numa empresa fornecedora de navios. Não tinha hora certa para comer, nem dormir. Andava invariavelmente de mau humor. Ao entrar, atirava o capote grosso para cima de um móvel e, mastigando queixas, abancava à cabeceira da mesa, esperando que lhe servissem a refeição. Até mesmo nos dias de folga, ele comia nervosamente e resmungava, por hábito. Depois de engolir o último bocado, puxava a cadeira para junto da janela e ali ficava um pedaço, sem dizer palavra, chupando com gana o cachimbo de cereja. A sala ficava toda impregnada daquele fumo adocicado que ele trazia de bordo. Toda a sua pessoa tresandava a London Dock.

A mãe parecia ter vindo ao mundo para cerzir trapos; consumia-se, dia e noite, a fuxicar a roupa velha de um balaio. Certa vez, quando Pureza era ainda pequenina, a mãe contou-lhe a história de um diabinho, que se comprazia, por maldade, em fazer ceroulas e camisas em frangalhos, para por à prova a sua paciência. A menina, durante dias, andou pelos cantos à procura do malfazejo, para contar-lhe que a mãe sofria com as suas perversidades. Agora, lembrando-se disso, sentia os olhos turvos de lágrimas.

O pai, depois de puxar fumaças até o sarro estertorar no tubo do cachimbo, pedia a roupa limpa, mais com um grunhido que com palavras. A mãe abria o gavetão da cômoda e de lá ia tirando as peças que ele devia trocar. Pureza — lembrava-se como se fora ontem — gostava de ajudá-la nessa tarefa porque os trapos de tão brancos pareciam anilados e o interior do móvel exalava um cheiro agradável de alfazema. Esse odor caseiro

provinha de uma peteca minúscula, perdida lá no fundo, e que a menina sempre cobiçara. A mãe dizia que a alfazema era por causa das traças.

Quando as duas saíam do quarto, a dizer ao pai que a roupa limpa estava no espaldar da cama, encontravam-no adormecido, com a cabeça do Vizir sobre a perna. Esse Vizir era um cachorro felpudo, enorme, que um dia entrara pela porta adentro, a cambalear de fome. Deram-lhe por dó um prato de restos para comer e um saco de aniagem num canto para dormir. O cachorro adotou a família e lá ficou para sempre. Só o Vizir fazia jus às raras carícias do pai.

Ao acender-se o lampião da sala, o homem acordava, empurrava o cachorro e ia vestir-se. Minutos depois, saía, sem dizer até logo. Então, a mãezinha sentava-se quase embaixo da luz e, meio cega, voltava à faina de pespontar frangalhos. Quando estava muito preocupada, cantava uns lundus fora da moda. Repetia-os, indefinidamente, sem dar por isso. Na sua boca, todas as modinhas eram tristes como rezas. E Pureza sorriu mais uma vez ao lembrar que até agora, na idade febril, num ambiente de *jazz*, ainda gostava de ouvir aquela cantiga humilde, enternecedora...

— Má rais ta parta!

O cocheiro retesou-se na boléia, os cavalos sopitados afocinharam nos joelhos e um carro de cervejaria estacou bruscamente na curva, dando tempo a que ela, incólume, atravessasse a rua. Ainda ouviu o homem dizer-lhe improperios. Depois, o veículo partiu com sucessivos estalidos de chicote. Vexada, a chapeleira arriscou um olhar para os lados. Um verdureiro siciliano, de brincos, admoestava-a em dialeto. Um moleque, vendedor de jornais, ria com a boca fendida até às orelhas. E, de novo na avenida lavada de sol, retomou o fio das lembranças. Um dia, o pai voltara da porta para recomendar;

— Aninha, não deixe Pureza brincar com a filha do latoeiro; ela é uma perdida.

E saiu, sem esperar resposta.

Era claro que o pai se referia a Vicência, um pouquinho mais velha do que ela. Era pequenina, magra, e saía para a rua vestindo as calças do irmãozinho. Quem passava e a via assim julgava-a um menino. Os moleques diziam que ela andava a vender farinha, por causa de uma nesga de fralda, que sempre trazia para fora das calças. Seu chapéu encarnado era muito interessante, porque já havia tomado a forma de um sino. Sob as abas descidas, repontava um cabelo selvagem, como estopa cor de fogo. Os olhos eram grandes e redondos, alumando-lhe o rosto fino. Toda ela eram olhos. Os dentes bonitos andavam sempre à mostra, porque Vicência vivia constantemente a rir, para todas as coisas.

A recomendação do pai aborrecera-a. Precisamente naqueles dias, Pureza

ansiava por acamaradar-se com Vicência que, na semana anterior, tinha vindo morar na vizinhança. Pensou:

— Agora, dez anos decorridos, onde andará a pobre? O destino faz da gente gato e sapato. Talvez, tenha morrido.

Ainda estava absorvida a responder a tais perguntas, quando alguém lhe dirigiu a palavra:

— Como vai ela carrancuda!

Era o Luciano, um rapazola nascido no Posilipo azul. Estava à porta da loja, onde vendia miudezas durante a semana. Mas, aos domingos, brilhava no futebol do bairro. Pureza, todas as tardes, passando por ali, caminho do emprego, encontrava-o à porta, exibindo o peitilho de seda e as melenas lambidas, mostrando desejos de conquistá-la.

Voltou-lhe o rosto e passou. Mais adiante, abaixou-se levemente para bater uma dobra do vestido e espiou de esguelha; ele tinha caminhado para o meio fio da calçada e ali ficara a olhá-la. Tinha as duas mãos metidas nos bolsos e fazia tilintar os níqueis.

OS CONHECIDOS DO TEMPO DE MENINA

Na semana anterior, o latoeiro tinha ido morar na vizinhança. Pureza lembrava-se muito bem do homem, da mulher, dos filhos. Do lado esquerdo, logo depois do muro leproso de cartazes, erguia-se um sobrado como hoje raramente se encontra; era antiga cocheira transformada em casa de cômodos. No rés-do-chão, larga porta dava acesso ao armazém do Nazário. Curioso... Nunca mais vira aquele rendeiro, nem se lembrara dele... Onde estaria agora? Era um sujeito curto e grosso, com bigodes que mais pareciam uma aranha grudada no lábio superior. Andava sempre de tamancos, com as mangas sungadas, presas por elásticos vermelhos. Dizia-se à boca pequena, entre vizinhos, que ele armava no sótão um alçapão para caçar os gatos. Punha-os de vinadinhos, comia-os moqueados.

Ao lado da antiga cocheira, corria um túnel úmido e bafiento. Na extremidade, ao fundo, subia a escada de pedra para o andar superior, onde morava gente pobre, às pencas, em células separadas por biombos de lona, emplastadas de gravuras de jornal, grudadas a sabão. O corredor e a escada eram de tal maneira escuros que, dia e noite, lá estava a arder um candeeiro, a fingir que os alumia. E o bairro inteiro estava farto de saber que aquela luzinha do Nazário era alimentada com a gordura dos bichanos que ele comia...

Certa noite, apareceu no armazém um brutamonte vestido de veludo esgarçado, com dragonas pretas, botas curtas e chapéu de abas largas. Tinha cabelos compridos e olhos vivos. Devia ser estrangeiro. Propôs alugar a entrada do corredor para nela instalar oficina de latoeiro. Na cela mais próxima, instalar-se-iam ele, a mulher e os filhos, ninguém mais. Como lhe conviesse o preço estipulado pelo vendeiro e pagasse logo, com dinheiro tirado da cinta larga, fechou-se o ajuste e, no dia seguinte, começaram a aparecer os cacarecos do novo locatário. Pouca coisa: camas de vento, mesinha quadrada, encardida pelo uso de muitos anos, bancos, utensílios, ferramentas de formas extravagantes, baús de folha de Flandres e panelas.

Pureza correu a ver aquilo. Eram tornos de palmo e meio, bigornas do tamanho de um punho fechado, martelos, fogareiros de álcool, lâmpadas de bico, soldadores, lingotes de estanho para consertar panelas furadas, enfim, todo o arsenal de miudezas que os caldeireiros lombam pelas ruas desertas, tirando sons característicos de uma frigideira para anunciar a sua passagem.

Dias depois, o latoeiro já estava estabelecido. E por todo o bairro, de sol a sol, escutava-se um alegre martelar de lâmina sobre bigorna. Não havia nada de estranho naquela gente, como a princípio parecera a muitos. A pequena família vivia como os demais. A mulher lavava roupa no tanque. A filha trocava pernas pela rua. E o marido, que se chamava Constantino, embriagava-se com regularidade. Quando estava a cair de bêbado, debruçava-se no balcão da venda e cantava coisas guturais que ninguém entendia. Lá pelas tantas da noite, o Nazário, para fechar o negócio, tinha de atirá-lo à rua, pesado e grunhidor como um suíno.

Pureza recebeu Vicência com simpatia. Nunca tinham visto criança mais suja. Quando ela se aproximava, sentia-se logo um cheiro de pão crestado, de casca de mexerica. Deu-lhe, à primeira vista, o nome de Chapeuzinho Vermelho, porque assentara lá consigo que aquela menina era a mesma da história do lobo e da avozinha. Além disso, a pobre vivia de déu em déu. Quando tinha sono e o sol faiscava no maçadame, sumia debaixo da primeira carroça que levantava para o céu os varais e dormia na relva, bem-aventuradamente.

Conhecia todas as fruteiras das chácaras vizinhas, o sabor especial de cada uma delas, a altura dos muros que as defendiam e os pontos vulneráveis das cercas, urdidadas com arame farpado e roseiras bravas. Os cachorros de guarda acamaradavam-se logo com ela, traindo a confiança dos amos. Sabia-lhes os nomes e, alisando-lhes o cogote, obtinha sua cumplicidade. Pureza — confessava-o agora, com sobressalto — sentia naquele tempo uma inveja dolorida de Vicência.

E tinha motivos de sobra para isso. Sua vida era outra. Pela manhã, depois de um banho na bacia grande, com água aquecida no quintal, em lata de querosene, vestia-se, calçava-se e ia para a mesa. A mãe servia-lhe café com leite e pão torrado sobre a chapa do fogão. As vezes, quando faltava o leite, ela lhe dizia com amuo:

— Precisamos arranjar outro leiteiro, que o nosso se esquece dos pobres... — e ria com indefinível tristeza.

A filha não respondia, mas estava certa de que não fora esquecimento do fornecedor; fora o pai que, alta madrugada, ao chegar da rua, não deixara os níqueis do costume debaixo do papel em bicos que orlava as prateleiras do armário.

Depois do café, tirava a pasta do cabide, metia lá dentro o pão seco da merenda e ia à cozinha perfilar-se diante da mãe, que varria meticulosamente o cisco dos cantos.

— Já vou, mamãe!

Ela interrompia o serviço e esquadrihava-a com a vista.

— Mostre as unhas.

Pureza estendia as mãos unidas.

— Estão limpas... Olhe, dê uma escovadela nos sapatos...

— Já estão acalcanhados.

— Não importa; o essencial é que estejam limpos.

Momentos depois, voltava à sua presença. Ela se dava por satisfeita:

— Muito bem. Agora, vá com Deus!

Mas quando Pureza já estava na porta, fazia-a voltar:

— Pureza, venha cá!

Atendia, dócil. Era que, apesar da sua falta de vista, havia lobrigado um fiapo apegado ao paninho ralo da blusa.

Só depois desse ritual é que a menina saía a correr, numa alegria doida, pela rua chamejante de reflexos.

A escola mista ficava no largo, mesmo no fim da rua. Era um prédio baixo, de largos beirais, pintado de escuro, com a tinta já encarquilhada a desprender-se, formando desenhos fantasistas. Tinha três janelas sem vidraças, sempre abertas sobre a praça tranqüila, onde cachorros dormiam ao sol e galinhas mariscavam entre as guaximas.

Defronte da porta, havia uma árvore velha, com banco de tábuas a circundar-lhe o tronco. Ali, os vadios do bairro, corridos pela soalheira estridente, vinham contar histórias trelendo com os que passavam. De quando em quando, uma flor roxa e carnuda desprendia-se dos galhos e caía no chão atapetado de folhas secas, com um ruído embalador: taque, taque, taque... E as aves, que desciam da serra, procuravam pouso na folhagem escura, enchendo-a de pios e bater de asas.

O professor era seu Cantalício, baiano, de cabeleira pampa, óculos amarelos, que gostava de narrar episódios da revolta da Armada, iniciando invariavelmente os seus relatos por esta frase: "No tempo do Fulóriano...".

Às oito horas, ele sacudia no ar uma sineta alegre.

A meninada entrava de supetão, atabalhoadamente, procurando assento em longos bancos paralelos, diante de carteiras rudimentares. Sentavam oito em cada banco. Os bem comportadinhos, que não eram os mais inteligentes, nem os mais aplicados, iam logo para seus lugares e aí ficavam, de braços cruzados, olho fito na ponta do nariz, à espera de que o mestre invocasse seu exemplo para ter mão à vivacidade dos demais. Os mais traquinas, fingindo arrumar os livros embaixo da carteira, cutucavam-lhes as pernas com a caneta, por baixo do banco, e, aos seus gritinhos abafados, espocavam risadas mal contidas.

— Seu mestre, dá licença de ir lá fora?(8).

(8) Seu, adjetivo e pronome pessoal; forma reduzida de senhor, usada, principalmente, pelo povo; seu Antônio, seu José..A tendência é para generalizar-se o uso de " seu" em lugar de " senhor". (Nota do "Clube do Livro").

— Recuso!

No banco de Pureza, sentavam-se, entre outros, o Renato, filho do agente do Correio, agora estudante de Medicina e, mais tarde, aquela selvagem Vicência, que nunca passou do ABC e que, no dizer dos colegas, cheirava a frango molhado. Era muito interessante, porque comia as cartilhas umas atrás das outras, como as cabrinhas mimalhas comem a casca das goiabeiras.

Mas essas coisas tinham-se passado lá longe, no bairro do porto de mar, naquele tempo em que o céu era mais azul, as tardes mais úmidas e as cercas mais floridas. Agora, morava na Capital, com a mãe e o irmãozinho; o pai tinha morrido.

Depois de lembrar tanta coisa do passado, chegou ao cortiço em que havia anos moravam. O sol ainda dourava os telhados, o céu refletia-se nas poças d'água. As roupas estendidas nos varais eram aniladas e róseas. Nas fimbrias, equilibravam-se gotas de cristal. E um cheiro sadio, agradável, de sabão de cinza, ia e vinha ao léu das aragens.

Quis surpreender Dona Aninha e o Neco. Seguiu pé-ante-pé pelo corredor úmido, chegando à janela, que alumiava a saleta de jantar, espiou para dentro... O irmãozinho fazia um papagaio de papel de seda e a mãe dobrava umas peças de roupa engomada, contando-lhe pausadamente as suas lindas histórias.

VISITA A MARGARIDA

No domingo seguinte, diante de uma casa do Bexiga:

— Pureza! Bons olhos a vejam!

— Margarida, vim visitar você, os seus. Se não vier aqui, nesta lonjura, jamais nos veremos, pois daqui até lá é mais longe que de lá até aqui...

Margarida pendurou-se na janela e Pureza ficou nos bicos dos sapatinhos, para se beijarem. Depois, foram encontrar-se na porta, onde se abraçaram com maior alegria.

Aturdida pelas perguntas e exclamações da amiga, Pureza só deu acordo de si no interior da casa, num corredor estreito que a claridade de fora tornava ainda mais escuro. E, já na saleta de visitas, sentaram-se muito juntas, cheias de novidades.

Um grande vaso de louça, com filetes de ouro, esparramava cravos no ar, destilando perfume quase imperceptível de primavera e mocidade. No canto, aparecia o piano aberto, exibindo teclas amareladas. Nos castiçais, uma pincelada de azinhavre entristecia o ambiente. A música da moda escorregara da estante fechada em losango para o tamborete alto. E, na suavidade da hora, o vento agitava a poeira sanguinolenta dos cravos; é que a janela estava escancarada sobre a rua de uma claridade que doía nos olhos, e as cortinas iam e vinham, aflitas, como grandes lenços de crivo num adeus.

Margarida era morena, de uma magreza angulosa; tinha olhos grandes, desvairados, e cabelos curtos fechando as orelhas num parênteses de sépia; esvaía-se numa agitação contínua de nervos indisciplinados. Já andava, talvez, pela casa dos trinta.

Pureza poderia ser a musa de um poeta de almanaque. Ostentava a beleza diáfana das louras. Seu encanto residia nos olhos; eram de tal modo límpidos e repousantes que dava gosto senti-los pousados em nossos olhos, ora perplexos diante da vida, ora imobilizados numa ansiosa pergunta.

Como a psicologia de cada pessoa transparece de preferência num gesto ou numa linha, à revelia da expressão fisionômica, Margarida arcava com a fatalidade de uns certos ombros estreitos e altos, enquanto Pureza tinha em certos momentos a nuca submissa das sofredoras.

A primeira era filha de modesto funcionário público; tivera educação acima das posses, tornando-se mais tarde, ao contato da vida, ociosa, suscetível e inadaptável. Ela bem o compreendia, mas era tarde. A segunda, depois que perdera o pai, lá longe, viera com a mãe e o irmãozinho para a

Capital. Por aquela época, andava pelos doze anos. Durante os primeiros tempos, fora vizinha de Margarida, já moça feita, que lhe emprestava as bonecas e os livros de figuras, ainda intatos... D. Aninha lavava roupa de ganho. A menina servira em algumas casas ricas, acabando por entrar para a loja de chapéus, onde ainda trabalhava. No entanto, a recordação daqueles tempos unia-as docemente. Pureza agora estava moça, com todas as graças da idade. Os sofrimentos tinham-lhe ensinado a sabedoria, que não se encontra nos livros, feita de abnegação e doçura.

Deveriam ter àquela tarde muita coisa a dizer-se. Novidades tristes, indeterminadas. Margarida começava a descrer do casamento; Pureza, conhecedora dos homens, sabendo-se reta e pobre, nada esperava. Às vezes, como um dever imposto pela mocidade, correspondia a um sorriso agradável que encontrava pelo caminho. No entanto, sabia de antemão que o vento levaria em breve essa esperança, frustrada como as demais.

Os moços apareciam, mostravam propósitos frívolos e sumiam no dia seguinte, com um sorriso cínico nos lábios frouxos. No fundo, tinham medo à responsabilidade. E Margarida, cansada de ouvir os discursos do Mendes, um amigo do pai, que vinha jantar em sua casa aos domingos, acabara por decorar a sua lógica irritante, que ainda mataria de congestão o Jangote, outro conviva indefectível, parceiro do douradão.

Para esse rapaz estranho, a maioria das sem dote casa sem amor, nem ideal. Que homens sairão amanhã, dessas uniões desequilibradas sobre os quais o Amor, há muito, não abre as asas de fogo? É por isso que certa parte da humanidade já nasce velha, ambiciosa e ladina...

Por outro lado, alguns lares desfeitos pela situação econômica criam um paraíso artificial. Cada lar que se desagrega jamais consegue recompor-se. Homens, mulheres e crianças são lançados à voragem. O Dragão engorda. Que podem fazer contra isso as meninas do bairro, com seus vestidinhos esvoaçantes de organdi? Nada!

Pureza e Margarida olhavam-se mudas, abismadas na grande verdade que sentiam por alto, sem o flagrante dos pormenores. Compreendiam tudo, sem saber por quê.

Margarida fez uma confissão amarga. Já havia encontrado um cabelo branco, muito escondido entre os outros; por isso, pusera abaixo a cabeleira que muitos achavam linda. Estava na moda, afinal. Penteava-se agora, à *Manon, à la Garçonne*, invocando os fluidos benfazejos de todas as mulheres da vida airada que a literatura glorificava. Julgava-se muito infeliz. Viera para o mundo numa época excepcional, feita de delírios. Em tudo, clamava uma paixão. No cinema, eram as fitas de forte emoção, representadas por artistas, cuja vida privada valia por um romance de vitríolo. Fulana trocava de maridos como de camisas. Beltrana ia a Paris e

gastava numa semana somas astronômicas que dariam para pagar as dívidas de vários países; certo artista popularíssimo estrangulou uma de suas favoritas depois de memorável banquete; outro, lindo, na flor da idade, morreu arrebatado pelos entorpecentes. E o Dragão engordava!

E a história enlouquecedora dessas gentes pejava as revistas, vinha em todos os jornais. A moda era o que se via, uma arte diabólica, toda reticências. O teatro, na sua expressão mais corrente, ou era Bataille, um raio sem direção, ou o nu desabotinado da Ba-Ta-Clã. A literatura é escrita com frases curtas, pondo nos livros o que os autores não se atreveriam a dizer em voz alta.

— Não é mesmo, Pureza? Se o século já não comporta o velho preconceito, por que motivo não nos tratam como seres humanos?

Nesse ponto, ouviu-se um assobio qualquer, na esquina. Margarida interrompeu a conversa e foi debruçar-se à janela. Olhou de um lado e de outro. Momentos depois, voltou a cabeça pendida, um andar derreado de desconsolo.

— Era ele?

— Ele quem? — e riu, mostrando uma pinta de ouro nos dentes.

— Ora, ele... ele...

Não era. Ela ainda não tinha um "ele" definido. Eram eles que chegavam e passavam, como uma visão cinematográfica da vida, modos xucros, óculos com aros de tartaruga, um assobio insulso na boca retorcida de cinismo.

Às vezes, nas noites de domingo, quando os dois colegas do pai vinham jogar, na sala de jantar, ela ficava até tarde ao piano, a sala iluminada, a janela escancarada na noite. Entre o *fox* e o tango, dava uma olhadela para fora. Acontecia-lhe lobrigar uma capa escura entre as árvores. Pressurosa, ia ao espelho, aprimorava-se e voltava à janela, mas embalde: o capote escuro já se havia dissolvido na garoa.

Outras vezes, quando ia ao dentista, sentia-se seguida por um senhor idoso, mas bem posto, que lhe namorava as meias de fios de Escócia, ao subir e ao descer do estribo dos bondes.

E como a conversa entrasse por aquele terreno, vieram-lhe aos lábios as inquietações que, havia muito, a importunavam:

— E amanhã, Pureza? Meu pai é mortal, poderá desaparecer de um dia para outro. Eu e minha mãe, da porta para fora, somos duas inutilidades. Que iremos fazer? Não exercemos nenhuma profissão. Se ao menos tivéssemos a sua energia e a de sua mãe... Mas não...

E os seus olhos fixos tornavam-se ainda maiores.

Dona Lídia, a mãe de Margarida, entrou com a bandeja de café. Era uma velha amável. A todas as palavras sorria, mostrando a dentadura anilada. E a conversa tomou novo rumo. Falou-se do Natal, que se aproximava. Contou-

se a história de uma vizinha que a polícia prendera em casa suspeita. Condenaram-na unanimemente. E como o relógio batesse horas, Pureza ergueu-se, despedindo-se. Embalde' convidaram-na para o jantar. Não podia. A mãe esperava-a. Precisava aproveitar aquele domingo ensolarado para engomar umas saias. E lá se foi. Margarida, à porta, atirou-lhe um beijo e um sorriso.

SEM AMOR

— As janelas têm calos nos cotovelos...

— É falta de trabalho...

Lá estavam as duas velhotas, mães de recuas de filhos, a conversarem de janela para janela. E Margarida que, havia mais de meia hora, contemplava o escasso movimento da rua, sentiu ao ouvir as suas palavras uma onda de fogo queimar-lhe o rosto. Aquilo era uma indireta. A charada era com ela. Acabavam por escarnecer da sua pessoa. E com os olhos úmidos de mágoa, descobriu mais um aspecto doloroso daquela solidão interminável.

Mas um fato veio tirá-la de tais pensamentos: a Zuza, a moça que fora presa numa casa suspeita, apareceu à janela e, com magnífico sorriso, cumprimentou a vizinhança. Alguém que, certamente, a esperava na esquina, se aproximou, saudou-a, tirou o chapéu e, como sentado no castão da bengala, ficou-se ali, a dizer-lhe amabilidades sorridentes.

Margarida ouviu o comentário das vizinhas, ao lado:

— Foi com este?...

— Não; este é o noivo... Casam-se na semana que vem....

E a moça pasmou da originalidade desses tipos que a deixavam ali — boa, dócil, meiga — para irem em busca de Zuza, presa não se sabia onde... Todos os homens seriam assim? Tornava-se necessário dar semelhante passo para arranjar marido? E seus olhos abriam-se mais ainda, num grande pasmo, diante de coisas incompreensíveis.

Na esquina, apareceram três pessoas: Teodoro, seu pai, com o chapéu de Chile puxado para a nuca, um sorriso feliz na boca larga, sempre arcado ao peso de embrulhos; Jangote, escrevente do Matadouro, solteirão, com dinheiro na Caixa, prestamista dos enforcados, e Mendes, o sombrio filósofo da Repartição de Estatística. Aos domingos, eram infalíveis. Jantavam, jogavam o douradão, depois discutiam. Às vezes parecia que o mundo vinha abaixo. Insultavam-se como políticos, mas, na semana seguinte, lá vinham juntos...

O pai entrou sem ligar-lhe importância. Jangote tirou o chapéu, mostrando a calva encardida, com veias encanudadas, num cumprimento. Mendes levou a mão ligeiramente ao chapéu, sem conseguir dizer-lhe nada. O terrível demolidor não sabia namorar.

Entraram. Acendeu-se a luz. Da cozinha, chegava o rechinar da frigideira e o perfume amorável das costeletas fritas. D. Lidia, sopitando o mau-humor,

foi estender a toalha branca sob a luz crua da lâmpada de cem velas. E os pratos cantaram caindo de bruços, uns sobre os outros.

O jantar, servido logo depois, foi silencioso e rápido. Comeu-se com apetite. A dona da casa não sentou à mesa e ninguém reclamou a sua presença, pois era sabido que ela jantava na cozinha, com o prato nos joelhos, vigiando a omeleta que chiava no borralho, sob uma tampa de panela coberta de brasas. Finda a refeição, Margarida serviu o café em xícaras desaparelhadas.

Teodoro, Jangote e Mendes afastaram as cadeiras e acenderam cigarros do maço que o dono da casa, num gesto liberal, colocara ao centro da mesa. Margarida já se dispunha a retirar-se para a sala quando o pai pediu:

— Menina, traga os apetrechos!

Era o sebooso baralho dos serões de domingo. As cartas estavam manchadas de umidade, fofas, como de mata-borrão. Foi encontrá-lo no armário, dentro de uma compoteira desbeijada, de vidro azul.

Tiraram a sorte e começou a partida. Ela ficou encostada à mesa, um ar garoto, a sapear o jogo (9). Embalde, Jangote pedia-lhe informações, com toques da biqueira no pezinho bem calçado; ela ria, com ar misterioso, mas não denunciava o jogo dos que estavam ao alcance das suas vistas. Assim mesmo, o pai, depois de dois lances infelizes, zangou-se:

(9) Sapear, ficar olhando de fora ou às ocultas; assistir a debates ou a jogo, sem tomar parte. (Nota do "Clube do Livro").

— Não é para menos; eu estou como o homem da Emulsão, com um bacalhau pendurado nas costas!

Margarida disfarçou, mudou de lugar. Teodoro, baralhando as cartas, atirava a cadeira para a parede, a balançar-se, com perigo de escorregar para baixo da mesa. Jangote, vendo que o jogo era agitado, dobrou um jornal, colocando-o sobre a palhinha rota da cadeira, numa defesa mesquinha dos fundi-lhos. Aquele terno escuro deveria acompanhá-lo à sepultura. Mendes, mais displicente do que nunca, alisava as melenas com as mãos espalmadas. Quando se absorveram novamente, nos lances da partida, a moça eclipsou-se.

— Comigo é assim!

— Ora! Com esse jogo até eu ganho!

E Margarida, na sala, voltando ao seu mundo de sonhos, de tristezas, de decepções, atirou as mãos distraídas sobre o teclado. Notas claras desabrocharam no ar, como flores sonoras. Ela não sabia por quê, mas aquela música, sem ligação alguma, sugeria-lhe um canto de viela noturna, ladrões e perdidas a dançarem tangos estapafúrdios. Sorriu. Foi à janela. Os casais passavam, muito unidos. A Zuza e o noivo conversavam para dentro do portão, no corredor escuro, juntinhos, muito juntinhos.

E as horas passavam lentas, lentas.

Na sala de jantar, explodiu uma discussão. Era o fim do jogo. Aqueles três não alteravam o programa. Encerravam sempre o serão de domingo com desaforos. E de alma dorida, esmagada pela monotonia de tudo que a cercava, cerrou a janela e apagou a luz. No escuro, as vidraças tinham uma transparência azulada e os caixilhos desenhavam na noite uma grande cruz. Arrepiou-se de susto. Correu para dentro e, já nas proximidades da sala de jantar, voltou ao seu passo de desânimo, à maneira dos condenados a trinta anos de prisão, que fazem o caminho longo para gastar tempo.

Teodoro cascadeava as cartas com ar aborrecido. Jangote, arquejante, de olhos esgazeados, procurava rebater as afirmações que Mendes ia fazendo com eloqüência inesperada e, sempre que podia, atirava uma frase para embaraçar-lhe a lógica, como quem põe um paralelepípedo na linha, para fazer parar o bonde. O rapaz perguntava:

— Quem abateu a floresta e desbravou o sertão? Quem carrou as máquinas do progresso sobre bíblicos carros de bois? Quem estendeu a pauta musical das estradas de ferro, aterrando pântanos, furando dorsos de montanhas, arremessando arcos de pontes sobre abismos, nivelando a pulso o mar das colinas?

Quem derrubou os jacarandás e as caneleiras bravas, abriu a torrente vermelha das queimadas, trouxe por terras e mares as sementes oriundas de países estranhos; retalhou de sulcos e empolou de cômoros a lombada negra das coivaras, plantou e vigiou as searas; colheu, lombou a messe dos talhões para a tulha, carregou os vagões e os transportou, depois estivo os porões dos barcos e os levou pelos sete mares, fazendo a riqueza de muitos que, a essa hora, se desparafusavam no *fox-trot* universal de Monte Carlo?

Quem semeia o trigo, quem ceifa as espigas, quem as debulha, quem transporta o grão, quem mói a farinha, quem enternece a massa, quem fornece, quem distribui o pão, senão o povo?

Mas o trabalho do povo vem de mais longe:

É ele quem desce à noite escura das minas, afronta os desmoronamentos das galerias negras, desafia a morte onipresente do grisu, extraindo da terra a vida para as fornalhas dos navios, das locomotivas, dos altos fornos, das usinas. É ele quem pulveriza a pedra férrea, apurando lagos de metal candente, torna o aço maleável e martela as foices e as enxadas no lombo das bigornas; é o desgrehado domador do trem de ferro, do transatlântico e do aeroplano, o ouvido do telefone, o cérebro do telégrafo, o médium da radiofonia.

O povo é o sapateiro e a *prima donna*. O moço de recados e o astrônomo. O engenheiro e o jornalista. Povo é o homem que pensa na água-furtada, que compõe versos à luz das estrelas, que junta os trapos das

sarjetas, que reduz a celulose, o resíduo de todas as misérias, que merceriza o papel, que funde os tipos e as máquinas de imprimir, que compõe as palavras em letras de forma, que faz o livro, que universaliza o pensamento, que difunde a emoção, que espalha pela terra, cotidianamente, uma primavera de sonhos, de esperanças, de confissões, de tristezas, de tudo o que nos anima e nos desespera. Só não é povo aquele que parasita o povo. O povo é tudo. Fez tudo. O que vemos e o que não vemos. Da sarjeta, que pisamos, à estátua, que eterniza um gesto, do cigarro que fumeja à nossa boca ao templo, cujo fausto afugentou há muito esse doce popular que era Jesus.

De tudo o que fez, o povo nada reservou para si.

Jangote estava verde de indignação. Explodiu:

— Não consinto que se profiram tais heresias à minha frente! Sou um homem honesto, tenho uma vida inteira de serviços ao Estado... Compreendeu? Mas eu não discuto com crianças!

Pôs-se a rir com mal fingida superioridade. Depois, afetando indiferença por aqueles despropósitos, consultou o relógio.

— Nove e seis... — declarou. — É tarde. Já me vou. Tenho de alcançar o meu bonde.

Por muito que instassem, não conseguiram retê-lo por ais tempo. Teodoro e Mendes quiseram acompanhá-lo, mas ele foi peremptório, não queria. Margarida seguiu-o e ambos perderam-se no comprido corredor, que a luz da sala de jantar não alumia.

Ao pé da porta, quando Margarida procurou o trinco, encontrou a mão trêmula e gélida de Jangote. Um hálito fétido, de quem passou horas consecutivas a fumar, entonteceu-a. Ia recuar, nauseada, mas sentiu-se presa nos braços daquele homem. Quis gritar, mas os seus lábios foram esmagados pela outra boca. Teve um como desmaio.

Quando, afinal, a porta se abriu e Jangote perdeu-se na garoa, que ensopava a rua, a friagem da noite fustigou-lhe o rosto e restabeleceu um pouco o equilíbrio precário de seus nervos. Fez-se luz inesperada no, seu cérebro. Jangote tinha-se instalado para sempre na sua vida. No entanto, era o único homem das suas relações com quem ela, jamais, havia imaginado casar. Mãos invisíveis apertaram-lhe o coração, a garganta; teve de fazer um esforço sobre si mesma para não chorar, para não gritar.

Depois, no quarto, sobre um leito que se transformava m braseiro ao calor do corpo, virou-se e revirou-se a noite inteira, sem conseguir cerrar os olhos. Insone, febril, fixava a escuridão com olhos desmesuradamente abertos, como a ver fantasmas. E, enquanto isso, ouvia lá dentro, na sala de jantar, a voz de Mendes, muito pausada, que se esquecera das horas, contando aos dois velhos as suas cacetíssimas histórias...

O LUXO DOS OUTROS

"Ao Grande Luxo"... A loja apareceu-lhe de chofre, entre as árvores, alumiada pelo sol. À porta, um cachorrinho peludo espiava atentamente para a vida. Homens e mulheres que transitavam pela rua não lhe mereciam a atenção. Diante de seus olhinhos vivos passavam ricos automóveis e carroças desconjuntadas, o aprumo dos que se julgam elegantes e a lamúria dos que se dizem mendigos, os berços para os que nasceram e os caixões para os que morreram durante a noite.

O cachorrinho da porta parecia de louça. Os bípedes não lhe despertavam o menor interesse. Mas quando uma mulherada cor de rosa, olhos bistrados, passou pela loja, a arrastar pela corrente uma cadelinha minúscula, de pernas em arco, o cachorrinho, ergueu-se lépido. Mas Prune reagiu ferozmente. Engalfinharam-se. O escândalo fez parar gente. Um varre-dor, de paletó no ombro, que raspava a sarjeta, atirou a veste sobre ambos, para afugentá-los, mas a luta continuou.

Foi preciso que a criada, de avental e touca, que pulia os metais da vitrina esfregando-os com estopa úmida de óleo, viesse reconduzir o animalzinho estróina para o caminho das conveniências, com agrados e ameaças. A mulheraça cor de rosa escondeu Prune entre os seus abafos. E, ajeitando-a, teve tempo de observar, através dos cristais, o tumultuoso colorido das formas, fitas, véus, plumas e todos os incontáveis adornos que ali estavam expostos. Outras mulheres, que subiam ou desciam a avenida, estacionavam diante do mostruário, pois o fundo da exposição era constituído por claro espelho.

Um grupo de empregadas desembocou da rua fronteira e entrou silenciosamente na loja. Pureza estugou o passo para não chegar com atraso. Transpondo o limiar, ciciou um cumprimento a que a criada não correspondeu. Pelo olhar de descaso que lhe surpreendera, capacitou-se de que era detestada pela velha. Nunca lhe fizera bem, nem mal... Por que seria aquilo?

A loja tinha um cheiro agradável de couro. Provinha de um sofá e das cadeiras estofadas em couro verde, onde as freguesas esperavam ser atendidas. Às vezes, quando uma certa morena passava por lá, a casa ficava cheirando a cravos, por algumas horas. Era a favorita de um salsicheiro do Bom Retiro, gastava rios de dinheiro, chegava mesmo a importar de Londres o seu perfume predileto. *Madame* Susin, a dona da casa, apontava-a

frequentemente como exemplo de virtudes, pois comprava sem regatear e pagava em cédulas novas, saídas na véspera do Tesouro.

A luz coada através do cristal da exposição, dos vidros da porta e das cortinas, dava ao interior uma luminosidade aurífera. Pureza entrou na ponta dos pés, com uma saudação tímida. As colegas já estavam abancadas, a trabalhar, diante da vasta mesa atulhada de bugigangas coloridas. A proprietária, encostada na escrivaninha alta, somando e ressomando parcelas, não respondeu ao seu bom-dia, mas olhou alternativamente para a recém-chegada e para o relógio, pendurado na parede, ao fundo. Olhou, apenas, e calou-se. Eram oito horas e três minutos. A moça corou levemente e foi sentar-se no lugar de costume.

Não passava ainda de aprendiz, embora fizesse o mesmo trabalho das outras. Havia mais de dois anos que se ocupava em coser e descoser adornos nos chapéus mandados para reforma. Como não lhe confiassem outras tarefas, perdera a esperança de progredir na profissão. Seria aprendiz para o resto da vida. Não raro, sobraçava a caixa redonda e ia à casa das freguesas levar as encomendas, os chapéus para escolher.

A primeira parte do dia escoava-se, rapidamente. Bastava interessar-se por qualquer trabalho para não sentir o tempo correr. Das onze e meia a uma hora, saíam para o almoço. Algumas delas, morando em bairro distante, traziam pão com mortadela, na bolsa, e iam fazer a merenda nos jardins próximos, escondidas, para não serem vistas a comer na rua, como mendigas...

Helena, uma ruiva a quem as outras chamavam de descarada, aproveitava essa hora de folga para namorar. Tinha vários flertes. Diziam-na excessivamente fácil. Quando sentia acúmes de pudor, abria a sombrinha de seda cor de rosa e ficava de consciência tranqüila, sentia-se em pleno bosque. Nas conversas do *atelier*, quando se queria dar idéia de preocupações inúteis mas tranqüilizadoras, invocava-se a sombrinha de Helena... Ela era a primeira a achar graça naquilo. E, quando não lhe aparecia nenhum dos namorados, engraçava-se com as companheiras, assustava-as.

Luísa era o contrário da amiga. Pálida, diáfana, de mau-humor, desinteressava-se de namoros. Não casaria. Tinha medo dos homens. E, todas as manhãs, aparecia na loja mais pálida, mais diáfana, mais mal-humorada.

As outras moças eram criaturas comuns, primaveras fanadas de oficina.

A segunda metade do dia, morna e incolor, matava-as de aborrecimento. A prisão em que viviam era-lhes mais cansativa do que o trabalho ininterrupto. As horas escoavam-se lentas, lentas.

Só *Madame* não se fatigava. Ela gastava o dia debruçada sobre os livros de contas, mas todas as vezes que uma moça parava o trabalho e se punha a

olhar desanimadamente para as mãos, sentia-se logo fixada pelos seus óculos inquietantes.

Ao redor da mesa, as oito moças, entre retalhos coloridos e plumas esgarçadas, passavam as horas de espinha curva, umas sobre pequenos bastidores, outras sobre formas de palha ou de feltro, ajustando fitas, debruando abas, transmudando sua mocidade na fascinação das felizes desconhecidas. Conversava-se debilmente, arriscando frases, sem olhar a quem se dirigia.

— Helena não viu hoje o Artur...

— Luíza é que é feliz; leva encomendas às casas chiques.

— Vou comprar uma sombrinha de seda cor de rosa... Todas riam.

E Helena, mantendo atitude grave, sem tirar os olhos do trabalho, estendia a perna, repousando-a no regaço da colega que havia feito alusão à sua sombrinha, e esta, temendo os óculos de *Madame*, nem se atrevia a protestar.

Ao cair da tarde, descia do alto aquela flecha de luz, muito fina, que ia quebrar-se no chão, em disco de ouro, do tamanho de uma libra esterlina. Havia meses que essa réstia de sol, depois das quatro, fazia pela sala seu percurso lento. As moças conheciam-na, esperavam-na com ansiedade. Quem a avistava primeiro (— lá está a rodelinha de sol, que serve de relógio...) comunicava às outras. As chapeleiras seguiam-na com olhos ansiosos. Viam-se deslizar pelo soalho encerado, quebrar-se nos pés dos móveis, ondular como um verme de ouro na lã vermelha e alta do tapete. Depois, alcançava a parede, deformava-se, desaparecia. Uma frescura de sombra passava-lhes pelo rosto. Longe, remotamente, fábricas mugiam, sinos cantavam. O relógio do salão punha-se a martelar pausada-mente. Eram seis horas.

Madame fechava os livros (— Meninas, podem retirar-se...) e ia para o espelho, a ajeitar o cabelo escorrido, a re-colorir os lábios inexpressivos, a empoar a pele frouxa, de um amarelo insulso de cidra.

Helena descobrira que *Madame*, com toda a sua secura, seus livros de capa grossa, seus algarismos, seus óculos, tinha namorado; era um violinista de bar a quem ela vestia, pagava a pensão e todas as manhãs punha uma nota na carteira. Quem lhe contara isso fora a criada.

Pureza, ouvindo aquelas histórias, pensou no mistério das simpatias e das antipatias. Aquela mesma criada que tinha dengues para Helena não ia com a sua cara, olhava-a de viés, rosnava à sua passagem. Nunca lhe fizera bem nem mal. Há coisas neste mundo...

Pensava ainda nisso quando a criada apareceu. *Madame* e as auxiliares saíram. A velhota lá ficou a varrer, a espanar, a por a oficina em ordem. Já à porta, *Madame* lembrou-se de que era sábado e voltou para dar a Pureza a

tarefa de levar chapéus a uma freguesa que os pedira para escolher. Ficava mesmo no caminho de sua casa.

— Até segunda-feira!

A moça tomou da caixa redonda e saiu, feliz, com vontade de rir e cantar. Mas teve de fechar os olhos. As outras fizeram o mesmo. É que o sol poente, quase horizontal, batia de chapa na frontaria da loja, dourando-as, fazendo-as piscar, cegando-as...

ESTE MUNDO INDIFERENTE

Os copos batidos uns contra outros deram risadas. E, à claridade carmesim, que se coava das janelas, Salomé subiu para a mesa de onde as criadas acabavam de levar os pratos. Viram-na ensaiar um passo de dança, pisando com os pés nus, de unhas pintadas, a fantasia violeta e ouro das manchas de vinho e azeite que se alargavam na toalha. Suas plantas exíguas esmagaram os botões de rosa com que os amigos tinham avivado a efervescência dos vinhos. Seu rasto, de dois dedos penas, parecia a marca deixada por uma flor. E enquanto ela corria de uma ponta à outra da mesa, fazendo piruetas, o véu imponderável que a envolvia fustigava os circunstantes, enroscando-se às vezes nos botões e jóias. O ritmo era marcado pelo ater das taças; os vinhos, servidos em último lugar, caíam s golfadas sobre a mesa.

Um sujeito tentou cantar:

*O champanha é de ouro fluido,
Faz-nos sentir, mas não sente;
Caiu do céu por descuido
Para alegria da gente...*

Sua voz não conseguiu fazer-se ouvida. As mulheres falaram todas ao mesmo tempo, com a boca mole, rindo muito; umas erguiam as mãos para o teto, outras dobravam-se pela cintura, fazendo os cabelos cascatearem. As perguntas não mereciam respostas. Algumas impacientavam-se, atiravam a última golfada das taças na cara dos vizinhos.

Suzana, de olhos embaciados, movia os braços como se quisesse voar. Alice, paraguaia, taciturna, que passava os dias sonsamente pelos cantos, desatara a rir, a rir, sem saber porquê. Rosina, a morena de olhos verdes, que deixava apegado em todos os objetos o cheiro forte dos cravos, rolara para o divã e contemplava a cena como fora de si. Só Salomé, dos cabelos curtos e rebeldes, avermelhados como labaredas, tinha ânimo de dançar naquele agitado fim de almoço.

O homem dos versos quis falar novamente:

— Salomé! Sua cabeça parece um *punch* incendiado! (10). Mas os amigos continuaram a não ouvi-lo. Festejava-se, assim, o aniversário de Salomé. Quantos anos? Ela dizia vinte e um. Era tentadora, capitosa. Os homens disputavam-na.

(10) Em inglês, *punch* é instrumento pontiagudo para furar; aqui, está empregado como poncheira, vaso em que se faz o ponche, mistura de chá ou café, aguardente ou rum, com

sumo de limão, açúcar, constituindo bebida alcoólica forte, aparentemente inofensiva, por causa de seu gosto adocicado, mas profundamente nociva. (Nota do "Clube do Livro").

A criada entrou e fez sinal à patroa. Esta saltou da mesa, entre risadas.

— Que há?

— O que? Não ouço!

— A chapeleira está aí.

E a aniversariante, aborrecida:

— Mande-a entrar.

Momentos depois, seguida pela criada, Pureza entrou na sala festiva. Quis voltar no mesmo pé, mas a dona da casa, que já a tinha visto, insistiu muito, pedindo aos amigos que se comportassem. Assim mesmo, alguém pôs-lhe uma taça à altura dos olhos, oferecendo-a. Ela recusou, ofendida. E Salomé mostrou-se amuada. Que deixasse os chapéus na sala de visitas, voltasse segunda-feira, à tarde. E tratou imediatamente de outro assunto.

A chapeleira voltou cabisbaixa pelo corredor, por onde havia vindo. O luxo dos compartimentos, apenas entrevistos, de um lado e de outro, humilhou-a. Depois, a lembrança do seu tugúrio, o ar infeliz das pessoas que a cercavam naquela vida.

Quando se viu de novo na rua elegante, anoitecia.

— Se não me atender, estrangulo-a!

Pureza teve um sobressalto, voltou-se, depois sorriu. Era um velho que seguia com ar sonambúlico, absorto na própria tragédia. Caminhando, atirava frases alarmantes para a direita e para a esquerda, mas sempre as mesmas, como avulsos de cinema.

Um plenilúnio prematuro, desses que só alumiam as cidades atrasadas e as novelas fora de moda, antecipava a noite. As claridades do céu caíam, incendiando a bruma que pairava sobre os bairros. A luz zodiacal tornava a luz da iluminação pública de uma palidez esverdeada, enfermiza, que entristecia a cidade.

A ruazinha em que ela morava no bairro humilde estava intransitável de crianças. Para que atirar ao mundo tantos homens e mulheres que um dia virão fazer concorrência aos que aqui já se encontram? Sofrerão e farão sofrer. Mas interrompeu essa ordem de pensamentos rebeldes. Lembrou-se de sua mãezinha, aquela doce criatura, a lavar roupa de ganho, no fundo de um cortiço, e arrependeu-se de haver pensado assim.

É que o mal vinha de muito longe; nasceu no dia em que se deu a partilha da terra. Ficou-se a contemplar as crianças descalças, atiradas à rua. Moleques surgiam de todas as portas, barafustavam pelas pernas dos transeuntes, grimpavam aos guinchos pelas árvores, rolavam como bichos pelo cisco das sarjetas, espiavam das janelas, cuspiam para o ar e diziam

obscenidades, pelo gosto de dizê-las, a todas as pessoas que passavam ao seu alcance.

Chegou ao cortiço, quase sem sentir. As portas do armazém da esquina atiravam claridades amarelentas, onde as sombras dançavam. Um mendigo preludiava a última modinha carnavalesca na sanfona. Pequenos de calças curtas e suspensórios de cadarços cruzados nas costas exibiam canelas, sujas, vidradas pelo sol, a saltarem ao redor do pedinte.

No portão, o Gomes carpinteiro, de mangas arregaçadas, mostrando os pêlos dos braços, fumava uma cachimbada meditativa.

— Boa noite, seu Gomes.

— Boa noite, menina.

Se o pai ainda fosse vivo, deveria fumar assim, à porta da vila. Mas ele era de mau-humor, talvez até já tivesse brigado com toda a vizinhança, como fazia outrora...

Nesse ponto, o Neco, o irmãozinho, que estava escondido atrás do muro, saltou-lhe ao pescoço para pregar-lhe um susto

— Fique quieto, maninho; você me rasga a blusa! Entraram. O plenilúnio caiava de branco a vila silenciosa.

Descia, obliquamente, projetando no chão, como debrum, o beiral ondulado e a linha rígida do muro, como recorte feito a tesoura. A casinha era minúscula; a primeira de uma série de doze. Tinha faceirices de cortinas de renda e uma lata com malva de cheiro à janela. Espalhava-se no ar a ramada tolhiça do pessegueiro, vergado ao peso do comprido varal, onde se alinhavam lençóis ainda gotejantes.

Mal-humorada, sem dizer palavra, pôs a caixa a um canto e foi sentar-se à mesa ainda por arrumar. Mais uma vez passou-lhe pela lembrança a figura do pai. Era exatamente assim que ele fazia. Compreendeu nesse momento que o pobre homem não era mau; a vida, sim, é que era má.

A mãe já não era a mesma de outros tempos, que a obrigava a cortar as unhas diariamente, que a fazia voltar da porta para tirar o fiapo da blusa. Com a morte do marido e a pobreza de tantos anos, avelhantara, perdera o rigor, sentira a inutilidade do esforço ante as exigências misteriosas da vida, que ela sentia a apertá-la, a sufocá-la, mas que não chegava a compreender.

A pobre mulher enrolara na nuca os cabelos grisalhos e atirara sobre a cabeça um chalinho preto que "o monge faz o traje", como explicava a rir. As outras lavadeiras do seu conhecimento vestiam-se assim. Passava os dias no tanque do quintal e as noites, como outrora, pregando botões e remendando a roupa da vizinhança. Ainda cantava, de vez em quando, Fazia-o não por estar alegre, mas por sentir-se triste. E o seu canto eram os mesmos lunduns, de uma tristeza infinita.

Naquele momento, D. Aninha estava a acondicionar peças engomadas ou

somente passadas a ferro. Acamava-as uma a uma sobre toalhas abertas, depois virava as pontas franjadas sobre o peitilho de porcelana da última camisa e, com o mesmo alfinete, prendia a toalha e o rol. O Neco levava a roupa à casa dos fregueses.

— Esta é para D. Finoca, aquela gorda do 53.

Depois, quando o menino regressava a correr, com um dinheiro na palma da mão, dizia-lhe:

— Esta é para o moço da pensão.

— O de gravata larga?

— Não, menino; aquele baixinho que na semana passada rasgou o paletó no arame do pessegueiro.

Um odor agradável de sabão e amido embalsamava a salinha clara.

Pureza descalçou os sapatos, tirou as meias puídas; deixou-se levar por uma sonolência indizível e foi cerrando os olhos. Ficou assim algum tempo, até que a mãe a acordou, docemente.

— Que está sentindo, menina?

— Cansada, aborrecida...

A toalha branca, três talheres, uma cadeira vazia. Havia muitos anos que o pai morrera, mas a cadeira continuava ali, de braços abertos, à espera da sua volta.

Depois do jantar de poucos pratos, comido em silêncio, o Neco começou a contar uma história de vizinhos. Ela não prestou atenção. E a voz do menino foi-se apagando (... o sujeitinho... quebrou o lampião com uma pedrada...) e desapareceu, tragada por um rumor de passos no corredor.

— É a Lina?

— É. Agora é assim. Dia e noite não cessa de entrar e sair gente.

— E a mãe dela?

— Coitada! Que pode ela fazer? Fica na cozinha, fumando no pitinho de barro, a olhar as brasas; enquanto isso, as visitas bebem cerveja na sala de jantar. Às vezes, sai briga, como ontem, enquanto você estava no serviço. Se a gente tivesse alguma economia saía daqui... Credo!

Novo silêncio. Os pensamentos andavam longe. Aquela Lina, que trabalhava numa casa de bombons, parecia moça de tanto propósito! De um dia para outro, começou a receber chamados pelo telefone, a ausentar-se a horas incertas, a gastar com largueza. Um dia, o gerente chamou-a (— Você já não pode trabalhar com as outras...) e despediu-a. Ela se defendeu, bateu o pé e foi-se embora, rebolando os quadris. Começou assim. Depois, com o tempo, foi decaindo, decaindo...

Uma cabeça, depois de vários encontrões, acabou por aninhar-se no colo de Pureza. Era o Vizir. Estava cego de velhice. A moça deu-lhe o naco de gordura que ficara à borda do seu prato. E prosseguiu no mesmo

pensamento: (— Como somos pobres, não mãezinha?)

É que os aposentos daquela Salomé, sem saber como nem porquê, haviam passado inesperadamente diante de seus olhos. Qualquer daquelas migalhas, que a ruiva malbaratava, daria para por em ordem a sua vida. Ela, num mês de trabalho, não ganhava duas das botelhas de champanha com que Salomé parecia querer lavar a casa...

— Boa noite, para todos!

Olharam, assustadas, para a janela. Um moço de rosto sorridente, espiava para dentro. Riram-se da agradável surpresa. (— Entre, doutor...). E o visitante apareceu na porta, estendendo as mãos brancas e finas.

— Sente-se, doutor!

— Qual, doutor! Ainda faltam dois anos! E, enquanto o diploma não vem, continuo a trabalhar no jornal.

Era Renato. Explicou por que motivo não os visitava, havia muito tempo. No fim do ano, estivera fora, na casa de uns parentes, passando o melhor possível as férias. Depois, ao regressar do interior, encontrara trabalhos e estudos acumulados. Nesse tom, conversaram até as nove horas, à luz macia da lâmpada. Contou que estava noivo. Apenas formado, casar-se-ia. Uma loura de olhos pretos, muito interessante...

— Como a Vicência, lembra-se?

— Ah!...

— A filha do latoeiro, aquela que cheirava a frango molhado, você não se lembra mais dela?

— Lembro-me, perfeitamente. Mas não deu coisa que prestasse...

— Fez-se ladra?

— Não. Pior que isso, muito pior... Não falemos nela... E o Neco já está na escola?

— Ainda não. Não se pode. Talvez em janeiro.

Um silêncio inesperado caiu sobre os quatro. A frase ficara flutuando no ar (— Ainda não, não se pode...) como qualquer coisa de incomodativo. O relógio da casa contígua bateu horas. Era um relógio maluco. E Renato (— Meu Deus, como o tempo foge!) pediu desculpas e lá se foi, pelo corredor muito claro, que o luar debruava de sombras.

Pureza foi deitar-se.

... Ia subindo penosamente por um telhado. Ao chegar à cumeeira, escorregou pela platibanda abaixo e... acordou. Que sonho! O quarto estava escuro, mas as frinchas da porta apareciam na parede, como riscos dourados. Na sala, ainda havia luz. Ergueu-se e, pé ante pé, foi à porta, descerrou-a e espiou. Embaixo da lâmpada, vergada sobre o colo, numa obstinação de cega que precisa ver, a mãe costurava. Reconheceu as suas meias cor de pérola, um tanto puídas. A pobre velha continuava a ser a mesma de outros tempos.

Galos amiudaram nos quintais da vizinhança. Na rua, muito espaçado, prosseguia o diálogo das buzinas dos automóveis. Ela voltou para a cama e deitou-se, dessa vez a valer. Dormiu sem pensamentos, nem sonhos. Quando acordou, de manhã muito cedo, achou as suas meias cor de pérola no lugar em que as havia deixado na véspera, na sala, junto à mesa. Mas estavam cerzidas.

*

Aos domingos, Pureza ficava em casa. Gastava o dia a contemplar o quadro luminoso do portão, onde a vida exterior transitava vertiginosamente, cheia de ruídos e reflexos. Ao cair da noite, seus ouvidos atentos escutavam um assobio alegre. Corria ao portão e lá ficava, de olhos pregados na esquina a sorrir. Era aquele Luciano que trabalhava num armazém do centro e, todas as tardes, a esperava em mangas de camisa, as pastinhas lambidas, encostado à porta da loja, para dizer-lhe frases bonitas. Esse namoro havia terminado. Ele passara a fugir-lhe horrorizado; ela já não podia vê-lo sem sentir forte desejo de rir. Mas talvez ele viesse aquele domingo. Embalde o esperou. Não veio, não veio. A separação dera-se porque, num dos últimos domingos, à tarde, Luciano apareceu à esquina, como de costume. Estava de terno novo, os cabelos oleosos. No peito, escandalosa, uma grande rosa-chá. O seu ar era tão irritante que o limpador de automóveis da garagem próxima, com o macacão azul a escorrer graxa, estacou à sua frente, a examiná-lo, e depois o imitou a fazer momices. Os companheiros, que estavam sentados na calçada, gozaram um pedaço, com aquilo...

Luciano tomou uns ares superiores e perguntou-lhe:

— Não se enxerga, molambento?

O limpador botou o dedo na boca e tirou um som de vaia.

Luciano ergueu a bengala, mas o homenzinho começou a dançar diante dele.

A rua inteira achou graça. Luciano e o limpador engalfinharam-se. Rolaram pela sarjeta, onde havia cascas de banana e papel engordurado. Pureza deixou o portão, fugiu para casa.

Desde aquele dia, não mais pôde ver Luciano sem recordar a cena. O mocinho deixou de procurá-la, até mesmo de esperá-la todas as tardes, à porta da loja de miudezas. E assim, por causa de um limpador de automóveis, acabou aquele namoro incipiente, que, apenas, havia começado... O mundo estava, de fato, contra ela!

O ENCONTRO

Pela manhã, D. Aninha foi encontrar Pureza diante do espelho "de turco" do seu quarto (— Esta menina tem cada uma...) a experimentar os chapéus das freguesas. Ficavam-lhe muito bem. Um principalmente, aquele de seda preta, grandes abas e rosas vermelhas ao redor da copa. Dava-lhe ares de *prima donna*. (— Não é mesmo que eu me pareço com a moça dos cartazes grudados nos muros?...) Riu-se gostosamente de tudo aquilo e lá foi, às pressas, porque as horas fugiam.

Quando voltou para o almoço, já tinha perdido a alegria. *Madame* tinha chegado à loja irritadíssima. Não cumprimentou ninguém. Debruçou-se sobre o livro e começou o trabalho com raiva. Ouvia-se o rascar da pena sobre o papel. Helena, que tinha prática dessas coisas, afirmou logo ao vê-la assim que aquilo era briga com o violinista.

Depois do almoço, de volta à loja, tomou da caixa redonda que tinha deixado sobre a cômoda do quarto, e dirigiu-se à casa de Salomé. Animava-a uma pontinha de curiosidade. Desejava conhecer um tiquinho da existência dessa gente que vive fora da sociedade e da qual tanta coisa tinha ouvido. Foi, pois, com um ligeiro tremor nas mãos que apertou o botão da campainha daquela chácara velha, de muros altos, o portão eternamente fechado a chave, pressupondo riqueza e mistério.

Para a linda dos cabelos de fogo amanhecia tarde. O criado japonês tinha ordem de recebê-la no quarto da ama, a fim de esperá-la um pouco, pois ela estava lá dentro, no seu demorado banho. Pureza entrou ali, cabisbaixa, pisando de leve, como num templo. Odores fortes perturbaram-na. À claridade rósea que se coava através do vidro da janela foi distinguindo as coisas que a cercavam. Em grandes curvas moles, o cortinado grená escorria da almofada do teto sobre a cabeceira do leito, alto e fofo, com volumosos travesseiros e espessos acolchoados de penas. Compreendeu logo que a cama era o primeiro móvel daquela casa.

Ao lado da cabeceira, um criado-mudo, de formas e proporções desconhecidas para Pureza, apareceu-lhe como pequenino bazar atulhado de preciosidades. Sobre ele, qualquer coisa de esverdeado torcia-se como pescoço de girafa, espiando para dentro do leito revolto. Depois de hesitar um pouco, atribuiu-lhe uma utilidade. Era a lâmpada elétrica destinada a leituras noturnas, focalizando a luz em qualquer parte, com intensidade graduada. Um cinzeiro de prata ostentava cigarros apenas encetados, com a

ponta vermelha de batão. E tocos de charutos, mascados, úmidos.

Lá estavam, também, bojudos frascos de licores, caixas de vidro com bolachas e *pralinés*. Um volume negro, com fechos de ouro em forma de garras, permanecia aberto, fendido ao meio pela espádua de marfim amarelado. No chão, sobre o tapete felpudo, estendia-se um jornal atirado após a leitura. E um boletim de capa verde, da Junta Comercial. Debaixo da cama, galochas incrustadas de barro e um par de chinelos de homem, mostrando as tiras de couro trançadas na parte superior.

Dali sua curiosidade passou para o outro lado da alcova. A compreensão se lhe turvou diante do vasto toucador que de alto a baixo coruscava de espelhos. Na penumbra, numa promiscuidade alegre, avultavam bicos recurvos e bolas vermelhas quadriculadas de prata de vaporizadores, caixinhas de dentifrícios, potes de pomadas, vidros, frascos, tubos, aparelhos de massagem, objetos minúsculos para fins ignorados, enfim, todo o mecanismo indispensável à beleza, quando a beleza se faz indústria.

— Bom dia, menina. Está esperando há muito tempo?

— Cheguei há pouco.

Era Salomé, que voltava do banho. Entrando, abriu a janela sobre o jardim, onde o sol dourava as árvores, multiplicava-se em cores pelos canteiros. Um hálito fresco entrou e rodameinou pelo quarto, agitando os panos e papéis. E à luz do meio-dia, a chapeleira viu-a na quase nudez de um roupão felpudo. Os cabelos, empastados de água, corriam lisos para trás das orelhas, tornando a sua cabeça um tanto aguda. Os braços a meio nus, tocados por uma poalha luminosa, apresentavam manchas terrosas. Tinha o rosto um tanto ou quanto lívido, com prenúncios de panos e um desenho de sardas apagadas pelos cosméticos. Os famosos olhos verdes apareciam apagados, como lanternas depois da festa. Estavam perdidos, velados, nas órbitas fundas. Pureza sentiu nessa beleza doente alguma coisa de repulsivo. E quase não reconheceu nela a mulher que, na véspera, dançava sobre a mesa, a cair de bêbada(11).

(11) Bêbado ou bêbedo são grafias corretas, sendo mais usada a forma bêbado. (Nota do "Clube do Livro").

Salomé abriu a caixa, levou os chapéus para junto do espelho e ficou a experimentá-los com indecisão. Punha e tirava. Revirava-os nas mãos trêmulas, repunha-os voltando a cabeça para os lados, a fim de estudar o efeito.

— Quanto custa este?

— Madame mandou a nota na caixa.

Salomé acendeu, frenética, um cigarro. Pureza, sentada no tamborete, diante dela, examinava-a. Tinha o lábio inferior um tanto frouxo, como descolado das gengivas. O fumo enegrecera os incisivos inferiores. Ergueu-

se e, a puxar fumaradas consecutivas, remexeu as gavetas, a esmiuçar escaninhos, numa procura impaciente de qualquer coisa. Por fim, explodiu. Fez menção de arrancar cabelos, desmandou-se em palavras contra nomes seus familiares.

— O que um me dá outro me leva!

Ainda mais exasperada:

— Ordinário! "Me" traz flores e me leva os caraminguás (12).

(12) Caraminguás, do guarani, significa dinheiro miúdo, trocadinhos. (Nota do "Clube do Livro").

Apertou o botão da campainha e foi para o vão da porta, a discutir com o criado japonês, procurando falar baixo para que Pureza não ouvisse. Acabou por trazer o dinheiro, em notas, pratas e níqueis. A contagem prolongou-se. A chape-leira estava ao pé da janela, recebendo a luz no rosto. Foi nesse momento que Salomé fixou os olhos nela e reconheceu-a:

— Ora essa! Você, por acaso, não se chama Pureza?

— Chamo-me, sim senhora.

— Pois eu sou a Vicência, do latoeiro... Não se lembra?

Puseram-se a rir. A vida tinha passado. Dez, doze anos... Seguiram caminhos tão diferentes... Era natural que não se tivessem reconhecido assim, num encontro como aquele. E, muito amigas, como nos dias da infância, foram para o alpendre. Ficaram a conversar e a rir, sob as madres-silvas.

O portão abriu-se e um senhor de fraque cinzento, chapéu de palha com fita larga, entrou e caminhou para a casa. Ao vê-las, teve dois gritinhos: um de surpresa, outro de encantamento. Salomé recebeu-o com alegria e fez as apresentações:

— O Dr. Trajano, um amigo... Pureza, amiguinha da infância que, neste momento, acabo de reconhecer, por mero acaso...

A chapeleira corou. Aquele homem era o dono daquelas galochas. Tudo nela se insurgia contra os que, assim, entravam na sua vida. Esteve para precipitar-se portão afora, mas uma fraqueza invencível chumbava-a à mulher extravagante, ao homem amável. Antes, imaginara que ambos se tratassem desabridamente e que ela, encontrada ali, indefesa, fosse recebida como tantas outras. Mas enganou-se.

Trajano mostrou-se correto, até certo ponto, paternal. Convidou-a a entrar, a tomar café. Depois, contra a expectativa da chapeleira, meteu a família na conversa. Tinha uma filha da mesma idade.

— Como se chama mesmo?

— Minha filha chama-se Eunice. E acrescentou:

— São até parecidas. Eunice fez vinte anos no mês passado, vai casar

pelo Natal com um primo carioca. Quantos anos tem você?

— Vinte e dois.

— Não parece. Eu lhe daria dezenove, apenas.

Ela despediu-se e lá se foi, com a caixa redonda, pendurada no braço, a balançar. Esperavam-na lá embaixo, na cidade dourada de sol. *Madame* estava de mau-humor; tinha brigado com o namorado. Era preciso chegar logo à oficina, senão ela a olharia por cima dos óculos. No portão, o motorista de ombros quadrados e pernas em arco afastou-se para que ela passasse, numa mesura exagerada. E sorriu...

Depois daquele encontro, seguiu-se uma enfiada de dias rigorosamente iguais, como contas de rosário. Com a aproximação de dezembro e das festas, o trabalho cresceu na oficina do "Grande Luxo". Duas novas aprendizes ajudavam Pureza no trabalho de descoser fitas, desarmar chapéus, remontar formas de palha. Moviam-se naquele minúsculo laboratório como peixes em aquário. Era um ir e vir, um rodar nos calcanhares, um acotovelar-se que até fazia rir. O telefone tocava muitas vezes. Automóveis paravam à porta e deles desciam senhoras apressadas. *Madame* levantava os olhos do livro para atender às freguesas que empurravam a porta de vidro e punham dentro a pluma do chapéu.

— Bom dia, queira entrar!

E sobre o balcão, esmaltado de branco, com guarnições de metal polido, estendia-se logo uma loucura de cores: frutinhas de celulóide, asas espalmadas, plumas, guirlandas, e véus tênues como fumaça de cigarro, gases imponderáveis, sugerindo perfumes materializados...

Madame reprovava as aprendizes, que falavam, gesticulando (— Fala-se com a boca, não com as mãos...) e disso fazia a sua divisa. Sobre essas cenas repetidas até ao bocejo, até ao sono, misturava-se aquele cheiro forte de couro das poltronas. Com o calor do verão, a oficina tornara-se sufocante. As moças sentiam-se esfalfadas, de boca aberta, o colo em arco, o olhar perdido num pensamento. Algumas delas, de tão fracas e febricitantes, viam cair do alto miríades de confetes luminosos. Era como um enxame de pontinhos azuis, amarelos e vermelhos a esvoaçar por toda parte, naquele recinto esbraseado que as cortinas tornavam cor de salmão.

Ao anoitecer, Pureza voltava para casa, pisando o asfalto quente, onde se arrastavam as folhas secas. Vadios, à sua passagens, atiravam-lhe frases tolas. Mas ninguém a requestava lealmente. Nem mesmo o Luciano. E a vida, então, se tornava para ela um beco deserto; um beco que se fechava pouco adiante, num ângulo de pedra.

Ao virar a rua, ouviu chamarem-na pelo nome. Ia tão absorta em seus pensamentos que teve um sobressalto. Depois, ficou-se a rir do susto. É que

a limusine cor de azeitona lentecia a marcha e, desviando rapidamente, encostava-se ao passeio, mesmo ao seu lado. Pela portinhola, uma mulher sorria, acenando-lhe com a mão enluvada. Era Salomé. Atrás da sua cabeleira ruiva, arrepiada, a chapeleira lobrigou o rosto raspado, cinzento, de Trajano. Ele repuxava os lábios espessos sobre dentes falsos, num sorriso.

— Entre, Pureza!

— Obrigada. Mamãe está à minha espera, para jantar.

— Ora, um passeiozinho de nada... Preciso dizer-lhe uma coisa... Meia hora, apenas...

Para não desgostá-los, acedeu. E, depois de sentar-se entre ambos, na almofada fofa do automóvel, sentiu indizível delícia. O interior do carro cheirava a charuto e a pele de Espanha(13). Pelo cristal fronteiro, viu as costas quadradas do chofer (14). Lembrou-se de que ele tinha as pernas em arco e sorriu.

(13) "Pele de Espanha", tradução do francês, *Peau d'Espagne*, que é o nome de um perfume. (Nota do "Clube do Livro").

(14) Chofer, condutor de automóvel, motorista, autista. Adaptação do francês *chauffeur*. Já se fez o verbo choferar, dirigir automóveis. (Nota do "Clube do Livro").

Ao leve trepidar da máquina, que se encarrilara nos trilhos dos bondes, devorando sombras e claridades alternadas sobre o asfalto, conversaram. Salomé, com simplicidade, contou-lhe que estava para casar com Trajano. Esperavam apenas, o fim do processo de desquite para legalizar aquela situação. Assim, ela ia defrontar nova vida. As responsabilidades de um lar assustavam-na. O passado já lá se foi; tinha dele a recordação de uma noite mal dormida, com febre e delírio. Todos os pontos do caminho podem ser a encruzilhada de uma vida nova. (— Não é verdade, Trajano?..)

Havia tempo que Salomé namorava um chalé arrabaldino, com primaveras floridas no canto do muro e gaiolas de canários entre as madressilvas do alpendre. Mas o Trajano era homem de negócios, passava o dia inteiro no escritório. Como poderia ela viver em casa, sozinha, entre criadas indiferentes? Precisava de companhia para os longos serões honestos, quando ficasse a ler na varanda, envolta no seu traje caseiro, de mangas largas. (— Ninguém melhor do que você, Pureza minha amiga de infância...). Tinha pensado muito nisso. Só Pureza poderia acompanhá-la nesses dias calmos, entrevistos ao longe, no seu desejo de felicidade. Seriam como duas irmãs. O Trajano saberia recompensá-la...

— Quanto ganha você na loja?

Riu muito da resposta. *Madame* era unha-de-fome. Aquela migalha disputada com tamanho esforço penalizou-a. Bem diziam os jornais que a vida estava pela hora da morte. Ela não sabia ratinhar, como *Madame*. Dar-

lhe-ia o dobro... Dar-lhe-ia o dobro, mais do que o dobro... (— Não acha justo, Trajano?) Pois era justo e ainda lhe ficaria devendo favor. Aos sábados, iria para casa, passaria os domingos com a mãe e o irmãozinho. Até, se quisesse, no dia seguinte poderia ir ajudá-la na mudança.

Estavam diante do palacete. Trajano fez o motorista parar.

— Vamos levar Pureza à sua casa. Ela protestou.

— Obrigada. Eu vou a pé. Mamãe estranharia.

Trajano e Salomé aceitaram as razões. Então ela desceu, despediu-se, virou a gola do casaco por causa da garoa e lá se foi, tiritando. Um moço que estava na esquina, e a viu desembarcar do automóvel, fê-la parar.

— Pureza, de onde vem você?

— Da casa de um cliente.

— Ah!

Era Renato. Não se demorou a conversar, estava com pressa. Ao virar a rua, ela voltou-se e olhou-o. Ele ainda a acompanhava com a vista. Podia muito bem não ter encontrado com o estudante, precisamente naquele momento... — pensou ela.

Pureza chegou atrasada em casa. O jantar, posto havia muito, estava quase frio. A mãe remendava trapos. O Neco, afocinhado na toalha, cansado de esperá-la, dormia a sono solto.

De fora, chegavam xingações:

— Cafajeste!

— Xaveco!

Era a Lina a brigar com os tipos suspeitos do bairro. D. Aninha, que todas as noites via a filha chegar mal humorada e engolir quase sem dar por isso os bocados que botava no prato, animou-se por vê-la mais contente. E, ao contar-lhe os acontecimentos sem importância da casa, pôs-se a rir, desajeitada, ela que com os anos perdera as expressões de contentamento. Depois, fixando a atenção num pesponto, começou a cantar as suas modinhas antiquadas.

Pureza, estudando-a com o rabinho do olho, achou que o momento era propício para falar-lhe daquela história.

— Sabe, mamãezinha, aquele chapéu que eu levei anteontem era para a Vicência.

— Que Vicência?

— Ora, a filha do latoeiro, aquela rui vinha... Lembra-se? — Então, ela usa chapéus?

— E mora num palacete.

A velha tossiu. Pureza continuou:

— Por estes dias, ela vai casar com um senhor muito direito. É até dono de uma fábrica.

— Hum... Desconfie dessa história de fadas em nosso tempo. Acho melhor você não se dar a conhecer. Deve ser uma como a Lina.

Pureza agastou-se:

— Credo, mamãe! Para a senhora, a perdição está em toda parte, como o ar que se respira!

— E está mesmo, Deus me perdoe!

Seguiu-se comprido silêncio. A moça ficou de mau-humor. Cruzou os talheres com gesto brusco. Acordado por esse ruído, Neco levantou a cabeça, fixou-as com os olhos piscos e, a cambaleiar de sono, foi para o quarto.

— Você não janta, meu filho?

O menino nem respondeu. Ouviu-se o som áspero do dedal forçando o fundo da agulha. Dali a pouco, Pureza voltou ao assunto.

— Vicência vai casar e, como o marido passa o dia inteiro na cidade, precisa de alguém que lhe faça companhia.

Hoje, convidou-me a ir morar com ela. Ofereceu-me o dobro do que eu ganho. Virei aos sábados e voltarei às segundas. Mamãe dá licença que eu aceite esse oferecimento?

A velha estava surda, com redobrada atenção na costura. Pureza aproximou-se dela.

— Mamãe dá licença? Eu não posso continuar nesta vida de trabalhar dez horas por dia para ganhar uma bagatela por mês. Já estou com vinte e dois anos. Ninguém me quer para esposa. Por quê? Porque eu sou um ser que come, que veste, que é preciso sustentar...

E ficou arquejante, com um nó na garganta. A mãe, de cabeça baixa, cosia.

— Mamãe dá licença?

Como ainda dessa vez a velha não respondesse, a filha deu a volta, encostou-se à ponta da mesa para falar-lhe próximo do rosto. Mas afastou-se depressa para o quarto, abafando um soluço. É que a mãe tinha a cabeça baixa, porque estava chorando. As lágrimas rolavam-lhe pelo rosto, silenciosamente, humildemente, com medo de mostrar a sua tristeza.

No dia seguinte, muito cedo, Pureza levantou-se e encontrou-a passando roupa a ferro. Era a sua roupa branca. Camisas, saias, corpinhos, tudo quanto ela precisaria durante a semana estava sobre a mesa, cuidadosamente dobrado sobre um jornal aberto. Espantou-se de que tamanha mudança se houvesse operado no espírito daquela mulher que os sofrimentos tinham anulado. Muito grata, quis beijá-la. A mãe tinha os olhos úmidos e vermelhos. O cabelo parecia mais fosco. O busto mais arcado. Envelhecera muito, muito, naquela noite.

Sentindo-se abraçada pela filha, quis dizer alguma coisa (— Se é para sua felicidade...) mas a língua emperrou, não conseguiu terminar a frase.

O Neco andava na calaçaria pelo cortiço. Depois, farejou qualquer coisa que não chegou a compreender bem. Por isso, de quando em quando, chegava à porta e olhava para dentro.

Em certo ponto, não se conteve e, enrolando-se nas saias de D. Aninha, arriscou uma pergunta:

— Mamãe, por que é que eu estou com vontade de chorar, hein?

Depois do café, Pureza tomou o embrulho de roupa e saiu. Na soleira da porta, voltou-se para dizer adeus à mãe e ao irmãozinho que haviam ficado à mesa. Mas não teve forças. Inclinou a cabeça e desapareceu entre os varais de roupa ensaboada.

CASAMENTO DE MARGARIDA

Diante do espelho da sala, Pureza, Helena e Luísa, numa algazarra, esticavam, ajeitavam, faziam flutuar nuvens brancas, de véus, ao redor da cabeça arrepiada de Margarida. No interior da casa, ouvia-se o tilintar dos copos. Lá estavam reunidos os homens: Jangote, Teodoro, Mendes, Renato, amigos do noivo e do sogro, convidados de convidados. D. Lídia, de quando em quando, aparecia com uma bandeja alegre, onde os cálices de bebidas se empurravam uns aos outros e riam, riam. Jangote e Margarida casavam-se.

Dois automóveis pararam à porta e puseram-se a buzinar. As moças correram a ver do que se tratava. Por acaso, Mendes entrou na sala de visitas, encontrando Margarida só, diante do espelho. Ficaram vexados, sorriam.

— Estou bonita? — perguntou ela.

— Pergunte ao Jangote.

— Ora diga, que não é pecado. Será a primeira e última vez.

— Diacho! Você não está alegre! No dia do casamento!

— Nem você.

— Eu? Eu sou maluco. Nunca estou alegre, nem triste: vivo...

Mas, apesar dessas palavras, desde aquele momento mostrou-se de uma alegria exagerada.

Lá dentro, ouvia-se a voz sibilante do Jangote (— Vamos ou não vamos? O tempo está correndo) e impelia os padrinhos e a noiva para os automóveis, já de mau-humor.

Do cartório, iriam para a igreja e de lá os dois fugiriam para sua casa. Por isso, Margarida quis despedir-se daqueles aspectos familiares que, para sempre, ia abandonar. Mas Jangote, olhando assustado o relógio, mandou que partissem. E os dois veículos, atulhados de gente, atravessaram o trecho de rua, onde as janelas apareciam apinhadas de curiosos e os comentários eram feitos em voz alta, acompanhados de gestos indicativos, sublinhados de sorrisos maus. A Zuza e seu noivo mais recente, um velhote de ar estróina, acharam graça naquilo. Os noivos gastaram duas horas no Registro Civil do bairro.

Logo depois, um padre da igreja da Consolação casou-os, por preço módico. O Mendes, que era o padrinho da noiva no religioso, levou-lhe uma nota nova num envelope branco. E foi abraçar D. Lídia. O rapaz estava fora de si. Desde que Margarida, à última hora, tinha entremostrado que o amava, ele já não sabia que fazer. Por que motivo não lhe falara antes?

Os adeuses começaram na escada do templo, no meio das pessoas que esperavam outros pares de recém-casados. As sombrinhas de Pureza e Luíza brilharam ao sol como grandes flores. Onde estaria Helena? Atrás da sua sombrinha cor de rosa, contra o sol, viram-lhe a cabeça felpuda. Mas estava unida a outra cabeça, masculina. Ela, para não perder o hábito, dava recepção aos namorados, atrás da sua sombrinha. D. Lídia apareceu tão comovida que tinha perdido a voz. A cidade espantava-a. Tinha passado a vida entre quatro paredes.

Os recém-casados deveriam partir de automóvel e o grupo de parentes e amigos dispersar-se-ia ali mesmo. Jangote, ajudando o gesto com um ramo de flores, chamava a todos os autos que passavam pela rua movimentada. Não sendo atendido, ficou zangado e foi postar-se no meio da via pública, braços abertos, como espantalho.

Um do grupo assustou-se:

— E se ele for atropelado?... Outro tranquilizou-o.

— Ora, o padrinho casa com a viúva...

Mendes ouviu aquilo e ficou com a frase a zunir-lhe no ouvido. Viu-se vestido de fraque, levando Margarida pelo braço, vestida de roxo. Mas afugentou logo aquele pensamento, com pudor. Nesse instante, um veículo diminuiu a marcha e estacou. Jangote e o motorista travaram-se de razões, discutindo o preço da corrida; por fim, este cedeu e o carro fez a curva, encostando o estribo no passeio.

Começaram as despedidas sob o olhar duro do noivo. (— O chofer desceu a bandeirinha; o taxímetro já está funcionando...). Pôs-se a correr de um lado para outro, a receber depressa os cumprimentos. O tempo voava. (— Vocês não vêem que os carros de praça usam relógio ensinado?!) Margarida parecia esconder-se debaixo dos véus, mostrando-se o menos possível ao lado daquele homem que já era seu esposo. Acabou por subir para o carro e foi sentar-se no fundo, sumindo-se numa nuvem esvoaçante.

Moleques descalços e sujos, que jogavam bandeirinhas no passeio, debaixo de uma árvore pelada, correram para assistir ao embarque. Espiavam curiosamente a noiva, segredando entre si palavras incompreensíveis. Quando Jangote subiu para o seu lugar, sentando-se ao lado de Margarida, com muito cuidado para não fazer joelheiras nas calças novas, nem amarrotar o peito da camisa engomada, alguns transeuntes pararam, contemplaram a cena e lá se foram, com um sorriso enigmático.

Margarida já estava por tudo; sua infelicidade estava feita. Entre o celibato e Jangote, escolhera este último. Atirara-se no destino, como quem se precipita num poço. O resto, seria o que Deus quisesse. Sacudiu a cabeça para não pensar mais naquilo. E o automóvel arrancou, fácil, atirando-a contra o esposo. Este sentiu-se embaraçado, sem palavras. Ela, então,

interessou-se pelos que lhe eram caros, o pai, a mãe, o coitado do Mendes, a Pureza e as amiguinhas, criaturas simpáticas que lá ficavam, num adeus sorridente, num palpar de lenços, para sempre, para sempre... As lágrimas reprimidas até ali saltaram-lhe bruscamente dos olhos, chorou, chorou... E tudo desapareceu, mágicamente, entre outros veículos, entre casas que pareciam dançar, vistas assim à desfilada.

Escurecia. O céu estava muito limpo. O sol oblíquo desembocava das ruas transversais. As paisagens distantes alternavam-se de ouro e cinza. E o carro, coruscante de metais e vidros, fugia.

— Vamos afinal para nossa casa, hein?

Não ouvia o marido. Durante vinte minutos, a cidade tal como a conhecia, passou espavorida pelas bandas do veículo, numa visão efêmera de portas e janelas, lampiões e homens. Depois, abriu-se diante de seus olhos aquela imensa clareira que o crepúsculo azulava. O carro começou a descer aos pinotes pelas ruas esquecidas de Vila Clementino. As casas rarearam. Às alegres construções que se erguiam da poeira vermelha das ruas apenas esboçadas, ainda sem passeios e com ervas crescidas no centro, opunham-se largos quadrados de terrenos vagos, ao abandono, com poças verdes, capinzais e cabrinhas pastando.

De um lado e de outro, a paisagem diáfana, rósea, como vista em sonho, ia-se abrindo em colinas cobertas de ervas rasteiras. Longe, apareceu um borrão escuro. Eram as construções do mercado.

Jangote morava numa elevação de terreno, a meio quilômetro de distância. Entre dois solavancos (— É aqui, chofer! Pare com isso!) o veículo estacou, ainda cheio de ruídos internos, como a arquejar do esforço.

Enquanto a marido pagava a corrida, discutindo gorjeta e troco, ela encostou-se desfalecida ao portãozinho de tábuas verdes, mal unidas. Os ramos da roseira louca da cerca enroscaram-se no seu vestido branco, esvoaçante.

O automóvel que os transportara da cidade regressou a corcovear pela estrada sem calçamento. Moças, de toalha na cabeça e mãos negras de sol, correram para a estrada, a ver do que se tratava. Crianças ariscas, quase nuas, espiavam de cima dos barrancos.

Foi um trabalhão para entrarem em casa. Jangote tinha muito medo de ladrões. Em seu bolso, tilintava sempre o molho de catorze chaves. Não compreendia um mundo sem cadeados, fechaduras e ferrolhos.

O portão custou a ceder, enchendo a rua de frenéticos sons de campainhas. A porta da casa estava fechada a chave e cadeado. De um compartimento para outro, havia chaves, trancas, tramelas, trincos e ferrolhos. Depois de muito praguejar contra fechaduras de má qualidade (— Estes ferrageiros são uns gatunos!) empurrou Margarida docemente para o

interior daquela residência que ia ser a sua.

Quatro compartimentos nus como sepulcros. Nenhum quadro, nenhuma flor. Nada de humano, de moço. Era o próprio Jangote, de pedras, de tijolos, de reboco. Os móveis, paupérrimos, não tinham o encanto da simplicidade, da improvisação. Margarida, sem mesmo saber por quê, sentiu um nó na garganta, as lágrimas brotaram-lhe dos olhos e ela sentou-se desamparada numa cadeira. Era aquilo, então, o casamento com que sonhara toda a mocidade?

Jangote, indeciso, conduziu-a para o quarto. Ela entrou, batendo a porta atrás de si. Então, depois de hesitar um momento, ele desistiu de acompanhá-la. Para encher o tempo, tirou da gaveta uns papéis encardidos e pôs-se a fazer os assentamentos: um terno de casimira, automóvel, cartório, gorjeta. E somava, tirava a prova, resmungando...

Fora, fazia um luar escandaloso; sobre os campos quase desertos de Vila Clementino, a lua executava, à risca, o seu lírico programa.

INQUIETAÇÃO

A mudança de Salomé para a nova casa foi trabalhosa, demorada. Ela mostrou-se a flor das desorientadas. A princípio, desejava fazer daquela vivenda antiquada, cheia de confortos, um recanto discreto de amor e tranqüilidade. Depois, de um momento para outro, sem que nem porque, começaram os desvarios. Em roupão, de cabeleira solta, andava de um lado para outro, acendendo cigarros que atirava fora à primeira fumaça. Parecia irritadíssima com tudo, com todos.

Durante uns seis dias, foi um ir e vir sem conta. Atendiam-na, atarantados, mas solícitos, porque naquela mulher tudo eram caprichos. Dizia-se mesmo que os seus projetos de vida tranqüila não passavam de outros tantos caprichos, que já a haviam enfarado mesmo antes de realizados.

Os móveis, até encontrarem posto definitivo, eram armados e desarmados muitas vezes. As criadas recebiam descomposturas. O próprio Trajano nem tirava o chapéu; entrava em casa, ouvia ordens, escutava sem pestanejar os improperios e assim que ela o perdia de vista, raspava-se para a cidade.

Seus projetos de leitura tinham morrido ao nascer, como os demais. Os mais belos livros de poemas adquiridos nas livrarias do centro andavam esquecidos pelos cantos, alguns ainda com a espátula de marfim a rasgar-lhe as entranhas impressas.

Uma tarde, Pureza chegou a assustar-se. Estivera no quintal algum tempo, separando a roupa pesada que devia ir para a lavadeira das peças mais ligeiras que seriam lavadas em casa; ao voltar, tendo duas palavras para dizer a Salomé, procurara-a pelos quartos. Não a encontrou. Chamou-a, várias vezes. Então, já com uma pontinha de cuidado, subiu ao sótão, onde os móveis fora de uso tinham sido arrecadados. E, ao transpor a porta, esteve para perder os sentidos.

Salomé apareceu-lhe deitada, de costas, num divã. Movia lentamente as maxilas, como a mascar borracha. Ao lado, num tamborete, viu aberta uma caixinha de cartão com ampolas de líquido cristalino, alinhadas sobre algodão. Na mão direita, de dedos frouxos, aparecia, quase a cair, uma seringa de vidro, terminada em agulha.

Pureza deu um grito e apoiou-se à parede. A criada Francisca saiu de um canto. (— Que é isso, moça? Por que está gritando?) E quando viu Salomé

naquela atitude, limitou-se a sorrir, com pena.

— Isso é perigoso, Francisca?

— Sei lá... Quando lhe irritam os nervos, já se sabe... Francisca desceu a escada de madeira, batendo os, tamancos. Horas depois, Pureza ainda velava o sono agitado de Salomé. Trajano, avisado da cena, entrou pelo sótão de chapéu e bengala, indignado com aquilo, chupando forte o charuto. Sabia dos seus desmandos.

Depois daquele dia, Salomé mudou completamente. Tornou-se pensativa, andava a falar sozinha pelos cantos. Pureza tomava-a pelo braço e levava-a para o jardim abandonado, para que ela respirasse um pouco de ar fresco. Ela, dócil, como sem vontade, deixava-se conduzir. Num momento em que a infeliz se mostrou mais consciente, a moça perguntou-lhe:

— Para que você usa aquilo, Vicência? O nome de Vicência soou-lhe agradavelmente ao ouvido.

— Para fugir a isto, à vida...

Ela, também! Então, eram todos a sofrer. O mundo não passava de uma procissão de irmãos flagelantes. O que está atrás de mim chicoteia-me as costas. E eu, como revide, chicoteio as costas dos que caminham na minha frente...

Nessa noite, altas horas, bateram à porta de Pureza. Ela levantou-se e foi atender. No corredor, frouxamente alumiado, estava o chofer, de camisa de meia e sem boné. A moça custou a identificá-lo; parecia o pai daquele que ela conhecia.

— Que quer? — perguntou Pureza.

Ele não respondeu, ficou a rir. A boca parecia chegar às orelhas e os olhos piscos fosforesciam como águas vivas. Ela bateu a porta, deu duas voltas na chave e passou o resto da noite a chorar.

Sábado, enquanto os outros jantavam, foi para sua casa, a matar saudades. No portão, como era de seu costume, o carpinteiro Torres fumava uma cachimbada. Ao vê-la, atirou um cumprimento seco e virou a cara. Assim que entrou na sala de jantar, viu a mesa posta, à sua espera.

D. Aninha fizera prodígios de economia para oferecer-lhe aquilo: um frango ao molho pardo e um pires de manteiga, sem sal, de que ela tanto gostava, outrora, quando o pai era vivo. A mãe não fez perguntas; foi ela própria quem começou a contar as misérias da casa. (— Tudo muito rico, muito bonito, mas que tristeza, meu Deus!...)

O Neco entrando da rua, ao encontrá-la sentada na sua cadeira, no lugar do costume, rolou pelo chão — de alegria. Ela, então, foi ao quarto e de lá trouxe o pacote verde. Era um presente, um livro. (— No mês que vem, você entrará para a escola, não?). Nesse momento, aquela sombra saiu do canto e, com passos trôpegos, veio afocinhar no seu colo: o Vizir! Pureza deu-lhe um

osso de frango. O cachorro tentou mastigar, mas não pôde, ficou-se a grunhir. Então, D. Aninha preparou-lhe carne e pirão. O animal já não tinha dentes.

Diante da porta, começaram a passar as vizinhas. Paravam, saudavam e atiravam uma olhadela para dentro, a fim de verem a chapeleira. As mais afoitas chegavam com ares amigos e faziam perguntas. Queriam informações. E, depois de ouvirem o que se lhes dizia, saíam sorrindo, com ar misterioso.

De repente, rebentou no quintal aquela briga. Um desconhecido, insultado pela Lina, esbofeteou-a. Todos procuraram apaziguar. Pureza também chegou à porta. Mas a Lina não gostou da sua presença:

— Olhem a santarrona! Se você pretende tirar o meu noivo como tirou o da outra, mando-lhe um pé do ouvido!

Pureza fechou a porta e entrou. Aquelas palavras alumiarão recantos obscuros da sua alma. Começou, então, a compreender qualquer coisa de triste. E durante a noite, noite infundável, reuniu mentalmente uma série de pormenores que vinham confirmar o despropósito da vizinha. Trajano cortejava-a. As atenções que ele lhe dispensava não eram apenas cortesia de homem amável.

Muita coisa se esclareceu no seu espírito. Fora ela quem, entrando na existência de Salomé, arrebatará-lhe o futuro marido. Nem mesmo percebera essas coisas. Mas a outra, iniciada nesses mistérios, sentira logo o drama: aquela intrusa, recebida quase por piedade, tirava-lhe o amigo, a esperança de vida honesta, a riqueza, tudo...

Compreendia e justificava agora, a exaltação em que Salomé passara a semana. A princípio, a pobre sentira tristeza, depois despeito, por último indignação. E assim, voltou ao vício, sequiosa de aniquilamento. Queria fugir à dor da vida, como se dor e vida fossem coisas que a gente pudesse separar.

Na manhã de segunda-feira, quando voltou à casa de Salomé, não se admirou de encontrar por toda parte vestígio de grande festa. A explicação era fácil. Salomé, sentindo ser impossível dominar Trajano, voltara à vida passada com dobrada fúria. A estatística social criara-a, educara-a, aperfeiçoara-a para aquilo.

Quando chegou à sala, espiou para dentro e recuou assustada. As mulheres, que entrevira uma vez, quando lá fora levar chapéus para experimentar, lá estavam adormecidas como animais, em atitudes impudicas. Procurou fugir para os fundos do prédio. No corredor, encontrou Salomé que não havia dormido e voltava do banho. Tivera a fantasia de mandar rapar os cabelos, a navalha. Não era o primeiro caso no seu meio; não seria o último. Sua cabeça de marfim, de um oval perfeito, ostentava uma mancha azul de

pedra preciosa, preciosíssima. Era a Venus depilada, nova, de uma beleza ácida, inconcebível. Os olhos, desmesuradamente abertos, ardiam. Ao defrontarem-se, pararam. Salomé quis dizer qualquer coisa mas a língua estava grossa. Pureza agiu com calma:

— Venho pedir que me dispense hoje; tenho que...

— Vá... Vá... — e o fantasma de olhos vidrados lá foi, cambaleando, sem ouvir o resto.

Como encontrara, tão de improviso, aquele expediente? Não atinou por mais que pensasse. E, nesse momento, teve a impressão de que a ladeavam muros altos entre os quais deveria seguir para determinado ponto, quisesse ou não quisesse. Salteou-a o desânimo. Afinal, para que lutar? Já na rua, envolta no leite vaporizado da neblina, sentiu-se melhor. Voltaria para casa, contaria tudo à mãezinha, retomaria o curso lento da antiga existência. Mas... E a Lina apareceu-lhe de mãos nas ancas, os cotovelos para a frente, um rítus de ódio na boca torcida, a exprobrá-la, a difamá-la. Hesitou. Não. Não voltaria ao cortiço sem reabilitar-se no antigo emprego. Dobrou a esquina, entrou na avenida.

Lá estava o "Grande Luxo". O cachorrinho sentado à porta dava definição de tudo. Ao vê-la aproximar-se, estranhou-a e investiu-lhe contra os pés, esforçando-se por abocanhá-los. Pureza levou a mão à maçaneta de metal, mas teve receio. No último momento sobreveio-lhe aquele temor. (— Que dirá *Madame*?... Ora, seja o que Deus quiser...) Empurrou a porta e entrou. A velha continuava na escrivaninha, debruçada sobre o livro grosso, a alinhar algarismos.

Pureza deslizou até à patroa. As antigas colegas inclinaram-se uma para as outras, segredando, sorrindo. Só então *Madame* levantou a cabeça. Ao reconhecê-la, franziu a testa.

— Que quer aqui?

— Venho pedir à senhora para desculpar...

— Ponha-se! Isto aqui não é o que você pensa!

A chapeleira inclinou a cabeça e saiu. Não via, nem ouvia nada. Andou muito tempo. Ao anoitecer, sentiu-se fatigada. Depois, acariciou-lhe o rosto uma frescura agradável de proximidade de folhagens e águas. Bancos rústicos estendiam-lhe os espaldares, num convite. Era o jardim, o jardim do bairro. Sentou-se, quase desfalecida, e ficou a observar coisas sem importância.

Para ela, aquele jardim não tinha a fisionomia característica dos logradouros públicos. Faltavam-lhes lagos atônitos refletindo o céu, pontes arqueadas sobre águas mortas, salgueiros negros e felpudos, aleluias com seu perene aspecto festivo. Afinal, aquele jardim talvez contasse essas coisas, como os outros. No entanto, ela não as encontrava. A paisagem desmancha-

va-se num delíquio de tons, apagando-se inteiramente nos planos afastados, em azulescências, transparências, abstrações de cor.

Era o nevoento jardim daltônico dos míopes, dos ensimesmados. Tudo no primeiro plano, como nos quadros dos pintores antigos. E nesse primeiro plano, apenas aquilo: a copa, o banco, o palmo de areia onde a ponteira de uma sombrinha ou de uma bengala distraída havia deixado desenhos confusos, imantados de um pensamento indefinível. À proporção que seu olhar seguia, a paisagem sem infinito se recompunha, como no cristal despolido de uma câmara fotográfica: novas franças, novos bancos, novas garatujas riscadas no chão. Arrastavam-se folhas secas; do alto caíam pétalas.

Diante do banco em que ela estava sentada, apagado pelos tacões diferentes, coleava um desenho distraído: iniciais, linhas onduladas, profundos golpes na areia; depois, o sulco de uma ponteira que se arrastou, pesada, para longe. Sofreu-se ali, com certeza, a espera dolorosa daquela que prometeu e não veio. Ou daquele que não voltou. Adiante, vivo, sangrando, um ziguezague impaciente de bico de sombrinha, chagas fundas de pontacos de bengala, riscos fortes, um pizicato miúdo, feito por bengala agitada de alguém que pede contas, que reprocha, um interlocutor que se desculpa, que mente (15). "Ele" — estava claro — esperou-a à hora apazada. "Ela" tardou, tardou muito. Altercaram. Depois, partiram juntos.

(15) Pizicato, nota que nos instrumentos de arco se faz soar dedilhando a corda. Adaptação do italiano *pissicato*. (Nota do "Clube do Livro").

Em outro banco, em outro chão de areia, frases dúbias dos que amam, mas não esperam; exclamações sem calor dos que esperam, mas não amam; riscos largos, bocejos lineares dos que não amam, nem esperam; cálculos nervosos de tesoureiros alcançados, frases enigmáticas de poetas em êxtase; cômoros e sulcos feitos por mãos infantis enlevadas no brinquedo.

Nos espaldares verde-paris dos bancos, iniciais fundas mas apagadas, de pares que um dia ali estiveram em colóquio, e partiram para voltar ninguém sabe quando, ou para nunca mais voltar. Nos troncos das árvores, letras entrelaçadas, signos misteriosos, todo o simbolismo da tortura humana: amar, desejar, esperar. Oh! Aquele jardim era comovedor como um cemitério. O desenho que se alargava, que se apagava na areia, nos espaldares dos bancos ou nos troncos das árvores, era o "aqui jaz" das melhores ilusões daqueles que por ali haviam transitado, antes dela.

Compreendeu, sem dar por isso que, se os corpos lívidos vão para o cemitério desmanchar-se em pó, a vida inquieta, a verdadeira vida humana aqui fica com antecedência, sem mármores, nem cruzeiros, no melancólico jardim da espera. Sem querer, estendeu o bico do sapato e com eles fez dois riscos. Dois riscos apenas. Uma cruz. Estremeceu. Dentro dela, como uma serpe fina e ágil, tinha nascido um pensamento de morte.

DANÇA DAS MÁSCARAS

Aquele domingo, antevéspera de Natal, serviu de pretexto para um baile de máscaras no primeiro teatro de São Paulo. Reuniu-se essa noite, no Municipal, toda gente rica e estúrdia que constitui certa moldura da nossa sociedade (16). Lá se encontraram, também, as figuras misteriosas que aqui chegam, enriquecem em dois anos, brilham e depois desaparecem — umas no portaló do transatlântico, outras na grade de ferro da penitenciária. E ninguém mais fala nelas.

(16) Estúrdia, estroinice, travessura, extravagância. (Nota do "Clube do Livro").

Os automóveis estacavam diante das escadarias e despejavam o público, composto de seres vagos e confusos, mais nomes que pessoas. Conhecemo-las através da crônica elegante; vivem no *carnet*, acabam nos "fatos diversos". São essas personalidades inconsistentes que levam os guarda-chuvas esquecidos nas confeitarias.

O chofer abria a portinhola do automóvel e perfilava-se. Saltava o cavalheiro de sobretudo e chapéu alto. Logo depois, aparecia a figurinha de *loupe* sorridente. Este lhe dava a mão e ambos subiam a escadaria. Mas eram muitos. Pareciam bonecas fundidas a granel, pintadas em série. Mantos longos, verdes, azuis, vermelhos, flutuavam ao vento, entremostrando nudezes cálidas de colos, de braços e de pernas. Subiam lentamente e se perdiam nas fauces douradas do teatro.

Os porteiros recebiam os bilhetes e inclinavam-se. Dentro, havia muita claridade. As escadarias de mármore, com corrimão coberto de veludo, que servem os andares superiores, estavam tomadas pelos casais que iam chegando. Parava-se na subida, para conversar. Formavam-se grupos.

Lá em cima, os largos corredores apresentavam-se chamejantes de luzes, riscados de serpentinas, pulverizados de confetes. O ambiente cegava de brilho, ensurdecia de música e clamores. Os cavalheiros já tinham deixado o *pardessus* e as damas o manto no vestiário (17). Multiplicavam-se as "pierrette", as "colombinas", as "baianas", as "haitianas", as "holandesas". O *jazz* caricaturizava Wagner, traduzia Chopin em tangos, sambas e sambinhas.

(17) *Pardessus*, em francês: sobretudo. (Nota do "Clube do Livro").

Renato, recém-formado, estava entre aquela gente. Encostara-se a uma coluna e assistia ao longo desfile de homens e mulheres. Tinha ao lado, o

Celso, colega da Faculdade de Medicina, companheiro de pensão desde o início do curso. Algumas vezes, acompanhava-o nas visitas. Estivera na casa de Teodoro, na casa de D. Aninha, na casa da noiva do estudante. Era um espírito folgazão. Conhecia toda gente. Estava a par da crônica da cidade.

Celso, à passagem de algumas pessoas, segredava-lhe informações, anedotas, pequenos escândalos.

— Lá vai a linda Selma; conheço-a. Logo depois:

— Olhe a Helena!

— Que Helena?

— A do "Grande Luxo", que você me apresentou, com quem mantive animado flerte...

Celso, que figurava na extensa lista dos namorados da chapeleira, sentiu uma pontinha de ciúme póstumo ao vê-la, maravilhosamente vestida de *marquise*, pelo braço de um cavalheiro circunspeto. Conhecia-o, também. Era um tipo gordo, da Travessa do Comércio, que vendia terrenos e comprava namoros — a prestações.

Atrás, vinha outro casal, conhecido de ambos. Era Luísa, companheira de Helena, ao lado de uma influência política. (— Você se lembra da Luísa?... Quem diria!) Era aquela mocinha pálida, de ar displicente, que detestava os que a perseguiam. Que se soubesse, nunca tivera namorado. A Helena compreendia-se, mas a Luísa!

— O "Grande Luxo", pelo que vejo, é o maior fornecedor do mercado!

Então, Renato lembrou-se de Pureza. Segurou o amigo pelo braço e saiu dali, com receio de a ver chegar — também ela — ao lado de um desses cavalheiros graves que se encarregam de alimentar a vida fácil.

Caminhando, um ao lado do outro, deixaram o teatro, encaminharam-se para a esplanada, sentaram-se num banco e ficaram a conversar. Renato pôs-se a falar de pessoas conhecidas:

— A gente, olhando em redor de si, sente a presença de uma força sem nome que desencaminha as jovens, quer queiram ou não. A propósito dessas moças, que nós vimos entrar no salão de festas, eu poderia dizer tanta coisa... Você se lembra do Teodoro, aquele homem tranqüilo e bom em cuja casa, há anos, fomos passar algumas horas de nossos domingos? É claro que você se lembra, pois não faz um século. Pois vou contar o que você, com certeza, não sabe. Aquele cabuloso Jangote, velho conservador e de economia, acabou por casar com a filha de Teodoro...

— A Margarida?

— Sim, aquela Margarida óssea, de olhos esbraseados. Não sei se você percebeu, mas essa moça era amada, de modo estranho, pelo Mendes, outro freqüentador da casa, homem de idéias estapafúrdias, sempre pronto a comprar uma briga. Lembra-se? Apesar da sua filosofia demolidora, ele era e

continua a ser um tímido. Contentava-se em amar a moça, em vê-la uma vez por semana, aos domingos. Nunca lhe dissera palavra. Uma vez, já no casório, em que levou a abnegação a ponto de servir de padrinho, confessou-lhe que, se não fora a insignificância do seu ordenado, seria ele a pedi-la em casamento. E aproveitou a oportunidade para discorrer sobre o casamento, dizendo cobras e lagartos... Mas — você já adivinhou —. o Jangote não era o marido ideal para Margarida. Criaram-na para o Mendes e deram-na ao Jangote. Sei de muitas, muitas moças que estão no mesmo caso. Felizmente, para o mundo, as coisas têm uma tendência natural para o equilíbrio, mesmo as coisas do coração. Quando o homem desloca a pedra da montanha, a pedra rola e esmaga o homem.

Ah! Mas tenho coisas ainda mais interessantes — prosseguiu Renato. Você se lembra da Pureza, daquela loura de olhos límpidos? Eu a estimava muito, porque ela fora minha companheira de infância. Pois, ao que parece, até ela! Há pouco, deixou o *atelier* onde trabalhava e fez-se dama de companhia de uma criatura excêntrica, conhecida nos cafés e nos clubes por Salomé. Salomé é a favorita do Trajano Sardinha, o rei das rolhas de cortiça. Homem prático em matéria de amor; substitui o dinheiro por promessas. Pelo menos, promete-lhes casamento. Toda gente sabe disso. É o seu fraco. Salomé acreditou nas suas palavras. Depois de alguns meses de idílio, Trajano desmanchou o casório de modo inesperado: apaixonou-se pela dama de companhia, pela Pureza...

Eu mesmo, que desejaria ver Pureza sempre com olhos de irmão, sou obrigado a acreditar no que se conta por aí. Há dias, de madrugada, encontrei-a na rua. Vi-a sair, a correr, em desalinho, do portão de uma casa suspeita. Ela não quis parar um momento, para conversar comigo.

Cheio de curiosidade, fui ver que casa era aquela. Entrei pelo portão, aproximei-me da entrada e espiei para dentro. Bebia-se, dançava-se, ria-se perdidamente. Todos falavam alto, ao mesmo tempo. Mais tarde, encontrei Pureza em passeios inexplicáveis pelos jardins. É quase certo que ela (— Se alguém me viesse contar eu não acreditaria...) rolou pelo precipício em que tantas se jogam de olhos fechados.

Calou-se. Por eles passou uma figura apagada, perdida na sombra da noite. Renato esticou o beijo, mostrando-a a Celso. Este, que não havia reparado no vulto, perguntou:

— Quem é?

— O Mendes, de quem lhe falei há pouco.

AQUELA NOITE...

Na rua mal iluminada, chamaram Pureza. Ela voltou-se, inquieta. Era Francisca, a velha criada de Salomé. Trazia pendente do braço uma bolsa de lona com latas e garrafas. Estava fazendo as compras para a ceia. A moça seguiu ao seu lado, contando-lhe as amarguras. Aquela mulher endurecida pela existência disse-lhe palavras tão boas! Que voltasse para a casa em sua companhia — aconselhou. Salomé e Trajano, unidos outra vez tinham ido à cidade; ela, pois, poderia recolher-se no seu quarto e lá passar a noite, ignorada de todos. No dia seguinte, seria o que Deus quisesse.

Mas quando chegaram ao portão Pureza quase voltou. O automóvel esperava no jardim. Salomé e Trajano já haviam regressado. Felizmente, pareciam ocupados com os amigos, não a viram entrar. Na sala de visitas, estavam reunidas diversas pessoas. Uma voz arrastada, de velho, contava anedotas. A cada reticência, explodiam risadas. Pureza não quis ficar no seu quarto. Meteu-se pela escada estreita que levava ao sótão e foi subindo, devagarinho. A porta estava entreaberta. E, lá dentro, sobre o divã, quase desfalecida, jazia uma mulher. Era a arrumadeira.

— Que é isso, Rosaria?

— Ih! Estou derreada! Essa gente está com o diabo no corpo!

Há três dias e três noites que é só beber e dançar! A vizinhança começou a vociferar! Eu ando por aqui... — e lá se foi, pela escada, bamboleando as ancas, aborrecida de que até ali mesmo, no seu esconderijo, a fossem aborrecer.

Pureza fechou-se por dentro e como o ar estivesse irrespirável de mofo e essências, escancarou as janelas. Viu o telhado escuro, que terminava no quadrado luminoso correspondente à área interna da casa, onde havia talha de filtro, mesinha de ferro batido e tinas brancas com plantas exóticas que abriam na sombra folhas decorativas. Para lá do telhado, abria-se logo o céu. Nenhuma nuvem, nenhuma estrela; só nos confins, acima do borralho da cidade, um crescente estreito e curvo.

Do quadrado luminoso, onde todos os ruídos da casa se fundiam em vozear indistinto, ergueram-se músicas. Era uma valsa em moda, a queixa do preso, recordando a boa vida noturna. Aquela canção exasperou-lhe a angústia. Seu sofrimento refluíu instantaneamente. Teve a impressão de que o coração ia partir-se. Antes assim... Mas a amarugem subiu, subiu, travando-lhe a garganta, arredondando-lhe os olhos. E os soluços vieram,

sufocando-a. Não se lembrava de jamais ter chorado assim. As lágrimas corriam e os gritos abafados deformavam-lhe a boca, num ricto de máscara.

Passou a noite inteira naquela agonia. Lá embaixo, a música tornava-se cada vez mais frenética. Pelo quadrado luminoso, subia o ruído dos pés que se arrastavam ritmicamente. Ao alvorecer, o *jass* já não passava de tanta. Gargalhadas e gritos, como foguetes, furavam a serenidade imensa do céu. Na vizinhança, iluminavam-se vidraças, cabeças estremunhadas apareciam, punhos cerrados ameaçavam a casa louca e chame-jante. E ela mordida as mãos, para não gritar.

Alguém bateu à porta devagarinho.

— Quem é?

— Sou eu, Francisca...

Abriu a porta. A criada apareceu, de olhos esgazeados, prevenindo-a:

— Olhe, menina; estão todos bêbedos, malucos. O patrão anda pela casa à sua procura. Quem sabe as suas intenções?

Pureza sentiu-se apavorada. Precipitou-se pela escada, passou pela cozinha, saiu no quintal e fugiu pelo corredor lateral. Mas, já nas proximidades do portão, encontrou Trajano. Estava em desalinho e cambaleava. Pureza encostou-se ao muro áspero de trepadeiras e esperou-o.

— Aonde vai, Pureza?

— Para minha casa.

— Não deixo. Estou louco por você. Já não sei o que faço. Diga que aceita e eu a farei rica, respeitada, feliz. Se não me atender, perderei a cabeça...

Trajano aproximou-se ainda mais. Na claridade difusa da manhã, Pureza viu que ele estava com a camisa aberta no peito, a gravata de lado, os cabelos caídos na testa, os olhos injetados, o rosto tumefacto. Seu hálito quente, saturado de álcool e fumo, chegou-lhe às narinas. Então, reunindo todas as forças, a moça deu-lhe um empurrão. Ele recuou, às guinadas, e perdeu-se na sombra.

O portão estava escancarado; Pureza saiu a correr.

Na rua, havia uma aglomeração de curiosos. Estes, ao verem-na passar, insultaram-na. O chofer, que passara a noite ao pé da máquina, olhou-a com ódio e, depois de dançar à sua frente, ficou-se a contar coisas divertidas aos que o cercavam.

Pureza teve a impressão de estar caminhando ao longo de um corredor cujas paredes, estreitando-se cada vez mais, iam encontrar-se no horizonte, num ponto lívido. Parou um pouquinho, para respirar.

Aquele homem que seguia aquela mulher, ou sombra de mulher, olhou-a demoradamente e virou o rosto, fingindo indiferença. Mas Pureza reconheceu-o pelo chapéu de palha, pelo modo de segurar a bengala. Era

Luciano. Encontrava-o sempre agora, mas o caixeiro se mantinha à distância.

Sem sentir, a moça tomara uma resolução. Iria ao cortiço, acordaria D. Aninha, contaria tudo o que acontecera e lhe pediria perdão de a ter desobedecido, aceitando a proposta de Salomé. E se depois disso a calúnia prevalecesse, se todas as portas se fechassem para uma vida honesta como desejava, (— Ora, tendo minha mãe e o Neco, que me importa o mundo?...), iria lavar e remendar para viver. Seriam duas a ganhar. O irmãozinho poderia matricular-se na escola...

Quando chegou ao cortiço, o portão estava ainda fechado. Por entre a ramada seca da árvore, que se arcava sobre a rua, brilhava a derradeira estrela. O Torres era quem abria o portão, às quatro horas, quando saía para a oficina. Mas já devia ser umas quatro e meia. Ele não tardaria. Pôs-se a andar em direção da esquina, para que o carpinteiro não a encontrasse ali, sozinha, com os sapatos cobertos pela poeira escura das sarjetas. Ela mesmo — olhando-se à claridade nascente — sentiu um ar suspeito em toda a sua pessoa.

Desceu a rua num passo firme, procurando imitar os que vão para o trabalho. A carrocinha de pão passou à desfilada.

Súbito, foi batida por uma claridade cariciosa. Vinha de duas janelas resplandecentes, com cortinas de renda, tão alvas e tão finas que voavam com a aragem da madrugada. Dentro da casa, alguns pares deslizavam numa valsa dulcíssima. Não pôde deixar de levantar os olhos. Um pinheiro esgalhava-se ao peso das velas coloridas, das bugigangas luminosas, dos brinquedos oscilantes. Compreendeu. Era dia de Natal. Nem sequer notara a sua chegada! Lembrou-se um a um de todos os Natais passados em família. Prometera à mãe passar esse dia com ela. Ao Neco, sugerira a possibilidade de um livro de histórias, com lindas estampas...

D. Aninha esperava-a lá embaixo, onde os lampiões agora começavam a apagar-se um a um, cedendo o lugar à sombra cor de violetas da antemanhã...

Ao passar pela esquina, o indivíduo que a seguia saiu da treva e abordou-a. Era o caixeiro da loja de miudezas. Trazia o mesmo cravo à lapela. As mesmas calças à fantasia, com um vinco irrepreensível. Mas os modos e as palavras haviam mudado:

— Como foi isso, meu amor? Onde você está morando agora?

Ela não o encarou. Pensava fortemente na mãe, no irmãozinho, no cachorro cego que adivinhava a sua presença.

Quando chegou de novo à porta do cortiço, o Torres saía com a mulher e a filha. Eles iam, decerto, a algum piquenique. Levavam cestas pesadas, onde apareciam bicos de pães e gargalos de garrafas. Ao vê-la, a mulher mastigou qualquer coisa e passou, recusando-lhe o bom-dia. O carpinteiro

tirou o cachimbo, tomou ares paternais e aconselhou:

— Menina, se você tem de dar desgostos à velha, deixe para outro dia, poupe-lhe este Natal que bem pode ser o último...

E lá foi com a família, cômico de haver praticado boa ação. Pureza não viu nada. Tomou uma direção qualquer e partiu, quase a correr. As lágrimas cegavam-na.

A PORTA ESTREITA

Pureza voltou a sentir aqueles muros que ladeavam a sua vida; eles continuavam a aproximar-se um do outro, a estreitar-se cada vez mais. Na exaltação, como chegou a apalpá-los, a senti-los; eram lisos e frios. Lá no fundo, onde eles deveriam encontrar-se, havia uma saída, a única. Dava para a ruela noturna, onde se alinhavam casas baixas, com janelas de venezianas, miseráveis vitrinas da vida noturna.

— Antes morrer! Antes morrer!

Ouviu perto de si uma gargalhada. Era o carro do leite que, estacando de chofre, atirara as garrafas umas contra outras.

Nunca vira a cidade tão bonita. O sol nascente empoava de ouro as cumieiras das casas e as copas das árvores. As cercas do bairro apareciam muito nítidas, envoltas numa umidade rósea, espalhando certo perfume matinal que ela nunca mais sentira depois da infância. A doçura do amanhecer penetrou-a. Talvez, aquele sol, aquele céu, aquele perfume... Quem sabe lá? E quando deu acordo de si estava parada diante do portão da casa de Salomé. A festa terminara. Na rua não se via viva alma. Sentiu que as muralhas, as muralhas lisas e frias, se iam unindo a cada passo. Se abrisse os braços, tocá-las-ia com os dedos.

Entrou no portão. As árvores do jardim destilavam lágrimas de orvalho.

Chegou à porta; apenas, cerrada. Empurrou-a de mansinho e entrou. A casa estava escura e parecia deserta. O odor de tabaco empestava o ar. Caminhando pelo corredor, viu Francisca debruçada a uma janela dos fundos, batendo os tapetes. Não quis falar-lhe. Subiu a escada, penetrou no sótão e, como quem leva uma idéia decisiva, dirigiu-se ao quarto onde um dia Trajano escondera o arsenal do vício arrebatado a Salomé. Achou aquilo que procurava. Lá estavam ainda as duas caixinhas chatas, a seringa de vidro opaco, de uma aparência oleosa.

Circunvagou o olhar; sentiu-se só. As muralhas lisas e frias, porém, haviam-se aproximado tanto que ela já sentia o seu contato mortal, ora num ora noutro ombro. Sentou-se no diva que para ali havia sido exilado nos dias da mudança e iniciou aquela operação vista de relance, numa hora de susto, quando Salomé se entregara ao entorpecente. Mas era preciso. Era preciso. Era preciso. Sentiu falta de ar. As muralhas já a esmagavam com o seu contato liso e frio. Espetou a agulha no pulso e, comprimindo a haste, inoculou a morte no sangue, até à última gota.

Não reparara naquele moço pálido, de barba nazarena, que, sentado no fundo do sótão, a contemplava longamente com um sorriso triste. Quando seus olhos se encontraram, ele saudou-a. Então, Pureza sobressaltou-se:

— O senhor estava aí, quando entrei?

— Não, menina, eu entrei consigo.

— É da terra dos pais de Salomé?

— Não, sou universal.

— Que veio fazer aqui?

— Eu acompanho os desesperados, os que mordem os pulsos para não gritarem.

— Como sabe que eu chorava baixinho?

— Do mesmo modo que você sabe quando há estrelas no céu; uma lágrima é um grito luminoso.

— Que quer de mim?

— Nada. Apenas ajudá-la a subir a encosta. Eu sou o irmão mais velho dos que sofrem.

Pureza reparou que as muralhas lisas e frias já se haviam encontrado, deixando apenas uma porta estreita, aberta sobre a falda da montanha. Um caminho áspero serpeava entre espinheiros bravos e rochas a pique. Por isso, foi ela quem se apoiou na mão do desconhecido, iniciando a dolorosa escalada.

Milhares de virgens como ela grimpavam pelos pendores da montanha, enroscando-se nos açúcarás, deixando flores de carne nas pontas dos espinhos, vacilando no tope dos rochedos, entre barrancos aprumados e precipícios azuis, levemente toldados de neblina.

O moço procurava amenizar-lhes o caminho. Às vezes, sumia entre duas pedras limosas, cobertas de samambaias, e voltava com as mãos em concha, cheias de água fresca, para a sede daquelas a quem o cansaço vidrava os olhos. Não raro, uma das virgens aventurava-se por veredas escusas; ele ia buscá-la pela mão, taciturno, como se guiasse uma cega de nascença.

— Mas para onde vamos? — perguntou Pureza. As pedras responderam-lhe:

— Para o Dragão!

Ela compreendeu aquilo, como se lhe tivesse contado longa história. Lá no alto da montanha, dissimulada numa floresta de cactus, está a lura onde vive aquele Dragão que de tão velho já se cobriu de cracas (18). Seus olhos são discos esverdeados e luminosos.

(18) Lura, toca, esconderijo; cracas, moluscos que vivem nos rochedos ou nos costados dos navios. (Nota do "Clube do Livro").

Tem a idade do dinheiro. Nasceu no dia em que, na Atlântida, a mulher

vendeu pela primeira vez um sorriso simulado. Sua gula foi cultivada pelo homem. No começo, bastava-lhe de quando em quando, o corpo mutilado de uma escrava; depois, o seu desejo incendiou-se como vulcão, rugiu como voragem.

— E por que a legião das vítimas não se rebela?

O moço, penalizado, cocou a barba; depois, respondeu-lhe:

— Quase impossível. Os donos da terra, apavorados pela gula do Dragão, estenderam as redes, iscaram as armadilhas, prepararam as tocaias, dissimularam os fojos. Por fim, com o aperfeiçoamento dos sistemas, ergueram muralhas dentro das quais encurralam as vítimas, riscando para elas o caminho mais curto entre a estufa e a rótula. Criaram o veludo, e a seda, organizaram a moda, envenenaram e coloriram os alcoóis, desenfream a velocidade dos veículos, trastejaram palácios, com divas de serralho, inventaram a sedução das jóias, das flores, das peles caras, colocaram tudo isso muito alto e, sagazmente, como velhos demônios, marcaram uma classe de mulheres às quais concederam o privilégio de viver nessas estufas, com a tentação de todos os minutos: (— Se eu quiser, tudo isso poderá ser meu!...). A todas, mostrou um ambiente de riqueza e só lhes negou uma coisa: a riqueza. São essas, geralmente, as mulheres criadas para o Dragão. Umas, conseguem atravessar o precipício, equilibrando-se num fio de cabelo; outras despenham-se no vácuo cheio de gemidos, nem a própria morte conseguiria torcer-lhes o destino.

Pureza acordou horrorizada. Depois de circunvagando a vista pelo sótão, compreendeu onde estava. Sentiu-se decidida a tudo. Não queria ir com as outras. Protestou. Seria preferível...

Viu-se em meio da subida, ardendo em cólera, rasgando as vestes com as unhas. A seu lado, subiam outras moças. Umas, sorrindo com ingenuidade. Outras, arrastadas pela mão da fome. E muitas, também, pelo gosto de subir. O que mais a espantava era a visão daquelas que não eram chamadas ali e que galgavam a encosta com escândalo, aos gritos, aos uivos, como animais bravios.

Pôs-se a correr por uma pedra arredondada, pendente sobre o abismo. Quando seus pés já não puderam mais firmar-se, deitou-se no musgo e foi rolando como seixo, em direção da imensidade azul. Mas um último pavor assaltou-a; meteu as unhas nas anfratuosidades da rocha e ficou a flutuar, a mil metros de altura, como uma nuvem dourada.

O moço foi até ela, estendeu-lhe a mão e convidou-a a que voltasse.

— Volte, minha filha. Ainda é tempo.

E Pureza despreendeu-se, no espaço desconhecido. Aí encontrou a dor. Ela mesma tornou-se dor. Uma dor, apenas. Mas para contá-la não seriam bastante as palavras inventadas pelos homens.

O moço de barba nazarena ficou mais triste, pensando em outra mulher, uma samaritana apedrejada por uns brutos. Como há dois mil anos o mundo era diferente...

XIII

DIA DE NATAL

Dois mendigos, sentados na soleira de uma porta, discutiam:

— Você sabe que esta rua é minha...

— Sua, coisa nenhuma. Nesse andar, você acabará por ser dono do bairro inteiro.

Um jovem alto, de chapéu cinzento pendido para a direita, deixando ver os crespos da cabeleira à moda de artista, estacou diante da casa e, indeciso, perguntou aos mendigos:

— Foi aqui?

Mas eles não sabiam de nada.

O repórter examinou o local, para orientar-se. Estava numa dessas velhas ruas de arrabalde, onde as casas baixas e iguais abrem para o sol janelas admiradas. Para baixo e para cima, quase ninguém. Bondes, lá longe, lamentavam-se nas curvas. Crianças descalças empinavam papagaios nos terrenos vagos. De um lado e de outro do portão, estendia-se o muro, guarnecido ao alto com cacos de garrafas. O reboco havia caído em grande parte, expondo tijolos nus, lavados pelo tempo. E o vento vadio que chegava das várzeas agitava farrapos de cartazes com letras graúdas e retratos de artistas de circo.

Os mendigos, incomodados pela presença do rapaz, lá se foram cada um de seu lado, mascando injúrias.

O repórter — que era Renato — depois de curta hesitação, levou um dedo à campainha e comprimiu o botão. Passou um momento. Na casa da esquerda apareceu uma mocinha magra, de cabelos em bando, que ficou a admirá-lo sem dizer nada. A chave rangeu na fechadura.

— Pode entrar.

Era um inspetor. Renato entrou no jardim abandonado onde o chão estava perenemente atapetado de folhas secas que o vento ia derrubando, uma a uma, das árvores altas. Veio ao seu encontro um cachorro preto, que lhe cheirou os sapatos e depois afastou-se com um pacífico adular da cauda.

No fundo, a mais ou menos a cem passos do portão, ficava a casa de dois lances que pouco antes fora alugada a Salomé e que escandalizava o bairro com suas festas ininterruptas. Renato seguiu o inspetor.

— Assassinio?

— Acho que não. Deve ser suicídio.

Subiu a escada de três degraus, passou pelo alpendre onde cadeiras de

vime com almofadas cor de rosa guardavam as posições de uma conversa interrompida, e entrou no interior do prédio.

Para seus olhos, que vinham da luz do dia, reinava a noite naquela sala, uma noite alumiada por quatro estrelas, alongadas, bruxuleantes, lambidas de reflexos lívidos. O ar confinado saturara-se de essências.

A cera derretida em grossas lágrimas, os pavios que se carbonizavam com estalidos secos, a alfazema que atirada sobre quatro brasas mandava para o teto um fio de fumaça, o tabaco dos cigarros e dos charutos esquecidos nos cinzeiros — tudo isso misturado ao almíscar das pessoas que ali se encontravam reunidas — era de enjoar o estômago, de provocar tonturas.

Quando Renato se habituou à meia escuridão, viu que a mesa grande das ceias tinha sido transportada para ali, coberta com um lençol; sobre ela inteiriçava-se um corpinho de criança, aéreo, fitando o vácuo com olhos velados. Era Pureza. Pareceu-lhe tão pequena que esteve para duvidar de que fosse ela, a sua companheira dos dias de infância. Uma pergunta importuna, subiu-lhe do íntimo (— Onde andaria agora o Cantalício Nazaré, que falava no "tempo do Fulóriano?"...). Fez esforços para só pensar no que estava diante de seus olhos. Seus colegas dos jornais da tarde já haviam passado por ali — disse-lhe uma gorda.

Ele quis mais informações. A mulher sorriu:

— Era viciada. Pequena sem juízo.

E outra mulher que se chegou, pedindo-lhe fogo para o cigarro:

— Exagerou a dose, embarcou...

Renato contemplou aquelas mulheres apanhadas em flagrante, na sua decrepitude. Eram como um cenário de teatro, mas visto pelo avesso, mostrando os sarrafos da carpintaria. Apanhadas de surpresa, sem a química maravilhosa do touca-'dor, expunham os corpos por vezes ainda moços mas já em ruínas. Estava habituado a encontrá-los nos leitos do hospital, depois no mármore do anfiteatro, para serem cortados e recortados.

Salomé encontrava-se ali mesmo. Renato poderia falar com ela. Eram antigos conhecidos, primeiro como alunos do Cantalício Nazaré (—No tempo do Fulóriano...) depois nos bailes carnavalescos, nas reuniões das confeitarias. Viu-a sentada no canapé, bem próxima da mesa mortuária. A cabeça rapada a navalha, num dia de loucura, perdera o tom azul; cobrira-se de uma penugem de ouro avermelhado. O rosto cor de limão, os olhos foscos. De quando em quando, como nauseada, contraía as feições; a pele repuxava-se, mole, e a boca retorcia-se numa careta de quem bebe coisa amarga.

Pôs-se a estudar com olho de futuro médico aquelas fisionomias gastas, terrosas, com rosetas escarlates nos zigomas e beiços violáceos, descolados.

Todas traziam na frente, como numa tabuleta, o estigma da lues insidiosa que desfibra os homens e os povos.

No entanto, aquela vida de repórter curioso, de estudante aplicado, tinha-lhe ensinado tanta coisa nos lares e nas ruas, nas enfermarias e na morgue, que ele acabou por se arrepender de não as ter compreendido.

Nesse ponto, um pensamento sobressaltou Renato. Era preciso, imediatamente, comunicar aquele fato a D. Aninha. Ela não sabia de nada, pois se soubesse ali estaria. Saiu apressadamente. Já na rua, pôs-se a imaginar a forma mais humana de fazer tal comunicação, no caso de a pobre ainda não saber da morte de Pureza. Mas quase voltou no caminho. Não encontrou maneira suave de avisar a mãe que a filha acabava de suicidar-se numa casa suspeita. Mas continuou no caminho, era seu dever. Esperou que o acaso viesse em seu auxílio. No momento encontraria em si a necessária coragem...

Quando chegou ao portão do cortiço, escurecia. O Torres, carpinteiro, tendo voltado do passeio, cachimbava à porta de sua casa. O Neco estava de cócoras na área de cimento e espetava quatro palitos numa batata.

— Que é isso, Neco?

— É um bicho! Upa! Upa!

— Está brincando?

— Estou à espera de Pureza. Hoje é dia de Natal. Ela me prometeu um livro de figuras!

Renato seguiu pelo corredor. Chegando à janela baixa da casa de Pureza, espiou para dentro. D. Aninha estendia a toalha sobre a mesa, colocando quatro talheres, o dela, o do Neco, e de Pureza e o do marido que morrera havia tantos anos... Depois, foi ao quarto e trouxe um vaso de cristal com duas rosas, para alegrar a mesa...

— Que susto, doutor!

— Boa noite.

— Entre um pouco.

— Tenho pressa. Mas a senhora está de festa, hoje?...

— Estou... Pureza não tarda... É dia de Natal... Fique para jantar em nossa companhia.

— Não posso. Adeus!

— Já sei; jantará com sua noiva.

Renato saiu. Chegando ao portão, tomou alento e quis voltar para contar-lhe tudo. Parou. Esteve um minuto vai não vai. Da janela iluminada de D. Aninha, saía um canto humilde, fora da moda, enchendo o pátio silencioso. Não. Não tinha forças para aquilo. Saiu quase a correr pela cidade tranqüila, onde uma humanidade exemplar transitava pelas ruas levando embrulhos de *panetone*.

E o céu profundo iluminava-se de estrelas, como imensa árvore de Natal.

(1926)

FIM

O ENCONTRO DE NIMES

Das montanhas ao mar, atravessando amenas regiões, estende-se o vale do Ródano. Esse rio serpeia por entre colinas riscadas de vinhedos, atravessa planícies cobertas de trigais e, depois de refletir como um espelho, as oliveiras da Provença, vai atirar no Mediterrâneo as águas cor de folha de salgueiro. Ao longo do atormentado curso, o Ródano beneficia numerosas povoações, cada uma delas com a sua fisionomia particular. Entre essas, há as que datam do tempo dos romanos, apresentando termas, aquedutos e coliseus parecidos com os da Cidade Eterna. Há, também, as que se celebrizaram como centros de movimentos filosóficos ou religiosos. Aqui, dominaram os albigenses, contra quem o Papa Inocêncio III organizou uma cruzada. Ali, fortificaram-se os protestantes, até ao dia em que o Rei Luís XIII conseguiu esmagá-los. Foi de um desses burgos do Meio-Dia, com torres e muralhas, onde se fala língua áspera, que, na Idade Média, partiram os menestrelis levando, além da tiorba, uma misteriosa mensagem aos poetas, filósofos e santos de toda a Europa.

As cenas que vamos contar passaram-se no inquieto ano de 1786, sob o reinado de Luís XVI e Maria Antonieta. O céu da Europa já estava carregado de nuvens que, três anos depois, se iluminariam de relâmpagos, se desmanchariam em tempestades. Do outro lado do Oceano, a América Inglesa acabava de conquistar a independência. Três grandes nomes andavam de boca em boca: Washington, Jefferson e Franklin. Os franceses que La Fayette transportara para o Novo Mundo começaram a desembarcar de volta da grande aventura e contavam as maravilhas da nova República, onde não havia aristocratas e todos os homens nasciam com os mesmos direitos. Ali — contavam eles — os costumes eram singelos e puros, o trabalho tornara-se uma honra para todos, como queria Nosso Senhor Jesus Cristo. Nas rodas de letrados dizia-se que J. J. Rousseau, tipógrafo suíço, que se tornara famoso pelas suas idéias de um mundo diferente, fora convidado para redigir a Constituição de um dos Estados da Confederação Norte-Americana. Comentava-se tudo isso. Comparava-se. Os antigos soldados de Rochambeau contavam a toda gente as alegrias do homem livre sobre a terra livre. Imagine-se a repercussão de tais palavras no povo, principalmente nos estudantes que, por trazerem o coração aberto e a alma ansiosa, logo se infla-

mavam de entusiasmo. As Universidades transformavam-se em viveiros de reformadores. Entre essas Universidades, a de Montpellier.

Sob o céu profundo do Meio-Dia da França, estendia-se a velha cidade erguida ainda no tempo dos Césares romanos, na confluência de dois riachos — o Lez e o Verdanson. Uma rua cortava pelo meio o casario. De um lado, erguia-se a povoação construída nos últimos séculos, obedecendo à arquitetura francesa. Eram ruas de prédios com dois ou três andares e telhados de um negro-azulado, ostentando na platibanda a pique óculos de arejamento e janelinhas de trapeiras. Do outro lado, na direção da cidadela, povoada pelos fantasmas que ali se esconderam depois da noite de São Bartolomeu, estava a cidade velha, de tempos imemoriais, com vielas estreitas e tortuosas, travessas, becos, escadinhas, pátios conventuais, casas de *pigeon-sur-rue* (19) e extensas arcarias de pedra sobre as quais medravam as parietárias e as mulherinhas de ganho estendiam, para enxugar, a roupa remendada de seus homens.

(19) Casas antigas, com sacadas salientes. (Nota do "Clube do Livro").

Ali perto ficava a Faculdade de Medicina. Ela ocupava o antigo convento dos Beneditinos, ao lado da igreja de São Pedro. Era um prédio velho, escuro, chato, com duas ordens de janelas sobre a praça de São Pedro, mal empedrada, rodeada de venerandas construções. Os sinos da igreja confundiam-se com os da escola. Pelo pátio, passavam carruagens, não raro com mais de uma parelha, o cocheiro na boléia e os dois sotas trepados atrás. E liteiras com filetes de ouro e miniaturas a óleo, cortinas de damasco e ornamentos de talha. E festivos grupos de estudantes, o tricórnio para trás, a capa esvoaçando ao mistral.

Nas imediações, improvisavam-se tendas sob as quais se amontoavam alcôfas de figos secos, caixas de uva-passa, cestas de maçãs, queijos, azeitonas, mariscos de Marselha e caracóis de Avinhão. Em algumas delas, oscilava um ramo de louro pendurado à porta; ao vê-lo, os transeuntes sabiam que, lá dentro, num retalho de sombra, servido por arlesianas de colo apertado em colete de veludo, cabelos em cachos, velados por touquinhas de renda, encontravam vinho de Montmellian, chouriços de Montpellier-le-Vieux e pastéis de nata do convento das Claristas. Outras tendas eram ocupadas por mercadores de livros. Nas cantoneiras alinhavam-se as lombadas escuras. Eram obras do Sr. de Voltaire, ou de J. J. Rousseau, ou ainda daqueles enciclopedistas que muitos malsinavam, mas acabavam comprando, para ler às escondidas. Nos últimos dias, aparecera uma novidade: as obras do Padre Reynal. Uma, a História da Filosofia; outra, a narração da vida singela e acolhedora da gente americana que, havia pouco, se constituíra em República. E alfarrabistas, onde o estudante entrava,

piscava um olho finório para o mercador e ele lhe passava, por debaixo da capa um daqueles folhetos contra *Monseigneur* e *Madame*, impressos em Paris mas sem indicação de autor, nem de impressor. E adelos, onde se comprava uma fatiota, ainda em bom uso, por dez-réis de mel coado, traje vendido na véspera por estudante em aperturas, para jantar metade de um coelho.

A Faculdade de Medicina ainda conservava no seu ar conventual a memória de certo estudante que por ali passara, havia mais de duzentos anos, com o nome de François Rabelais (20). O rapaz tinha o diabo no corpo; sabia demais para o seu tempo. Fingira de frascário para esconder a santidade. Vestia o burel para ter licença de escrever. Tornara-se truão para contar aos homens, como fosse possível, a utopia social de Teléme. Estava-se no fim do século XVIII e os estudantes continuavam na mesma vida. Eram pobres e vinham de longe. Havia entre eles os que se confundiam com os mendigos. Os que comiam na Estalagem do Escudo e, na hora ansiosa do pagamento, fugiam pela janela dos fundos. E os que se empenhavam em rixas, à beira do Verdanson. Moravam no velho bairro, em becos escusos e escadinhas que grimpavam pelo i morro. Suas moradias eram as velhas casas de pedra, com janelas de arco. E eles dominavam o bairro. Quando a noite era de lua, vagabundeavam até tarde aos grupos, cantando sátiras políticas ou licenciosas. Os burgueses assustadiços levantavam-se da cama e, em camisola, barrete de lã, vela espetada na palmatória, abriam cautamente a janela, para xeretearem o que se passava (21). Mas tinham de fechá-la depressa, diante da algazarra e dos apupos.

(20) Poeta e escritor francês do século XVI, Rabelais deixou inúmeras obras, entre as quais "O Gigante Gargântua", nosso lançamento de fevereiro de 1961. (Nota do "Clube do Livro").

(21) Xeretar ou xeretejar, adular, bajular, bisbilhotar. (Nota do "Clube do Livro").

Na tarde de 2 de outubro desse ano de 1786, a igreja de São Pedro adormecia na tranqüilidade do costume. De repente, porém, lá para as bandas do Aqueduto se ouviu o ruído de rodas de ferro, o bater de ferraduras sobre o empedramento, os gritos de um cocheiro, o silvar do seu chicote e, dentro de pouco, entrou pela praça, atropelando mulheres e mendigos, a diligência de Avinhão. Os animais estavam molhados de suor e arquejavam. O cocheiro saltou da boléia e correu à casa que apresentava um ramo de louro. Ia, naturalmente, tomar o seu trago, pois trazia a garganta ardida pela poeira das estradas, naquele dia de calor mediterrâneo. De lá, saiu enxugando os beiços na manga do casaco. Só então, subiu à traseira do carro e pôs-se a retirar as malas que vinham na coberta, alinhando-as no chão.

Os passageiros, que já haviam desembarcado e trocavam entre si as despedidas, depois de algumas horas de perigo e aborrecimentos em comum,

foram tomando das bagagens e desaparecendo nas esquinas. Um padre, uma mulher entre duas cestas, três ou quatro rapazes, um soldado do rei, duas moças de grandes chapéus de palha, com fitas azuis que lhes desciam até à cintura. O último a saltar foi um rapaz de vinte e poucos anos. Vestia casaca preta, calções cor de azeitona, meias cinzentas e sapatos de couro, com fivelas de metal. Seus cabelos amarrados junto à nuca, desciam num molho sobre o lenço de cores que lhe resguardava o pescoço. Trazia as mãos ocupadas; numa delas a mala, na outra o livro que, certamente, procurara ler durante a viagem. Era estrangeiro. Denunciava-se à primeira vista. O rosto e as mãos pareciam tismados pelo sol de outras terras, de outros mares. E quando se dirigiu à pessoa que sentara a seu lado, desejando-lhe felicidades, os demais viajantes perceberam que ele, embora falando corretamente o francês, tinha um sotaque macio, difícil de identificar.

Era um letrado do Brasil, chamava-se José Pereira Ribeiro. Nascera em Congonhas do Campo, estudara em Coimbra, e depois de formado em leis, sentiu-se tentado pelas viagens. Atravessara a Espanha e chegara à França. Em Paris, ficara conhecendo diversos compatriotas, entre os quais Domingos Vidal Barbosa, José Mariano Leal, natural do Rio de Janeiro, que, mais tarde, deveria regressar à pátria na companhia do Vice-Rei Conde de Resende, e o simpático José Maria da Maia, estudante. De fato, esse último bem merecia o qualificativo de simpático. Era muito moço, lutando desesperadamente para viver com a escassa mesada que recebia do pai, através do seu correspondente no Porto. Uma insignificância. Vestia-se com excessiva modéstia. Deixava de comer, para comprar livros. Parecia mais preocupado com os destinos da pátria do que com o curso que pretendia fazer. Era inteligente, culto e apaixonado por aquilo a que, na roda de patrícios, chamava "a nossa independência." Quem o ouvia falar, ficava certo de que, dali a pouco, o Brasil seria uma República, abriria os portos ao comércio mundial e criaria não se sabe quantas universidades, para a elevação intelectual do seu povo. Mas o pior é que a saúde não o acompanhava nesses devaneios. De quando em quando, tinha acessos de tosse, que o punham exausto. Parecia que ia morrer. E nos últimos, tempos o mal se agravou de tal maneira que, em julho, os amigos o aconselharam a transferir-se para o Meio-Dia da França e matricular-se na Universidade de Montpellier, pois, se permanecesse em Paris, naquela vida de trabalhos e aperturas, o outono ou o inverno o levariam para a cova, entre as folhas mortas.

Ele acedeu e, certa manhã, tomou a diligência para os lados do Mediterrâneo. Depois, escreveu aos amigos, mandando-lhes o endereço. Mas, com o correr dos meses, as cartas fizeram-se espaçadas.

De regresso ao Brasil, desejando tomar o veleiro em Marselha, José

Pereira Ribeiro resolveu passar por Montpellier, e fazer uma visita ao patrício. Foi assim que o vimos descer da diligência no pátio da igreja de São Pedro.

Mal tinha começado a caminhar, sobreveio-lhe uma dificuldade.

Pensou:

— Mas onde diabo será esta rua, de nome tão estranho?

Tirou do bolso um papel e leu-o de novo. Era assim mesmo. Dirigiu-se a um amolador postado na esquina e pediu-lhe informações. O homenzinho falava língua gutural, difícil de entender. Mas, pelo gesto que o remetia às bandas do Aqueduto, agradeceu-lhe. Iria para aquelas bandas; lá chegando, perguntaria a outro transeunte. Assim fez. A rua era estreita, mal calçada, com frades-de-pedra pelos cantos (22). Quando por ali passava um carro, atravancava-a de lés a lés, tornava-se preciso esconder-se num portal. E isso lhe aconteceu mais de uma vez. Primeiro, foi um carro de feno e mesmo estando para dentro de uma loja, espanou-lhe o rosto com a verdura cheirosa. Depois, foi estranha carroça com uma pipa equilibrada entre sarrafos de madeira. Quando o veículo passou, sentiu pelas narinas o cheiro agradável de mosto. Devia ser de vinho aquela pipa.

(22) Frade-de-pedra é uma pequena coluna de granito, que, outrora, se colocava à beira das calçadas, nas esquinas das ruas, ou em lugares onde se queria vedar a passagem dos veículos. (Nota do "Clube do Livro").

Nas janelas estreitas, mulheres de toalha na cabeça falavam de um lado para outro da rua. Crianças quase nuas rolavam nos palheiros. Passou por um ferrador. A oficina constava apenas de uma porta, mas larga como a entrada de um beco. Lá dentro havia cavalos, forja, homens de tronco nu, a martelar ferro incandescente sobre a bigorna. Parou na porta de um carvoeiro e perguntou, novamente, pela rua a que se destinava. O saloio, que de branco só tinha o branco dos olhos, pôs-se a enrolar a língua dentro da boca e, por fim, indicou-lhe uma esquina, lá longe... Era isso o que desejava. Alguns passos e, já farto de tanto perguntar, entrou pela travessa. Mais adiante, surgiu-lhe a casa indicada na carta. Prédio escuro, de duas águas, com balcões de madeira sobre a via pública. Embaixo, casa de vinhos, com largas mesas e modos de cedro. Cavouqueiros sentados diante de picheis de barro comiam pratarrazes de carne, coberta de legumes e azeitonas. Dentro da taverna, havia uma escada. Sem dirigir-se a ninguém, subiu por ela acima. E ficaria indeciso se, das portas que davam para o corredor, não ouvisse uma tossezinha seca. Era a tosse do Maia. Seria mesmo? Não quis bater antes de ter a certeza. Foi ao fundo e viu que o prédio acabava sobre o riacho de águas sujas que tem um nome e os dicionários assinalam outro. Era o Verdanson. O Verdanson que carreava dia e noite o lixo da cidade... Não

havia a quem perguntar... E se não fosse? Empurrou a porta. À luz que descia da janela, um rapaz estava arcado sobre a mesa, escrevendo qualquer coisa...

— Maia!

— Olá! És tu, Ribeiro?

O visitante entrou e depositou a mala sobre o catre. Maia deitou a pena de pato sobre o tinteiro de estanho e correu para ele. Abraçaram-se. Perguntas e mais perguntas. Depois, passada a emoção do encontro, um sentou-se diante do outro e ficaram a conversar.

Quem seria aquele Maia que, em outubro de 1786, o Doutor José Pereira Ribeiro foi visitar em Montpellier, num velho bairro, onde as ruas tinham nomes que pareciam apelidos? Vamos fazer o possível para contar aos leitores.

José Joaquim da Maia nascera no bairro da Lapa, na antiga capital do Rio, filho de modestíssima família. Recebeu no Seminário da Lapa as primeiras lições de literatura. Depois, saiu, naturalmente, para seguir humilde profissão. Mas logo viu que isso seria impossível para o seu temperamento, como também para a sua débil saúde. Moço culto, cheio de sonhos, não se conformou com a vida que, naquele tempo, lhe poderia oferecer a terra natal. Desejou estudar leis. A princípio o pai não viu a fantasia com bons olhos. Filho de pedreiro, só poderia ser pedreiro. Mas o rapaz, voltando do Seminário, continuava a estudar. Altas horas da noite, o velho via luz no seu quarto. Era o filho que devorava livros e mais livros.

Ao mesmo tempo, passara a falar de assuntos pouco recomendáveis. Para tudo, ele encontrava remédio na independência do Brasil. Citava a cada passo a independência da América Inglesa. Estava a par dos grandes problemas da nacionalidade e — o que era pior — conhecia os meios para resolvê-los. Dentro de pouco, profetizava o pai, os alguazis lhe botariam a mão. E, com ele, a família inteira. Para agravar-lhe ainda mais a conduta, começou a ausentar-se da casa. Passava dias inteiros não se sabia onde. E, muitas vezes, tarde da noite, recebia a visita de uns homens, que, a julgar pela poeira e fadiga, deveriam ter chegado de longe. Mais dia menos dia, a vizinhança começaria a temê-lo, e apontá-lo com o dedo. E o velho amofinava-se. Estava-se num tempo em que estimar os livros era atestado de má conduta. O rapaz definhava, enlanguescia. Começou a manifestar sintomas que o velho pedreiro denominou de consunção. Até que uma noite, penalizado, chamou o filho de parte e disse-lhe:

— José, vou te dar uma grande notícia. Acabo de reunir os haveres e pretendo despachar-te pela primeira nau para Portugal. Já que nasceste para os livros e não há mão que te ar rede do ingrato caminho, seja feita a vontade de Nosso Senhor... Assegurar-te-ei uma anuidade de 120\$000, que poderás

receber no Porto, em casa do Faria Neto. Que dizes a isso?

O moço quase enlouqueceu de alegria. Não por ir estudar em Coimbra, mas por conhecer parte da Europa que mais lhe importava. E, pressuroso, correu a determinados lugares, dando a alvissareira nova. Ao que parece, foi-lhe confiada a missão de interessar governos e povos num projetado movimento revolucionário cujo fim seria a independência do Brasil. Na semana seguinte entre lágrimas e adeuses, partiu ele para Lisboa. Demorou-se algum tempo em Coimbra e, quando me nos se esperava, ei-lo que se dirige à fronteira e, gastando de uma só vez quase todo o dinheiro que deveria bastar-lhe por um ano, chegou à França. Meses depois, sabemos-lo em Paris, tratando mais da libertação da pátria do que do estudo das leis. Foi ali, como dissemos, que José Pereira Ribeiro o conheceu e dele se fez amigo.

Pereira Ribeiro, lembrando essas coisas, pôs-se a rir.

Diante dele, José Joaquim da Maia, vendo-o sorrir, sorriu também. Mas, interpretando mal o sorriso do amigo, perguntou-lhe:

- Achas mesmo que estou ficando maluco?
- Ora essa... Quem acharia tal?
- Pois eu faço o que posso. Trabalho como um mouro.
- E que fazias quando entrei?
- Escrevia esta carta...

Foi à mesa, tomou de um papel e, procurando a claridade, leu-o ao amigo. A carta dizia assim:

"Montpellier, 2 de outubro de 1786 — M. Thomas Jefferson — Digníssimo Embaixador da República da América do Norte — Paris.

Monsenhor. Eu tenho uma coisa de muita importância a comunicar-vos, mas como o estado de minha saúde não me permite poder ter a honra de vos encontrar em Paris, rogo-vos ter a bondade de me dizer se posso com segurança comunicá-la por carta, pois que eu sou estrangeiro e por conseguinte pouco entendo dos usos do país. Peço-vos perdão da liberdade que tomo e rogo-vos endereçar a resposta a Mr. Vigarons, Conselheiro do Rei e Professor de Medicina da Universidade de Montpellier... "

José Pereira Ribeiro arregalou os olhos e perguntou:

- Vais assinar esta carta?
- Vou.
- Com o teu nome...?
- Não. Assinarei... Wendeck!

Ambos acharam graça. Ribeiro convidou Maia para jantar. Daí a pouco, desciam ruidosamente a escada e precipitavam-se na rua. Já era tarde. A cidade estava escura. Algumas lanternas, penduradas nas esquinas, mal indicavam o caminho. Afinal, chegaram ao Largo de São Pedro. Ali, estavam diante de uma porta onde ardia um archote, de azeite. Era a muda da

diligência. Maia tirou da algibeira do casaco uma carta lacrada e entregou-a ao cocheiro, pagando o porte até Paris.

Depois, ambos entraram numa casa afamada entre os estudantes. Havia duzentos anos que a Estalagem do Escudo vinha passando de pais a filhos. Desde o tempo de mestre François Rabelais que ali se comia um famoso coelho guisado com legumes, regado por um vinhito áspero, mas gostoso, colhido nas escarpas de Saint Julien des Rochers. Os dois amigos estavam contentes. Aquilo custava os olhos da cara, mas, que diabo! — ficaria na sua lembrança para o resto da vida...

O bacharel José Pereira Ribeiro passou alguns dias em Montpellier, na companhia do amigo. Certa manhã, tendo recebido de seu correspondente, em Paris, a informação de que um barco ancorado na Joliette estava prestes a levantar ferros, com destino ao Brasil, comunicou a José Joaquim da Maia que partia para Marselha, naquela mesma tarde. O estudante, comovido, correu à mesa, tomou dois livros e passou-os para as suas mãos, a fim de que os levasse como lembrança. Um era o *Recueil des lois institutives des Etats Unis de l'Amérique*, outro a *Histoire de la Philosophie* do Padre Reynal (23). Ribeiro agradeceu o presente e encaixou os volumes na mala, que conservava aberta, a um canto do quarto.

(23) Em francês: "Coleção de leis fundadoras dos Estados Unidos da América" e "História da Filosofia". (Nota do "Clube do Livro").

— Não fechas o quarto?

— Não posso. O velhaco do estalajadeiro quando me arrendou a pocilga, deu-me esta chave que pesa um quarto de libra e, dias depois, a fechadura já estava enguiçada. Também, ladrão, que penetre no meu quarto, não é ladrão, é humorista...

Já se encontravam no meio da escada, quando Ribeiro se lembrou de alguma coisa.

— E o meu barrete de lã? Deixei-o na cabeceira da cama. Espere aí um momento, que eu volto ao quarto.

Sem dar tempo ao amigo para acompanhá-lo, subiu ao primeiro andar e de lá voltou com o agasalho comprado na véspera e que anunciara ter esquecido. Levava-o para defender-se do frio nos primeiros dias da viagem antes de alcançar o Equador. E, conversando e rindo, os dois já iam desembocar na porta da rua, quando foram acotovelados por um sujeito felpudo, de capa pelos pés, que entrou estouvadamente. Ribeiro olhou-o de soslaio:

— Quem é este tipo de cara chamuscada?

— Não sei. Vejo-o sempre por aí.

Logo depois, estavam na Praça de São Pedro. Não demorou e ouviu-se o estrépito da diligência do Mediterrâneo. A caranguejola chegou como um

furacão. Passageiros que embarcam, passageiros que desembarcam. Bagagens tiradas do tejadilho e alinhadas no chão. Malas-postais entregues aos correios que as esperavam. Despedidas pelas janelinhas estreitas. Ribeiro apressou-se a ocupar o seu assento e, quando o cocheiro assoprou na trompa anunciando a partida, olhou pela abertura que lhe ficava mais próxima. Maia estava encostado à parede da Estalagem do Escudo e sacudia o lenço, num adeus.

Quando a diligência se perdeu por trás da Faculdade de Medicina, num clamor de trompa, num silvar de chicote, num raspar de ferraduras sobre pedras, o estudante pensou consigo: "Não o verei jamais." Os olhos se lhe umedeceram. E, de alma melancólica voltou ao quarto. Não tinha ânimo de ler, de escrever, de nada. Resolveu deitar-se, mas ao acomodar o travesseiro, ouviu inusitado tilintar de moedas. "Que será isto?" E ficou maravilhado: lá estavam cinco luíses de ouro, soma respeitável para um estudante, naquele sombrio ano de 1786. Recolhendo e contando as moedas, não pode deixar de falar sozinho:

— Bondoso amigo! Foi para deixar-me esta riqueza que ele simulou esquecer-se do barrete de viagem!

Com aquele dinheiro, procurou realizar um velho desejo, que era o de passar duas semanas na vida simples do campo, mudando de paisagens e de ares. Dirigiu-se a Montagnac e hospedou-se numa estalagem, à beira da estrada. A localidade era montanhosa, mas florida. Estava-se em outubro, no entanto, o outono ainda não se fazia sentir. Apenas de manhã e de tarde um vento frio: as árvores tremiam, as folhas despregavam-se e rolavam pelos ramos, atapetando os caminhos. O estalajadeiro, homem gordo, de avental e barrete branco, deu-lhe uma cama debaixo do óculo da trapeira.

Sempre que o estudante descia do pouso, passava pelo rés-do-chão atijolado, que servia de cozinha e sala de jantar. Ao centro, mesa grande, sem cobertura, ladeada por dois bancos rústicos. Sobre as portas, galharia de veados. Nas paredes, pinturas representando cenas de caça. Um cuco. Um santo. E cantoneiras com flores silvestres. Ao fundo, o imenso fogão, sempre aceso, queimando troncos de madeira cheirosa. À esquerda, prateleira sobre a qual se enfileiravam grandes rodas de queijo, suando gordura. E botijas de licores. Embaixo da prateleira, na sombra, enfeitada com verde ramo de louros, avultava obesa pipa de vinho dos arredores, glória da casa. Debaixo da torneira, um ancorote com duas ansas, aparava as gotas de vinho que respingavam. Eram lágrimas grossas e sangüíneas como bagas de uva.

A mulher do estalajadeiro tomava conta da cozinha, rosada e limpa, tinha qualquer coisa de maçã. Ora cantava, ora ralhava com os bichos. Esses bichos-de-cozinha eram dois rapazelhos de pantalonas que se ocupavam em virar coelhos, cabritos e quartos de carneiro num espeto, sobre o borralho.

Enquanto o mais taludo manejava a manivela, o menor, entornando uma malga, ia derramando molho de manteiga sobre o courinho tenro dos assados (24). Mas quando a mulher se distraía, um deles ia à pipa, sopesava o ancorote com ambas as mãos e entornava sobre a boca aberta, escorruptando-lhe até à última gota. E os madraços revezavam-se naquelas gracinhas.

(24) Malga, tigela vidrada, branca ou de cor. (Nota do "Clube do Livro").

Na frente da estalagem, o chão rebentava em verdes. Sobre as corolas úmidas esvoaçavam abelhas. Nos campos revolvidos pelo arado, homens e mulheres trabalhavam de sol a sol; tinham a paciência e a tristeza dos bois. Mas havia também um mendigo. Chamavam-no de Père Paillot. O Meio-Dia só sabia de neve por ouvi-dizer. Assim mesmo, quando o inverno ainda andava lá pela casa de Deus já o maluco se entregava à confecção da vestimenta. Tomava a palha de trigo da última sega, cochava compridas cordas e, com elas, tecia grosseiramente o manto, o colete, o chapéu, as calças e as botas. Depois era de vê-lo, sob essa armadura dourada, a arrastar-se pelos caminhos ásperos de Montagnac, provocando a risota dos vadios.

Père Paillot fazia ponto no banco de pedra, à porta da estalagem. Todas as manhãs ia para lá aquecer-se ao sol. Os pardais vinham pousar-lhe no chapéu, julgando-o, naturalmente, uma meda de estrume (25).

(25) Meda, montão de molhos de trigo ou centeio sobrepostos de maneira que formem aproximadamente um cone. (Nota do "Clube do Livro").

O mendigo sorria. Sentia-se feliz. E, durante horas, não fazia um só movimento, para não assustar as avezinhas... Só se levantava dali quando pela estrada real uma cavalgada ou vistosa carruagem de Paris faziam alto com estrépito. Então estatelava-se no caminho, estendendo aos viajantes os braços de palha, onde apareciam mãos de terra. Homens vestidos de casaca de veludo claro, cor de topázio, ou de esmeralda, com calções de seda, tricórnio e peruca empoada, despejavam no chão as escarcelas, a fim de que ele, desajeitado como boneco de engonço, apanhasse com dificuldade as pequeninas moedas. As mulheres, de grandes vestidos e altos penteados, davam gritos e riam a bandeiras despregadas. Uma festa! Os cavalheiros estendiam a mão às damas e conduziam-nas à estalagem. Elas, porém, alarmavam-se com os patos que se trançavam pelos caminhos. E eram correrias, risadas. Depois, abancavam-se à mesa grande, ao calor do fogão, e excediam-se em guisados e picheis, acabando tudo numa canção.

José Joaquim da Maia, certa vez, ouviu um diálogo. Terminou numa exclamação:

— Milagre como esse, nem o de Cagliostro!

Era a gente que, esfalfada pelas noites de Versalhes, corria para as águas

milagrosas da Provença, onde mocidade e saúde borbulhavam do chão, em cálidas e cristalinas fontes.

Refeitos, voltavam aos cavalos, às carruagens. Então, nas suas costas, acendia-se o sarcasmo. A dona da casa, com a pá numa mão e a frigideira na outra, arremedava o passinho miúdo das senhoras. O estalajadeiro botava as mãos nas ilhargas e ria até às lágrimas. Os bichos-de-cozinha batalhavam com os espetos gordurosos. Père Paillot, no terreiro, dando mostras de agilidades que estava longe de aparentar, punha-se a bailar numa perna só. E, no campo semeado, os saloios erguiam para o céu os braços negros. Estava-se em 1786. Aquilo era a insurreição que se aproximava. Era a maré montante da cólera que, dentro de pouco, deveria desencadear o Terror.

Gasto o último luís naquela vida, José Joaquim da Maia despediu-se e regressou a Montpellier. A estada no campo fizera-lhe grande bem. Apeou à noite na velha cidade universitária. No dia seguinte, preocupado com a resposta do Embaixador americano, esperou que os sinos da Faculdade tocassem a aulas e grimpou pela escadaria do antigo convento. Um bedel, que o conhecia de vista, perguntou-lhe:

— Afinal, encontro-o! É, de fato, o Sr. da Maia?

— Sim.

— O Professor Vigarons deseja falar-lhe. Ele está ocupado na biblioteca.

A biblioteca estava instalada numa sala escura, toda envernizada, com janelinhas sobre a cidade velha. Silêncio. Meia luz. Nas quatro mesas de carvalho, sombras debruçadas sobre livros. Achou o Professor Vigarons, seu amigo, encostado à estante, procurando alcançar um in-fólio da quarta prateleira (26). Era magro, baixo, vestido de preto, com a peruca arrebitada, naturalmente pelo hábito de vergar-se para trás, a fim de alcançar livros nas prateleiras superiores. Seu rosto pareceu-lhe apergaminhado. No entanto, os olhos pequenos e vivos continuavam perfurantes. Ao ver o rapaz, continuou no trabalho, sem um gesto nem uma exclamação, para não dar importância à conversa.

(26) Do latim, *in foliam*; diz-se do formato que tem a folha de impressão, apenas dobrada em duas. (Nota do "Clube do Livro").

— O Sr. Embaixador escreveu-me, solicitando referências a seu respeito. Dei todas as que julguei úteis. Pedi-lhe, no entanto, que não utilizasse o seu nome, porque a diplomacia portuguesa está vigilante e um deslize poderá trazer grandes penas lá longe, na colônia. Junto com a minha carta, veio esta outra, que lhe é destinada...

Do bolso da casaca, tirou um livro de Voltaire. Dentro desse livro, havia uma carta. Entregou-a ao estudante. José Joaquim da Maia recebeu-a de mãos trêmulas. Depois de agradecer ao professor, correu ao quarto, sentou-

se à mesa e escreveu longa resposta que começava assim:

"Montpellier, 21 de outubro de 1786. — Caro Senhor — Acabo de receber a honra de vossa carta e estou triste de não a ter recebido antes. Mas fui obrigado a ficar no campo até ao presente, devido à minha saúde; e como vejo que as minhas informações chegarão seguramente, vou ter a honra de vo-las comunicar. Sou brasileiro e vós sabeis que a minha infeliz pátria geme numa escravidão que se torna cada dia mais insuportável, desde a época da vossa gloriosa independência etc."

E terminava com estas palavras:

"Eis aí. Exmo. Senhor, de modo mais ou menos preciso, o resumo das minhas intenções. E foi para realizar essa comissão que eu vim à Europa, pois que na América teria sido impossível mover um passo e não despertar desconfiança. A vós pertence, agora, decidir se pode executar-se a empresa. Se quereis consultar a vossa nação, estou pronto a oferecer-vos todos os esclarecimentos precisos."

Empostou a carta e ficou à espera do resultado. Foram dias de inquietação e ansiedade. Todas as manhãs, quando o sino da Faculdade tocava a aulas subia pela escada conventual e se dirigia à biblioteca. Algumas vezes encontrava o Professor Vigarons, que o cumprimentava com um modo indiferente como fazia com os demais estudantes que lá entravam. E o brasileiro todo se amofinava. Ter-se-ia desinteressado da questão? Acharia prudente afastar-se daquele caminho? A verdade era que naqueles dias a situação da França já impunha comedimento, e Vigarons era Conselheiro do Rei. Uma força misteriosa imiscuía-se por toda parte. Em nome da segurança pública revistava-se tudo. Auscultava-se o pensamento dos homens. Além disso, era preciso contar com a atividade da diplomacia monárquica. Seus agentes espalhavam-se pela Europa, talvez policiando os brasileiros, que por ali andavam. Principalmente os estudantes.

Numa das visitas à Faculdade, pensando nessas coisas, já disposto a urdir novo meio de comunicações com o Embaixador americano, encontrou o Professor Vigarons. Ele seguia pelo corredor umbroso. Mostrava-se discreto. Nada na sua figura traía entusiasmo ou decepção. Mas, ao ver o estudante, chamou-o com um dedo:

— Achei o livro. Venha cá.

Entraram na biblioteca. Vendo que estavam sós, tirou do bolso um exemplar do "Emílio" de J. J. Rousseau, e de dentro de suas páginas sacou um papel timbrado.

— Cá está mais uma carta do Embaixador.

Quando o rapaz quis agradecer-lhe, já o velho havia desaparecido; estava numa roda de rapazes que lhe contavam qualquer coisa de engraçado. Maia não quis importuná-lo com agradecimentos e despencou pela escada. Na rua,

sentado num frade-de-pedra, leu:

"Paris, 27 de dezembro de 1786. — Senhor. — Eu espero a cada instante fazer uma viagem às províncias meridionais da França. Tardei a responder à vossa carta de 21 de outubro esperando já poder comunicar-vos o dia da minha partida, e o dia e o lugar em que poderia ter a honra de vos encontrar. Mas até este momento não foi decidido. Teria seguramente a honra de vo-lo comunicar um encontro em Montpellier ou suas vizinhanças."

Essa carta, vinda de Paris em qualquer diligência, só chegou às mãos de José Joaquim da Maia a 4 de janeiro. No dia seguinte, ele escreveu a resposta:

"Excelentíssimo. A notícia que acabo de receber da vossa viagem nesta parte da França deu-me um grande prazer, e dela me felicito, pois que era para mim indispensável ter a honra de falar-vos, e o estado de minha saúde não me permite fazer uma viagem a Paris. Se eu pudesse saber o dia da vossa chegada a Nimes e vosso endereço, não deixaria de ter a honra de ir ao vosso encontro. Estou pronto a fazê-lo em qualquer outro lugar de vosso agrado. Apenas, aguardo para tanto as vossas ordens."

As cartas foram interrompidas nesse ponto.

A entrevista, a julgar pela comunicação de Jefferson, a John Jay, Ministro do Exterior da América do Norte, numa carta datada de Marselha, em 4 de maio de 1787, depois de sua estada em Aix, deveria ter-se realizado em fins de março, ou começos de abril, em Nimes, debaixo de um daqueles monumentos, que datam do tempo dos romanos. Portanto, durante dois meses, pelo menos, a vida do estudante, em Montpellier, foi inquieta e o fogo da esperança animou-lhe a existência combalida. Durante esse período, passou privações no intuito de economizar dinheiro, comprar roupa e poder apresentar-se melhor ao homem que, para ele, representava a própria liberdade da pátria.

Não dispôs de agasalhos para o inverno. Nas longas noites de janeiro, e talvez de fevereiro, seu quartinho foi o único de toda a velha cidade em que não ardeu braseiro de carvão. E, à medida que se aproximava a data marcada por Jefferson, foi vendendo o que tinha: roupas, livros, lembranças da família, a ele dadas na hora melancólica da partida. O correspondente no Porto recebia suas cartas desesperadas e fazia ouvidos moucos.

Mas veio a primavera. Abril passou pela Provença com seu manto real, de brotos verdes e de flores. As vinhas renasceram pelas encostas. As oliveiras revestiram-se de folhas escuras. Os pequenos jardins repontaram das cinzas de que estavam cobertos. As aves apareceram em revoadas sobre os telhados e as borboletas sobre os campos. E a grande data a aproximar-se...

Certa manhã, José Joaquim da Maia reuniu os cobres de que dispunha,

correu ao adelo e fez o mercador arriar sobre o balcão as casacas, sapatos e chapéus pendurados no forro. De lá, saiu vestido como pôde, não como desejava. No dia seguinte, o filho do pedreiro da Lapa foi para a Praça de São Pedro, diante da Faculdade de Medicina, e tomou lugar na diligência para Nimes. Quando o carro estacou com estardalhaço, e ele se apressava a tomar assento, surgiu-lhe do chão o tipo da cara chamuscada. O homenzinho pendurou-se à janela do veículo e falou-lhe, em português:

— Bom-dia... Aonde vai com tanta pressa? José Joaquim da Maia ficou surpreso.

— De onde me conhece?

— Daqui mesmo. Sou do Porto. Negocio com pedras preciosas. Moro no quarto contíguo ao seu.

— E só agora me dirige a palavra?

O desconhecido embatucou. Mas logo se refez.

— Quase não vou ao quarto. Ando à vida. Com que então vai a Nimes?

— Como vê.

— Pode-se perguntar o que o leva a essa cidade?

— Entre gente da mesma língua, não há mistérios. Vou encontrar uma cigana que conheci nas festas de Santa Maria Egípcíaca.

O homem de cara chamuscada fingiu acreditar e pôs-se a rir. Quando a diligência partiu, ao som da trompa e ao silvar do relho, José Joaquim da Maia ainda o viu de pé, junto da Estalagem do Escudo, talvez desgostoso por não poder seguir-lhe a treita, naquela terrível aventura...

A diligência mudava de cavalos de légua em légua, diante de tavernas onde os passageiros encontravam, a qualquer hora, o caneco de aguapé e o torrão de amêndoas cobertas de mel. Além disso, cada povoação de *relais* tinha a sua especialidade em forno e fogão (27). Os viajantes, que não se sentiam tentados pela gula, deixavam-se ficar no veículo, as pernas espichadas sobre o banco, conversando à vontade.

(27) Em francês, *relais* significa muda, cavalos descansados que substituem, no percurso de uma viagem, os cavalos cansados. (Nota do "Clube do Livro").

Os moços, quase sempre, desciam à estrada, entretinham-se debaixo das grandes árvores, ou deitavam-se ressupinos sobre a relva, o chapéu a proteger os olhos, livres dos sacolejos que haviam sofrido durante horas. Feita a muda, decorridos os minutos regulamentares, o cocheiro subia à boléia, soprava na trompa que trazia a tiracolo e os cavalos descansados venciam a galope as léguas seguintes. Foi assim que a diligência de Montpellier chegou, ao anoitecer, na velha cidade calvinista de Nimes, estacando com estrépito diante da estalagem à *l'enseigne* da Lebre de Ouro.

José Joaquim da Maia apeou, entrou na casa-de-pasto famosa por suas trufas refogadas em vinho branco, e ali se hospedou. Um vasto prédio, com teto de duas águas, numa das quais emergia a chaminé quadrada, construída de pedra. O rés-do-chão era ocupado pela sala de jantar que, como muitas vezes acontecia, participava da cozinha. Entrando, o estudante sentiu-se confortado pela presença do enorme fogão e pelos felpudos troncos de azinheiro que nele ardiam. Os caldeirões estavam em plena atividade. O caldo fervia. As tampas de metal polido repinicavam. Um cheiro de cominho embalsamava o ar. Depois, subiu pela larga escada de madeira que rangia a cada passo. Viu os quartos para os senhores, onde as camas eram tão altas que eles necessitavam de escadinha para nelas subir. Preferiu hospedar-se no andar superior, destinado aos viajantes da sua igualha, onde havia uma só cama, que ia de um lado a outro do salão. Os hóspedes descalçavam as botas e deitavam-se lado a lado, completamente vestidos.

Descendo novamente à cozinha, resolveu fazer a refeição, a fim de ficar com a noite livre. Tomou bojuda tigela de caldo, com a sua comprida folha de alho. Bebeu uma caneca de vinho, que lhe soube muito bem. E saiu tasquinhando uma maçã, que mais o deliciava pelo perfume do que pelo sabor. Simpatizou logo com a cidade. Pareceu-lhe simples e gasalhosa. Conveio consigo mesmo em que a entrevista deveria realizar-se sob bons auspícios. Jefferson, antes do mais, ficar-lhe-ia grato pelo inesperado passeio. Viajando de Paris para as águas termais de Aix, a cinco léguas de Marselha, ao chegar a Avinhão, o Embaixador pretextara desejo de conhecer as ruínas romanas, e se desviara para Nimes. Fora feliz nessa resolução. O tempo mostrava-se favorável. O ar seco e tépido. O céu azul e limpo. A primavera engalanava a terra, o plenilúnio alumia a noite.

José Joaquim da Maia viu a lua-cheia erguer-se por trás do Coliseu, aparecendo e desaparecendo entre as arcadas superpostas. Tudo parecia prateado. As sombras oblíquas dos telhados recortavam as vielas estreitas. Vultos iam e vinham, costurados às paredes. Alguns camponeses, de barrete quebrado de banda, traziam o forcado ao ombro; pareciam figuras diabólicas. Mas eram boa gente. Quando o brasileiro se lhes dirigia, desbarretavam-se e davam informações. Caminhou lentamente para o Coliseu. Parou nas entradas dos becos escuros, com arcos de pedra. Atravessou diversos largos. Num deles, a Torre Magna, baixa, quadrada, com um ângulo em ruínas, alvejava à claridade da lua. Mais adiante, topou igreja alta, com torres agudas, espetadas no céu. Demorou-se a contemplar a sua arquitetura impressionante. As gárgulas escancaravam bocarras escuras, de colmilhos de pedra, numa ameaça inútil que datava da Idade Média. Meninas de compridas saias e meninos de pantalonas folgadas giravam na roda e cantavam. Ficou-se a ouvi-los. E, assim, passeando para fazer tempo

chegou ao local marcado para o encontro.

O Coliseu de Nimes data do tempo de Augusto e é um dos maiores construídos pelos romanos. Apresentava-se em ruínas. Apenas metade daquele monumento permanecia ereta. Media uns dez metros de altura. O anfiteatro subia em forma de degraus até às muralhas exteriores. Na parte ainda conservada, duas ordens de arcos alinhavam-se contra o luar. Alguns estavam incompletos. Sobre os arcos interrompidos, felpudos de gramíneas, abril tinha ressuscitado folhagens, cuja orla se esbranquiçava de flores. Um cheiro de anêmonas passava nas aragens. Na outra parte, o circo se havia desmanchado em montões de pedras, ainda de ângulos retilíneos. Pouco restava das quatro portas, outrora destinadas, respectivamente, aos dignitários, aos cavaleiros, aos plebeus e aos escravos. Há mais de dois mil anos, o circo, nos dias de festa, comportava vinte e quatro mil espectadores; naquela noite, só continha sombra, solidão e silêncio. Apenas montes de silhares lavrados em pedra calcária. O tempo parecia ter jogado aos dados com aqueles cubos. A primavera havia improvisado um jardim. A arena estava toda coberta de relva; o visitante adivinhava-a pontilhada de corolas. Arbustos emergiam dos interstícios das lájeas.

Deliciado com a noite e a paisagem, o estudante ficou a passear pelas ruínas. Aos seus pés, os insetos fugiam, os pássaros alçavam vôo, gritando como doidos. E iam pousar nos botaréis, equilibrando-se com dificuldade nos rebordos de terra solta. Em certo ponto, estacou. Entre a folhagem, lobrigou figuras humanas. Um casal de jovens fugiu pela sombra, rin-do-se perdidamente. Minutos depois, entre os montões de escombros, pisou um ser vivo que grunhiu raivosamente. Devia ser um mendigo, pois uma sombra ergueu-se do chão e saiu pela noite, cambaleando, às guinadas. Não quis ter novos encontros e deixou as ruínas. Viu-se numa praça pobre, onde os casarões alternavam com os terrenos vagos. Nas fachadas brilhavam luzes. Nos desvãos, pastavam bois e cabras. O luar branqueava os telhados, as cercas, os caminhos.

Ainda estava nessa contemplação, quando ouviu um trote picado. Ao mesmo tempo, seis cavaleiros do rei desembocaram na praça, com as lanças apoiadas no riste e as flâmulas agitadas nos topes. Depois deles, apareceu uma carruagem coberta, seguida de duas menores. O préstito dirigiu-se à parte oposta às ruínas e estacou. Dos veículos menores desembarcaram seis ou sete homens de capa estreita com abas à altura dos ombros, e chapéu alto, espalhando-se pelas vizinhanças. Alguns se dirigiram às ruínas e penetraram nas suas sombras. Um instante após, abriu-se a portinhola da carruagem grande e um homem apeou. Era alto, aprumado, decidido. Caminhou na direção do Coliseu. O estudante pensou:

— Lá vem Sua Excelência!

Quando o Embaixador se aproximou, o rapaz tirou o chapéu e estendeu-lhe a mão:

— Wendeck.

— Tomás Jefferson.

Devia contar quarenta e três para quarenta e quatro anos. Ainda estava em pleno viço. Por ocasião da Independência do seu país, tinha apenas 33 anos. Era, então, um homem de rara beleza masculina. Naquela noite, abril de 1787, diante do universitário brasileiro que desejava uma audiência, ainda conservava a beleza e a elegância da mocidade. Vestia casaca de pano encorpado e escuro, calções de seda clara, botas curtas, chapéu alto, meio afunilado e com abas reviradas. O vento agitava-lhe os bofes de renda. Tirando o chapéu, para refrescar a fronte alta e pálida, o estudante viu que o Embaixador americano trazia os cabelos arrepanhados para trás e amarrados, na altura da nuca, por um laço de fita. Não estavam empoados. Ao luar, tinham o lustro de uma placa de ouro.

Tendo-se apresentado em poucas palavras, os dois homens caminharam lado a lado, entraram no Coliseu e foram sentar-se no anfiteatro. Ali, como velhos conhecidos, iniciaram a conversa. Uns vultos de capa e bastão rondavam ora aqui, ora ali, como a contemplar as ruínas. O estudante notou-os:

— Aqueles homens... Jefferson explicou:

— São amigos.

De quando em quando, um pássaro noturno assustava-se, batia pesadamente as asas e, soltando pios, ia empoleirar-se nos arcos de pedra... Depois, ficava o silêncio, um silêncio carinhoso de primavera ao luar.

O diplomata foi direito ao assunto:

— Vejo que o senhor é muito jovem, mas isso me agrada. Quero, porém, adiantar-lhe, por ser verdade, que não estou autorizado pelo meu governo a assumir compromissos nem a encorajar movimentos em parte alguma. Desejo que o senhor seja um bom orador: quanto a mim, limitar-me-ei a ser um bom ouvinte. O que me for dito, eu, chegando a Marselha, comunicarei ao meu governo. É o que de melhor poderei fazer em proveito de sua pátria.

José Joaquim da Maia aconchegou-se na capa e falou:

— Sinto-me indicado para falar-vos de minha pátria, pois visitei as principais cidades, percorri as terras auríferas e diamantinas e conheço, por tê-los estudado, os nossos principais problemas. Antes do mais, devo dizer-vos que o Brasil conta o mesmo número de habitantes que Portugal. São portugueses, brancos naturais do país, negros e pardos cativos, e índios selvagens ou civilizados. Os portugueses, poucos em número, quase todos casados no Brasil, tendo perdido a lembrança do solo pátrio e o desejo de voltar a ele, estão por isso dispostos a abraçar a independência. Os brancos

naturais do país formam o corpo da nação. Os escravos são iguais em número aos homens livres. Os índios domesticados são destituídos de energia, e os selvagens nenhum partido tomarão nesse assunto. Há vinte mil homens de tropas regulares. A princípio, eram todos portugueses, mas, à proporção que morriam, foram sendo substituídos por naturais do país, de modo que os brasileiros compõem hoje a maior força das tropas, e podemos contar com eles. Os oficiais são em parte portugueses, em parte brasileiros. Seu valor é indubitável; conhecem as manobras, mas desconhecem a ciência da guerra e nenhuma predileção têm a favor de Portugal, nem manifestam algum sentimento forte por outro qualquer objeto. Os clérigos são igualmente em parte portugueses, em parte brasileiros, e não parece que tomem grande interesse na contenda. A nobreza é apenas conhecida como tal. Os chamados fidalgos não fazem questão de distinguir-se do povo. Os homens de letras são os que mais desejam a revolução. O povo não é muito influenciado pelos padres. Numerosos indivíduos sabem ler e escrever: possuem armas e costumam servir-se delas para caçar. Os escravos têm de seguir a causa dos senhores.

— Há no Brasil um forte espírito de separação?

— Pelo que respeita à revolução, não há mais do que um sentimento em todo o país — mas não aparece uma pessoa capaz de dirigi-la, ou que se arrisque, pondo-se-lhe à frente, sem o auxílio de uma nação poderosa...

— Continue.

— Os brasileiros consideram a revolução da América do Norte como precursora da que eles desejam: é dos Estados Unidos que esperam todo o socorro. As melhores simpatias desenvolveram-se entre nós para convosco. O Rio de Janeiro, atualmente capital da colônia, conta cinquenta mil habitantes. Conheço a antiga capital, São Salvador. Visitei, igualmente, as minas de ouro situadas no interior do país. Todos esses lugares propendem para a revolução e, como constituem o corpo da Nação, poderão arrastar os outros consigo. O quinto que o Rei cobra do produto das minas anda por treze milhões de cruzados. Apenas o Rei tem o direito de explorar as minas de diamantes e de outras pedras preciosas, que lhe rendem quase metade dessa quantia. Somente o rendimento dessas duas fontes de riqueza deve montar a dez milhões de dólares, por ano; mas o remanescente do produto das minas, que sobe a vinte e seis milhões de dólares anuais, pode ser aplicado nas despesas da revolução. Afora as armas que andam pelas mãos do povo, há depósitos delas. Há muitos cavalos, mas só uma parte do Brasil permite o serviço de cavalaria. Precisaremos de artilharia, munições, navios, marinheiros, soldados' e oficiais; e para tudo isso estamos deliberados a recorrer à vossa Nação, entendendo-se sempre que os fornecimentos e serviços serão necessariamente pagos.

— E Portugal?

— Portugal não dispõe de esquadra nem de exército; portanto, não poderá invadir o Brasil, antes de um ano. Tal invasão seria para a metrópole mais para temer porque, a falhar a primeira, não seria possível intentar segunda, pois, cortada a principal fonte de sua riqueza, apenas conseguiria um pequeno reforço; ao mesmo tempo, se a Espanha invadissem o país pela parte do sul, ficaria sempre tão distante do corpo dos estabelecimentos que não chegaria até eles e, portanto, a intromissão da Espanha nesse negócio não será para recear-se. As minas de ouro estão entre montanhas inacessíveis aos exércitos e o Rio de Janeiro é o porto mais seguro do mundo, depois de Gibraltar. No caso de termos de sustentar grandes forças, estamos providos de muito gado. Em algumas regiões, abatem-se reses unicamente para aproveitar-se o couro. A pesca da baleia é exclusivamente feita pelos naturais, mas em embarcações pequenas, de modo que não sabem manobrar as de grandes dimensões. O Brasil importa de Portugal farinha de trigo e peixe salgado; passaria, depois da independência, a comprá-los nos Estados Unidos, que também lhe venderiam os navios necessários à guerra e ao comércio. A farinha de trigo, na colônia, é vendida ao preço de vinte libras cada cem alqueires. E, para terminar, quero dizer-vos que a parte mais ilustrada da colônia tem por infalível a independência. Sobre essa revolução não há mais do que um pensamento em todo o país, e, no caso de ela ser bem sucedida, será organizado um governo republicano, o qual se generalizará por todas as províncias.

— Como lhe antecipei, não tenho autorização do meu país para aceitar propostas, nem tampouco fazê-las. No entanto, como simples cidadão, vou comunicar as suas palavras ao meu governo. Não acredito, porém, que estejamos em condições de comprometer a nação em uma guerra com Portugal, cuja amizade desejamos cultivar, tanto assim que, ainda há pouco, celebramos vantajoso acordo comercial entre os dois países. Nosso apoio, no entanto, poderá ser de outra forma. A esperança de consideráveis vantagens chamará ao Brasil numerosos indivíduos em seu auxílio e, por motivos mais nobres, serão atraídos os nossos oficiais, em cujo número há muitos excelentes. Nossos concidadãos, podendo sair da pátria quando querem, sem licença do governo, podem da mesma sorte dirigir-se a qualquer país.

Por entre as pedras altas, passou um vulto. Tomás Jefferson fez-lhe sinal. O vulto aproximou-se.

— Chame o carro.

Dali a momentos, a carruagem deslizou pela noite, ao trote das duas parelhas, e veio estacar diante da porta magna do Coliseu. O Embaixador e o estudante caminharam lentamente para ela, trocando palavras sem importância. Quando Jefferson pôs o pé no estribo, ainda lhe estendeu a mão

enluvada, que o rapaz apertou comovidamente. Outro sinal do Embaixador e os cavaleiros do Rei partiram à frente, depois a carruagem; no coice os dois carros que a escoltavam, conduzindo auxiliares. -E José Joaquim da Maia ficou de pé, sob um arco do Coliseu, por onde entrava o luar, um luar pálido e remoto que mais falava da eternidade que das pequeninas questões dos homens.

Voltou à estalagem à *l'enseigne* da Lebre de Ouro. Na manhã seguinte, tomou a diligência para Montpellier. Mas não voltou à Universidade.

Assim que pôde, abandonou os estudos e regressou a Portugal. Lá chegando, imiscuiu-se entre os estudantes brasileiros, fazendo propaganda da independência da pátria. Suas palavras não caíram em chão ingrato. Dentro de pouco, o ambiente era de tal maneira favorável aos patriotas brasileiros que despertou temor em muita gente. Chegou a transpor as muralhas medievais do claustro de Santa Clara, em Coimbra. A Madre Joana de Mendes Valadares mostrou temor pela sorte de seus parentes que se encontravam na colônia. Em 18 de julho de 1787, escrevia ela ao primo Joaquim Pedro de Sousa Câmara, moço fidalgo da Casa Real e sargento-mor dos auxiliares da comarca do Rio das Mortes, pedindo-lhe que se retirasse, quanto antes, para o Reino.

"Vossa senhoria que aí está bem, aqui ficará melhor; e suponhamos que se introduz o espírito de vertigem nos ânimos desses naturais, e que tumultuam; nesse caso, parece que mais arriscado seria o partido da honra, que vossa senhoria infalivelmente havia de seguir; e o melhor é evitar estes apertos e vir com eles à presença da soberana e livrar-se de um Governo subalterno, que às vezes degenera em despotismo."

Essa carta veio a figurar na devassa. O sargento-mor viu-se em dificuldade para explicar aos questores o sentido das palavras da prima de Coimbra...

José Joaquim da Maia, anos depois, sentindo-se morrer, quis voltar ao Brasil e rever os parentes. Doíam-lhe saudades do pai, o velho pedreiro da Lapa, do casebre em que nascera, das paisagens familiares da infância. Mas a enfermidade que já ia muito avançada, reteve-o no leito. Em parte, para seu bem. Qual seria a sua sorte se, tendo embarcado para o Brasil, aí estivesse ao tempo em que se procederam às devassas? Seu nome e sua atividade em prol da emancipação da colônia foram apontados em diversos depoimentos. O Visconde de Barbacena ligou tamanha importância ao estudante de Montpellier que, em 30 de junho de 1788, de própria mão, escreveu ao ouvidor da comarca de Vila Rica, como juiz devassante:

"Por ser digno de maior e mais particular averiguação o fato em que tocou o Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, em suas últimas

respostas, referindo-se ao Dr. Domingos Vidal Barbosa acerca de uma carta escrita ao Ministro dos Estados Unidos da América Setentrional, por um estudante do Brasil que se achava em Montpellier, ordeno a vm. que me informe sumariamente dele, inquirindo novamente o coronel, o dito Domingos Vidal e as mais pessoas que se deferiram nos seus depoimentos, com o mesmo escrivão que tenho nomeado para as diligências desta natureza etc."

A 25 de janeiro de 1791, o desembargador José Pedro Machado Torres determinava que o ouvidor, escrivão Marcelino Pereira Cleto, respondesse, para maior clareza e inteligência, entre outras perguntas, à seguinte: "Por que causa se não "segurou" e perguntou a José Joaquim da Maia, filho de um pedreiro desta cidade, referida pela testemunha n.º 20, (Domingos Vidal Barbosa)?" E o escrivão respondeu "que se não perguntou a José Joaquim da Maia, por estar ausente e constar ser falecido, e que seu pai era falecido e que "por isso" não se perguntava também."

Foram, no entanto, reinquiridas as seguintes testemunhas: Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, Domingos Vidal Barbosa, Cônego Luís Vieira, sargento-mor Luís Vaz, Tenente-Coronel Domingos de Abreu, Padre Francisco Vidal Barbosa, que repetiu o que ouvira do irmão, e o Bacharel José Pereira Ribeiro. Este último, que o leitor já conhece, foi apanhado com dois livros que o amigo lhe havia dado em Montpellier, como lembrança. Para felicidade sua, não tinham nenhuma dedicatória.

Interrogado sobre quem era aquele José Joaquim da Maia, contestou:

— Não sei de quem estão falando. Não o conheço.

Depois, reperguntado sobre se tinha ouvido alguma coisa a propósito da correspondência entre o estudante e o Embaixador americano, declarou:

— Nada ouvi, nada sei.

O Ouvidor Marcelino Pereira Cleto, durante o interrogatório, caminhava de um lado para outro. De quando em quando, estacava no meio da sala, abria a caixinha de rapé, levava demoradamente a pitada às narinas e, depois, punha-se a caçar, nos bolsos traseiros da rabona, um grande lenço de ramagens... Conseguido o espirro, determinava:

— Senhor escrivão, tome por termo as palavras do depoente!

Ouvindo a ordem, César Manitti afocinhava na mesa. A pena de pato rangia sinistramente sobre as quartilhas de papel. E o escrivão gatafunhava, gatafunhava, gatafunhava...

FIM